



Universidade dos Açores

Departamento de Ciências da Educação

Maria Carolina de Oliveira Pacheco

Conceções de Adolescentes Acerca da Violência

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação

Especialidade: Contextos Educativos

Orientação Científica da Professora Doutora Isabel Estrela Rego

Ponta Delgada
2012

Universidade dos Açores

Departamento de Ciências da Educação

Conceções de Adolescentes Acerca da Violência

Maria Carolina de Oliveira Pacheco

Dissertação apresentada à Universidade dos Açores para
obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Educação, na
Especialidade de Contextos Educativos, realizada sob a
orientação científica da Professora Doutora Isabel Estrela Rego

Ponta Delgada

2012

RESUMO

A violência é considerada por muitos autores como um grave problema de saúde pública em todo o mundo. É um fenómeno que tem origens multifatoriais, manifestações multifacetadas, pelo que requer uma leitura pluridimensional. A investigação acerca das conceções dos adolescentes sobre a violência é ainda um tanto ou quanto incipiente em Portugal. A nossa dissertação serve o objetivo de aprofundar conhecimentos sobre a temática, com o propósito de melhorar o entendimento acerca das conceções construídas por adolescentes em contexto escolar acerca da violência em geral. Questionámos que tipos de violência eles identificam, que causas explicativas subentendem, que consequências preveem para o fenómeno, que concetualização estabelecem para uma possível prevenção, assim como que visibilidade consideram ter o problema. No final, avaliamos as crenças que constroem em relação à violência, no que concerne à sua funcionalidade e adaptabilidade.

A nossa investigação inscreve-se e apoia-se numa metodologia qualitativa, utilizando como método de recolha de dados, o questionário e entrevista semiestruturada e como análise de dados, a análise de conteúdo.

Na análise geral realizada, podemos inferir que a nossa população de adolescentes possui crenças congruentes e funcionais acerca da violência, assim como revelam uma construção bem sucedida e construtiva acerca das possibilidades inerentes à violência, tecendo estratégias para a sua resolução.

Palavras-chave: conceções, violência, adolescência, escola

ABSTRACT

Violence is considered by many authors as a serious public health problem worldwide. The problem has multifactorial origins, multifaceted manifestations and therefore requires a pluridimensional reading. The investigation concerning adolescent's conceptions about violence is still somewhat inchoate in Portugal. Our thesis serves to profound knowledge on the subject, with the aim of improving the understanding of conceptions built by teenagers in schools about violence in general. We question what kind of violence they identify, what they understand as underlying causes, what's the consequences from the phenomenon, which prevention is possible to establish as well as what visibility the problem has. At the end we describe their beliefs about violence and explain whether they are functional or dysfunctional.

Our study follows a qualitative approach using a questionnaire and a semi-structured interview to collect data and content analysis to analyze it.

Findings show that, in general, the teens in this study evidence functional and congruent beliefs about violence and reveal a successful construction of the possibilities inherent in violence, weaving strategies for their resolution.

Keywords: conception, violence, adolescent, school

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todas as pessoas que me ajudaram e acreditaram em mim ao longo desta aprendizagem.

Em primeiro lugar, um agradecimento muito especial à minha orientadora, Professora Doutora Isabel Estrela Rego, por ter disponibilizado o seu conhecimento, sempre que necessitei.

A toda a minha família, pais, irmão, namorado e amigos, pela ajuda e compreensão.

À minha coordenadora, Dr.^a Fátima Sousa, pela sua amizade e paciência ao longo deste percurso.

Aos participantes do estudo e membros do Conselho Executivo da Escola Secundária, pelo apoio e auxílio incansável que prestaram.

A todos aqueles que cruzaram o meu caminho e fizeram-me acreditar que seria possível alcançar os meus objetivos.

Um Bem-haja a todos...

ÍNDICE GERAL

	Pag.
Resumo.....	1
Abstract.....	2
Agradecimentos.....	3
Introdução.....	8
Capítulo I – Enquadramento Teórico.....	14
1. A violência.....	14
2. Modelos Explicativos da Violência.....	16
2.1 Teoria Cognitiva Neo-associacionista.....	16
2.2 Teoria da Aprendizagem Social.....	18
3. Tipologia da Violência.....	19
3.1 Violência Física.....	20
3.2 Violência Psicológica.....	21
3.3 Violência Sexual.....	23
3.4 Negligência.....	24
4. Violência em Contexto Escolar.....	25
5. Exposição à Violência.....	26
6. Caracterização dos Protagonistas.....	27
6.1 Vítima.....	28
6.2 Agressor.....	29
6.3 Observador.....	31
7. Consequências da Violência.....	32
7.1 Vítima.....	32
7.2 Agressor.....	35
7.3 Observador.....	36
8. Fatores Explicativos da Violência.....	37
8.1 Fatores de Risco.....	37
8.1.1 Fatores Biológicos e Ambientais	38
8.1.2 Fatores Socioculturais	39
8.1.3 Fatores Cognitivos.....	39
8.1.4 Fatores Individuais.....	42

8.1.5 Fatores Familiares.....	43
8.1.6 Fatores Escolares.....	46
8.2 Fatores Protetores.....	48
8.2.1 Fatores Individuais.....	48
8.2.2 Fatores Familiares.....	49
8.2.3 Fatores Extrafamiliares.....	51
9. Prevenção.....	52
Capítulo II – Estudo Empírico.....	56
1. Objetivos do Estudo Empírico e Opções Metodológicas.....	56
2. Participantes.....	57
3. Procedimentos, Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados...	58
3.1 Questionário Sociodemográfico.....	59
3.2 Escala de Crenças da Criança sobre a violência...	59
3.3 Entrevista.....	60
4. Procedimentos de Análise de Dados.....	61
Capítulo III – Apresentação, Análise e Discussão dos	64
Resultados	
1. Análise Individual.....	64
Participante 1.....	64
Participante 2.....	69
Participante 3.....	73
Participante 4.....	77
Participante 5.....	82
Participante 6.....	87
Participante 7.....	93
Participante 8.....	98
2. Análise Geral.....	103
A Violência.....	103
Hipóteses Explicativas.....	104
Consequência.....	107
Emoções.....	108
Prevenção.....	108

Visibilidade do Fenómeno.....	108
E.C.C.V.	109
Conclusão.....	110
Referências Bibliográficas.....	114
ANEXOS.....	131
Anexo I – Consentimento Informado.....	132
Anexo II – Questionário Sociodemográfico.....	133
Anexo III – Escala de Crenças da Criança sobre a Violência.....	134
Anexo IV – Guião da Entrevista.....	136
Anexo V – Sistema de Subcategorias.....	137
Anexo VI – Transcrição das Entrevistas Formato Digital.....	144

Índice de Tabelas

Quadro 1. Identificação Sociodemográfica dos Participantes.....	58
---	----

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade a violência vem sendo um fenómeno constante (Abramovay, Castro, Pinheiro, Lima & Martinelli, 2002; Pasinato, Camarano e Machado, 2006) e universal (Burtea, Sangeorzan, Rogozea, Mosoiu, Nedelcu, Popescu, 2008; Silva, 2009). No mundo global em que vivemos, muito podemos constatar sobre esta problemática, que irrompe no quotidiano de uma grande maioria de pessoas, assumindo assim, um carácter presente e atual na nossa sociedade (Coelho, 2006; Fonseca & Veiga, 2007; Ribeiro, 2008). A violência atinge o contexto público e privado (Abramovay, et al., 2002; Fonseca & Veiga, 2007), não se restringe a determinadas culturas, estratos sociais (Pascolat, Santos, Campos, Valdez, Busato e Marinho, 2001; Abramovay et al., 2002; Costa, Carvalho, Barbora, Santos, Gomes e Sousa, 2007), raciais ou económicos, embora as vítimas e os agressores se possam destacar por género, idade, etnia e classe social (Abramovay et al., 2002).

Muitas vezes a violência chega até nós sem pedir licença, por intermédio dos meios de informação, principalmente dos *mídia* (Ramírez & Garcias, 2005; Maia & Williams, 2005; Ramírez, 2007; Santos, Aléssio & Silva, 2009) e também sob esta forma, ela pode representar um impacto negativo nas perceções (Ramírez, 2005; Maia & Williams, 2005; Virginia Tech, 2007 cit. in Hishinuma & Chang, 2011; Santos et al., 2009) das pessoas em geral. Nem que seja pela exposição repetida e constante à matéria violenta apresentada por estes meios de comunicação (Burtea et al., 2008; Loureiro & Queiroz, 2005). Será sobretudo por isso, que importa conhecer a perceção das pessoas, e em especial a dos adolescentes, acerca deste fenómeno pois poderão também eles, assumir o papel de observadores, de vítimas ou de agressores.

A violência foi reconhecida mundialmente em 1996, pela 46ª Assembleia Mundial de Saúde, como um importante e crescente problema de saúde pública em todo o Mundo (Pasinato, 2006) e atualmente, continua a ser-lhe conferido este valor (OMS, 2002; Burtea et al., 2008; Silva & Pereira, 2008; Lopes, Neto & Saavedra, 2003; Barros, Carvalho & Pereira, 2009). A violência assume-se como problema de saúde pública essencialmente devido às consequências que acarreta para os indivíduos, famílias, comunidades ou países a curto e a longo prazo, com prejuízos gravosos, assentes no domínio do desenvolvimento pessoal, social e económico. Assim sendo, o fenómeno da violência constitui um fator de risco potencial à obstrução do desenvolvimento integral humano (Lopes, Neto & Saavedra, 2003; Barros, Carvalho & Pereira, 2009) e representa a principal causa de morbilidade e mortalidade na adolescência (Abramovay et al., 2002; Waiselfisz, 2004; Assis, Deslandes, Santos, 2005 cit.

in Silva & Pereira, 2008) com causas multifatoriais associadas, incluindo fatores de acesso a armas, abuso de substâncias, pobreza, meios de comunicação e violência familiar (Pascolar, 2001).

Segundo o relatório da UNICEF referente ao bem-estar, cerca de 40% das crianças estudadas referiram ter sido vítimas de *bullying* na Suíça, Áustria e Portugal (Quental & Veiga, 2010), o que revela bem a representatividade do fenómeno. No entanto, o problema pode eventualmente agravar-se, se percebermos que a violência indireta normalmente passa despercebida entre profissionais, familiares, amigos e na comunidade (Burtea et al., 2008) sendo, por isso, tolerada.

A mera exposição à violência pode ter efeitos adversos como por exemplo, promover quadros de ansiedade, depressão e comportamento anti-social (Sieger, Rojas-Vilches, McKinney & Renk, 2004 cit. in Hishinuma & Chang, 2011). Na verdade, consideramos que podem existir múltiplas razões para combater a violência nas suas diversificadas manifestações e contextos. Porém, talvez possamos assumir que, uma das principais razões se refere ao facto do fenómeno acarretar consequências graves, altamente prejudiciais e nefastas a nível social e da saúde para as vítimas, agressores, observadores, familiares e amigos, colocando em causa toda a estabilidade da comunidade mais abrangente (Ruback & Thompson, 2001; Fonseca & Veiga, 2007).

Em última instância, uma das consequências mais graves e preocupantes da violência é a morte (Fonseca & Veiga, 2007), que se constitui num grave problema mundial, pois estima-se que todos os dias, em todo o Mundo morrem 1.500 pessoas devido à violência interpessoal, sendo que a maioria destes números surge em países desenvolvidos (Krug et al., 2002; Sá, Curto, Paula, 2009). Em Portugal, entre o ano de 2006 e 2011, as mortes de mulheres no contexto das relações íntimas representa cerca de 80% dos casos (Almeida, 2011). Em 2008, na Região Autónoma dos Açores, as mulheres vítimas de violência física, sexual e psicológica, apresentava uma prevalência de 53,3%, superior à estimada para o Continente no ano anterior. Se tivermos em consideração que a maior parte das vítimas continua a silenciar passivamente os atos e os autores são essencialmente os parceiros íntimos, passados ou atuais, isso confere um grau acrescido de preocupação, pois podemos estar perante situações que prolongam trajetórias de violência até aos limites do perigo físico para as vítimas (Caderno Interno de Violência nos Açores, 2010).

Os maus tratos constituem um fenómeno complexo e multifacetado que se desenrola com grande incidência em crianças e jovens, sempre com repercussões negativas no crescimento, desenvolvimento, ao nível da saúde, bem-estar, segurança, autonomia e

dignidade dos indivíduos. Pode causar sequelas físicas (neurológicas e outras), cognitivas, afetivas e sociais, irreversíveis a médio e longo prazo ou, mesmo, provocar a morte (Ministério da Saúde, 2005, 2006). Também se sabe que as crianças vítimas de maus tratos estão sujeitas a um risco, desde o nascimento até à adolescência, três vezes superior ao da população infantil em geral (Sabotta & Davis, 1992). Se antigamente a criança era desvalorizada na família e não lhe eram atribuídos direitos, hoje podemos dizer que estes direitos apesar de legislados, nem sempre são cumpridos (Coelho, 2006, Maia, 2005; Maia e Williams, 2006; Caridade, 2010).

Desde há muitos anos, que a violência é utilizada frequentemente como método de resolver conflitos e satisfazer a obtenção de objetivos e diversas ambições (Sá et al., 2009). Segundo Campbell e Muncer (ref. em Bandura, 1986) a Teoria da Representação Social pode ser útil para estudar a violência do dia-a-dia e explicar como os homens e mulheres percebem experiências agressivas, uma vez que os indivíduos podem ter vários níveis de crenças agressivas instrumentais e expressivas (Berkowitz, 1993; Burtea et al., 2008). Para além disso, a forma como o indivíduo avalia a comunicação e o comportamento do outro, também pode ser crucial no modo como ele age (Oneal e Taylor, 2007; Searle, 2006; Lawrence, Green, 2005 cit. in Burtea et al., 2008) e explicar se responde com ou sem violência.

Há muitos anos que a adolescência, enquanto etapa do ciclo de vida em que se dão grandes transformações físicas e psicológicas e que está associada a comportamentos de risco, tem vindo a suscitar o interesse da comunidade científica. Assinale-se o estudo dos comportamentos desviantes, como o abuso de substâncias, a gravidez precoce ou as situações de violência (Romer, 2003). A violência tem vindo a ser associada ao acréscimo da violência juvenil, e é encarada como potenciadora de mais violência, pela frustração que pode provocar em alguns adolescentes (Fonseca, Simões & Formosinho, 2000). A violência juvenil, é considerada em muitos países como um sério problema de saúde pública (Hishinima & Chang, 2011). Quando um problema de tal ordem se instala nas sociedades, é premente compreender que existem fatores promotores de um acréscimo de risco, que fazem com que certas populações sejam mais vulneráveis à vitimização e à perpetuação da violência (Shawn & Behrens, 2005 cit. in Sani & Ribeiro, 2009), enquanto outros fatores protegem os indivíduos em relação ao desenvolvimento de atos violentos e fomentam nestes a capacidade para superar ambientes adversos (Sani e Ribeiro 2009).

A maioria da investigação empírica realizada acerca da violência sugere uma grande proximidade entre os adolescentes e esta realidade, frequentemente detetada no discurso de

alguns jovens quando descrevem episódios de violência física e psicológica. A escola surge como um contexto privilegiado para estes fins, pois nela se manifestam frequentes acontecimentos violentos, que vão desde as agressões verbais entre alunos e destes para professores, através de injúrias, ameaças e provocações, até às intimidações físicas e ao porte de armas (Abramovay e Rua, 2002; Loureiro e Queiroz, 2005; Guimarães e Campos, 2007; Burtea et al., 2008; Sebastião, 2010). A escola apresenta-se assim como palco principal da violência, sendo retratada como um cenário de conflitos e agressões que cria sentimentos de insegurança e medo (Cocco, Lopes & Peretto, 2008). As divergências podem se tornar rotineiras, se não forem discutidas nem negociadas construtivamente, elas se expressam inicialmente sob a forma de agressões menores que se vão acumulando (Debarbieux & Blaya, 2002).

Há uma incompatibilidade entre o real e o desejado, pois o ideal seria podermos proporcionar aos alunos um ambiente escolar equilibrado, promotor da aprendizagem, da construção de identidade, da aquisição de normas e valores (Aikenhead, 2009; Debarbieux, 2006; Estrela & Ferreira, 2002; Thompson, Arora & Sharp, 2002 cit. in Quental e Veiga, 2010; Cocco, Lopes & Peretto, 2008) a favor da liberdade e do direito a viver sem medo e sem intimidação.

Na escola, a violência pode assumir diversas formas específicas, no entanto a manifestação que tem adquirido maior visibilidade na literatura (Matos, Negreiros, et al., 2009 cit. in Costa & Pereira, 2010) e à qual se confere um aumento significativo (Veiga, 2011) em parte devido ao alargamento da escolaridade obrigatória (Ribeiro, 2007) é a violência entre pares ou bullying. A avaliação dessa temática tem sido efetuada através de iniciativas da escola e dos observatórios de violência escolar que existem já em diversos países (Veiga, 2011) e possivelmente também existirão em São Miguel (Açoriano Oriental, 2012).

Em Portugal, a indisciplina e a violência na escola têm sido temas merecedores de muita atenção e alguma preocupação (Caldeira & Veiga, 2011). Podemos verificar que em determinadas investigações se faz notar uma evolução fácil da indisciplina escolar para a violência, agressividade ou bullying (Caldeira & Veiga, 2011). No entanto, gostaríamos de referir que a violência na escola não é um problema restrito a Portugal, nem pode ser desinserido da violência no meio ambiente envolvente, pois a escola é afetada pela violência que existe na sociedade (Quental e Veiga, 2010). Muito embora, a escola possa desenvolver ações para reduzir a violência, ela reporta-se a algo que se constitui entre e a partir das pessoas (Cocco, Lopes & Peretto, 2008), daí que, o problema não se esgota neste domínio, já

que todos os que frequentam a escola são também afetados pelos meios de comunicação, pela violência na sociedade, pela violência familiar, que continua a ser muito comum em vários países europeus (Fonseca e Veiga, 2007).

Temos portanto a noção de que estamos perante um fenómeno problemático e multifacetado, uma vez que a violência é passível de existir em todos os ambientes, estruturas ou contextos em que o conflito não é negociado e onde há intolerância à divergência (Loureiro e Queiroz, 2005). Na última década tem sido dada mais relevância à comunicação e à perceção das diferentes formas de risco associadas à violência. Importa aceder não só à violência quotidiana que se manifesta nos casos extremos e envolvendo indivíduos com incapacidades, com também explorar a perceção daqueles que até possam não estar implicados em comunicações violentas (Burtea et al., 2008).

Deste modo, teremos como propósito expor as conceções de violência construídas pelos adolescentes, uma vez que são eles, os principais protagonistas das histórias de violência, seja como agressores ou vítimas dos eventos (Cocco, Lopes & Peretto, 2008). Embora haja muita literatura que indica como determinados fatores aparentemente promovem a violência, poucos estudos dizem como a comunidade em geral perceciona o problema (Hishinuma & Chang, 2011). Para além disso, diversos estudos focam a sua atenção somente nos agressores e nas vítimas, não atribuindo a mesma atenção ao papel dos restantes membros do seu grupo de pares (Nansel et al., 2001; Raimundo & Seixas, 2009; Costa & Pereira, 2010) que podem também ser observadores, e podem referir-se a qualquer adolescente inserido numa dada escola.

A realização da presente dissertação deveu-se em grande parte a motivos profissionais e ao facto de, ao longo de cinco anos de prática, a autora deste trabalho ter ouvido relatos diários de histórias de violência, diretas e indiretas, de curto e longo termo, que parecem modelar as crenças e as atitudes de quem as vive. Daí surgiu o interesse pela descoberta das perspetivas construídas pelos adolescentes acerca do fenómeno.

O presente trabalho usufrui de estudos recentes e visa aprofundar o nosso conhecimento acerca das conceções dos adolescentes sobre o fenómeno da violência nas suas múltiplas formas e manifestações possíveis. Ou seja, pretende-se saber como é que adolescentes concetualizam, definem, e representam os processos violentos e os protagonistas envolvidos. Procura-se, de igual forma, explorar e identificar elementos que possam ser orientadores de hipóteses explicativas da ação violenta e das consequências por ela despoletadas. Importa saber qual a visibilidade que o fenómeno possui, se é relativamente frequente, num contexto pessoal, familiar ou comunitário e que tipo de prevenção é tida como mais adequada, tendo

em vista, uma melhoria nos índices de violência. Para finalizar, é pretensão deste estudo auferir a funcionalidade das crenças dos adolescentes participantes no estudo (se são crenças funcionais ou disfuncionais) acerca da violência.

Fazendo uma breve descrição da organização dos conteúdos abordados na nossa dissertação, podemos dizer que esta se divide essencialmente em três capítulos: o primeiro faz referência às definições e tipologias relativas ao fenómeno da violência, revelando alguns conteúdos que sugerem a sua pertinência como objeto de estudo. Alude, também, aos modelos e fatores explicativos do processo de violência.

O segundo capítulo é respeitante à metodologia utilizada no estudo empírico. Para alcançarmos os desafios propostos optámos por uma metodologia qualitativa e utilizámos como instrumentos de recolha de dados, o questionário e a entrevista semiestruturada. A análise de conteúdo foi o método de análise e tratamento de dados escolhido, para levar a cabo a nossa investigação.

O terceiro e último capítulo, abrange os resultados e discussão do estudo empírico sobre as concepções acerca da violência de adolescentes, alunos do 7º ao 10º ano de escolaridade. Finalizamos a nossa dissertação com considerações finais, onde serão apresentadas a conclusão e as limitações relativas ao nosso estudo.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1. A Violência

Parece ser consensual entre a grande maioria dos estudiosos nesta área que a violência envolve aspetos individuais, culturais, sociais, políticos e económicos (Antunes & Zuin, 2008; Barros et al., 2009). No entanto, muitos autores referem que não é simples definir violência, devido à sua complexidade e vasta amplitude (Abramovay, et al., 2002). Definir a violência, pode ser uma tarefa paradoxal por exemplo, no que se refere à distinção entre violência e agressividade (Alexandre, 2006; Doron & Parot, 2001; Santos, 2004; Silva, 2009a), a diferença pode não se afirmar pelo ato em si, mas sim pelo endereçamento do mesmo, pelo que, a primeira pode ser concebida como um efeito do contexto que a circunscreve (Tavares, 2010) e limita (Santos, 2004).

Acreditamos que se por um lado a violência pode ser aprendida, por outro, pode também estar relacionada com a falta de controlo de impulsos e com um *deficit* ao nível dos vínculos psicossociais que o indivíduo cria (Santos, 2004; Silva, 2009a). De acordo com Anderson e Bushman (2002) a violência é a agressão que tem como objetivo o dano extremo (e.g. morte), considerando que toda a violência é agressão, mas muitas situações de agressão não são violentas (Ribeiro e Sani, 2008). Apesar das dificuldades de delimitação conceptual, podemos dizer que a violência pode ser entendida como destrutividade, sendo uma exteriorização da agressividade (que é interna), pela agressão (que é para o exterior), quando existe uma falha no contexto ambiental (Alexandre, 2006; Winnicott, 2002 cit. in Silva, 2009a).

A natureza da agressão pode ser considerada normal ou patológica (Burtea, et al., 2008; Mielnik, 1982 cit. in Silva, 2009a). A primeira é encarada como uma atitude adaptativa, natural e inerente ao indivíduo, porque perante determinadas circunstâncias, nomeadamente quando a sua sobrevivência está em risco de ser ameaçada, ela pode ser ativada como mecanismo de defesa às ameaças à sua sobrevivência, surgindo como uma manifestação do instinto de conservação, de sobrevivência e de autodefesa (Gaiarsa, 1993). Por outro lado, a agressividade patológica está relacionada com aqueles casos em que as crianças manifestam uma agressividade excessiva, não conseguindo conter a sua atitude destrutiva constante. Resultando por exemplo em problemas de personalidade e de conduta, promotores de rejeição social (Silva, 2009a,b). Se a agressividade se torna excessiva e desorganizada, ela pode configurar-se em violência, que é vista como o desejo de destruir ou, segundo Costa (1986), é

o emprego desejado da agressividade, portanto direcionada (Sá, Barrense, Ferreira, Quireli & Cinque, 2009) para provocar dano. A violência segundo Fachini (1992, p. 49) “(...) é uma expressão patológica de um impulso agressivo desproporcionado” (citado por Sá et al., 2009).

Parece consensual entre a grande maioria dos autores, que a violência é um fenômeno multifacetado. Pelo seu significado etimológico, traduz-se no abuso de força e poder, refere-se a toda a ação que provoque danos à vida e saúde do indivíduo (Alexandre, 2006; Silva 2009a; Ramírez, 2001). O conceito de violência está assim associada à ideia de uso da força com o intuito de causar dano, intencional ou não, mas de forma excessiva e abusiva, isto é, que vai para além do que é dito “normal” (Santos, 1999, 2004), que ultrapassa limites, quebra de acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa (Zaluar, 1999 cit. in Guimarães e Campos, 2007; Tavares, 2010). A violência pode ser definida como “uma acção ou comportamento que vai causar dano a outra pessoa ou a qualquer ser vivo. Nega ao outro a autonomia, a integridade física ou psicológica e até mesmo o direito à vida. Também pode ser entendida como o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado” (Candau, Lucinda & Nascimento, 1999 cit. in Barros et al., 2009).

Para alguns autores a intencionalidade é uma característica a demarcar. Para Strecht (2004 cit. in Silva 2009a) a violência é vista “como o emprego deliberado da agressividade com fins de destruir, humilhar e fazer o outro sofrer, existindo sempre uma intencionalidade no ato violento” ou como “qualquer forma de conduta que visa prejudicar ou ferir outra pessoa, física ou psicologicamente”. Salientamos também a intencionalidade do ato agressivo, como forma de obter algo desejado, exprimir poder e domínio e até como forma de ser respeitado, ganhar um estatuto social privilegiado, impressionando o outro (Berkowitz, 1993; Doron & Parot, 2001; Pavarino, Del Prette & Del Prette, 2005; Silva, 2009).

O ato violento é acima de tudo o excesso, a expressão, a sobreposição, a imposição das próprias necessidades, expectativas e vontades de um ator social sobre as de outro, assim, o fenômeno pode ser lido como a expressão de um conflito numa dinâmica de poder (Santos, 2004; Guimarães e Campos, 2007). Segundo a OMS, a violência constitui-se “no uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulta em ou tem alta probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência desenvolvimento ou privação” (OMS, 2002). O homicídio pode ser considerado a pior consequência do fenômeno a expressão máxima da violência. Muitos crimes violentos também ocorrem sem morte, e são de igual forma graves e importantes de referir, incluindo tentativas de homicídio, lesão corporal, maus-tratos contra crianças e jovens, entre outros (Senasp, 2007 cit. in. Sá et al., 2009).

Podemos então concluir que a conceptualização da violência pode consistir numa pluralidade de atos violentos (Abramovay et al., 2002; Magalhães, 2005), nomeadamente o *bullying* que tem sido predominantemente utilizado no contexto escolar, embora possa prevalecer noutros contextos, como no laboral (Conde, 2009). O *bullying* difere essencialmente da agressão ocasional, pela sua persistência no tempo, assim como pela desigualdade de poder entre os intervenientes (Matoa, Negreiros, et al., 2009; Olweus, 1994; Pereira, Mendonça, Neto, Valente & Smith, 2004 cit. in Costa e Pereira, 2010).

2. Modelos Explicativos da Violência

Na revisão de literatura efetuada, podemos identificar quadros conceptuais de maior relevância, frequentemente adotados para explanar acerca do comportamento agressivo, salientamos as perspetivas biológicas, as psicobiológicas e as psicossociais. No seu conjunto, perseguem o objetivo de compreender o comportamento agressivo na sua globalidade, explorando os seus mecanismos de aquisição, de manutenção e de controlo (Silva, 2009). Queremos confirmar que todas são relevantes para a compreensão do fenómeno. Tratando-se de algo tão complexo, optar por apenas um modelo pode significar não conhecê-lo realmente em profundidade (Ribeiro & Sani, 2009).

As teorias de aprendizagem social e as sócio-cognitivas apontam importantes estratégias para reduzir e prevenir o desenvolvimento da expressão violenta (Pepler e Slaby, 1994 cit. in Romero, 2002). As teorias psicossociais postulam que o contexto social e ambiental influencia significativamente as condutas violentas e são úteis para explicar como elas se reproduzem nos diversos contextos (Ribeiro & Sani, 2009a). Por conseguinte salientamos a Teoria da Aprendizagem Social e o Cognitivismo Neo-Associacionismo, que apresentaremos em seguida.

2.1 Teoria Cognitiva Neo-Associacionista

A Teoria Cognitiva Neo-Associacionista, enfatiza os processos cognitivos e emocionais (Romero, 2002). De acordo com Berkowitz (1978) acontecimentos aversivos como frustrações e provocações podem produzir no indivíduo, afetos negativos. Afetos estes capazes de estimular automaticamente pensamentos e respostas motoras associadas a um padrão comportamental de luta, promovendo por consequência sentimentos de raiva (Ribeiro, 2008; Ribeiro & Sani, 2009a).

Qualquer contrariedade a um comportamento direcionado a um determinado objetivo, resultaria em frustração e conseqüente agressão se houver oportunidade para a ação e se

estiverem presentes os estímulos correspondentes, como exemplo a ira/raiva (Ribeiro & Sani, 2009a). A frustração é um fio condutor capaz de levar à agressão, segundo Berkowitz (1973) nem toda a frustração ou estímulo negativo leva necessariamente à expressão da agressão, pois nem sempre ela apresenta um carácter aversivo. A agressão depende assim, de como o sujeito vivencia e interpreta determinado evento (Romero, 2002; Ribeiro, 2008). A frustração instiga a violência, no sentido em que gera uma influência negativa e aciona a ação se esse fracasso for desagradável. No entanto, é a interpretação do afeto que altera e condiciona a resposta (Berkowitz, 1989 cit. in Romero, 2002), se a interpretação da experiência emocional for negativa ou desagradável, então podemos dizer que aumenta a tendência de exibição de um comportamento agressivo.

Alguns autores distinguem dois sistemas interpretativos dos comportamentos agressivos, diferenciando a agressividade pela sua intencionalidade. Assim sendo, podemos pensar que existe uma agressividade reativa, afetiva, hostil ou impulsiva e outra denominada de instrumental ou proactiva (Berkowitz, 1993; Gunter 1985; Egländer, 1997; Caprara et al., 1996 cit. in Ferreira, 2006; Ramírez, 2001; Silva, 2009a). O primeiro sistema supõe uma reação inata e impulsiva a uma determinada situação, estímulo ou emoção aversiva (Berkowitz, 1990; Bushman & Anderson, 2001; Romero, 2002; Ferreira, 2006; Ribeiro, 2008; Ribeiro e Sani, 2009). A agressividade hostil é caracterizada como uma explosão de raiva descontrolada, muito provavelmente derivada de uma reação defensiva devido à perceção de frustração em relação aos objetivos idealizados (Doron & Parot, 2001; Raimundo & Pinto, 2007; Ramírez, 2001; Soares, Mendes, Antão & Silva, 2004 cit. in Silva 2009; Ribeiro, 2008) e a sua principal intenção é ferir ou atacar. O estímulo e/ou emoção negativa, como por exemplo a raiva, vai funcionar como um facilitador da resposta violenta, pois antes de mais, será avaliado por um sistema de cognições associadas e este induzila-à, com mais ou menos intensidade, dependendo do estímulo, a reagir agressivamente (Berkowitz, 1993; Romero, 2002; Ferreira, 2006; Ribeiro, 2008).

A agressão instrumental estabelece-se a partir do primeiro sistema, remete para o alcance de determinado resultado, trata-se pois, de um comportamento aprendido com o objetivo de alcançar recompensas e evitar punições (Ledeschi & Felson, 1994). Diferencia-se do primeiro sistema por ser um comportamento controlado, deliberado, centrado em objetivos externos e pela falta de emoção que visa a obtenção de uma recompensa que se encontra associada à própria agressão. A agressão reativa e instrumental, diferem mais pelo objetivo a que se orientam do que pelo mecanismo em si (Romero, 2002; Ribeiro, 2008).

Geralmente, as pessoas têm mais tendência para exibir um modelo de agressão, de forma consistente, em detrimento do outro. No entanto, também acontece que algumas pessoas utilizam um modelo do tipo misto, i. é, em determinados momentos críticos a pessoa pode ativar um modelo mais centrado no desejo de obtenção de algo e noutra situação reagir de acordo com aquele de cariz mais violento, revelando a intenção de ferir e causar dano à outra pessoa (Ramírez, 2001), física ou psicologicamente (Berkowitz, 1993; Ramirez, 2001).

2.2 Teoria da Aprendizagem Social

A Teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1977) compreende a agressividade como um padrão de resposta que é aprendido através de reforço e de modelagem (Ribeiro, 2008). Assim sendo, a violência e seus atos são passíveis de serem aprendidos e treinados: o observador aprende qual o nível de sucesso atingido por determinado modelo de agressividade que é representado por um elemento significativo da família, do círculo de pares ou outro, e identifica as consequências do comportamento desse indivíduo, tenha ele sido punido ou recompensado. Assim o observador passa a conhecer o ato agressivo e em que circunstâncias ele é elogiado ou penalizado (Ribeiro, 2008; Ribeiro & Sani, 2009a).

Assim sendo, podemos depreender que quanto mais frequentemente o sujeito estiver exposto a modelos agressivos, na família, na escola ou através dos meios de comunicação social (especialmente a televisão, onde os modelos filmados têm o mesmo impacto que os ao vivo), maior será a aprendizagem e reprodução desses comportamentos agressivos, pois ela se estabelece através da observação e imitação (Bandura e col, 1963, 1973).

As crianças expostas a qualquer tipo de violência podem aprender que ela é um meio eficaz de resolução de conflitos. Pois muitas vezes, habitam-se a observar a agressividade como fonte de autoestima e orgulho e atuam da mesma forma que os seus modelos, à procura de experimentar a autossatisfação associada ao respetivo comportamento (Bandura, 1973; Silva, 2009a).

A aprendizagem da agressividade estabelecida através da aprendizagem vicariante concretiza-se essencialmente pela atenção e pela codificação do sujeito sobre as pistas disponíveis observadas, que posteriormente serão representadas na sua memória e transformadas em padrões de imitação de comportamento alvos de incentivos (Bandura, 1983; Ribeiro, 2008; Ribeiro & Sani, 2009a).

A assunção de que para aprender o comportamento agressivo, basta observar e reproduzi-lo, também reforça a ideia de que “violência gera violência” (Curtis, 1963 cit. in Sani, 2004) e posiciona a exposição à violência como um grande contributo para o aumento

da probabilidade de utilizar um padrão comportamental similar e agressivo no futuro (Feldman, 1993; Worlfe e Wilson, 1990; Nash, 1985 cit. in Sani, 2004). A imitação e a observação são processos que intervêm na aquisição de respostas novas ou até na modificação das previamente existentes no repertório do indivíduo (Silva, 2009a).

Determinados autores, Miller & Dollard (1967) referem que a base da aprendizagem esta associada ao valor da recompensa. Foi verificado noutros estudos que os pais que encorajavam os filhos a manifestarem atitudes agressivas com outras pessoas, tais como os professores e amigos, tinham crianças agressivas enquanto, os pais de crianças não agressivas desprezavam esta forma de conduta para resolver conflitos (Bandura & Walters, 1990).

De acordo com Bandura (1987) o comportamento humano será lido em termos de interação mútua entre as determinantes cognoscitivas, comportamentais e ambientais. O comportamento agressivo perspectiva-se como uma atitude que prejudica uma pessoa ou a sua propriedade que, além de ser aprendida pode igualmente ser objeto de uma recompensa ou determinado pela relação a um modelo social que valoriza este tipo de conduta. A seleção do modelo de aprendizagem social, depende de uma avaliação exercida sobre diferentes critérios como a inteligência e status, sendo mais provável que o modelo selecionado ocupe uma posição mais elevada na hierarquia social que o observador (Ribeiro & Sani, 2009a).

Em suma, a explanação da origem da manifestação de comportamentos agressivos, pode ser realizada à luz de teorias diversificadas, cujos contributos visam a desmistificação deste fenómeno que se esboça sob formas distintas.

3. Tipologia da Violência

A violência apresenta-se como um fenómeno multifacetado, encontra-se diluída na sociedade e vai permanecendo sob diversas formas ou manifestações (Barros, Carvalho & Pereira, 2009; Quental, 2009 cit. in Quental e Veiga, 2010) que se interligam, interagem, alimentam e fortalecem (Minayo, 2005; Silva & Pereira, 2008). A violência atinge a integridade física e psíquica do indivíduo (Abramovay et al., 2002) de forma autoinfligida, interpessoal e/ou coletiva (Krug et al., 2002).

Alguns autores estabelecem uma distinção classificativa da violência em dois grandes grupos, respeitantes à violência intrafamiliar e extrafamiliar (Ferreira, Gonçalves, Marques e Moraes, 1999; Filho, Santana, Pegoraro e Rodrigues, 2009). O primeiro diz respeito à violência que ocorre no seio familiar, seja ela interparental ou de pais para filhos e vice-versa, a segunda expressa-se no meio institucional, social ou urbano.

A tipologia da violência pode subdividir-se tendo em conta o objeto a que se dirige ou as vertentes que mais diretamente afeta (Oliveira e Manita, 2003; Ribeiro, 2008; Caridade, 2008). No entanto, é muito recorrente haver uma distinção a partir dos mecanismos de violência que são utilizados. A tipologia da violência que iremos demonstrar, parece ser bastante consensual entre diversos autores, devido à sua frequência e relevância (Englander, 1997; Krahé, 2001; Silva, 2003; Magalhães, 2005; Maia & Williams, 2005; Pires et al., 2005; Ferreira, 2006; Sani, 2006, 2007; Caridade, 2008; Tavares, 2010). Importa porém salientar, que os tipos de agressões apresentados não são excludentes, podendo a mesma vítima ter sofrido uma ou mais formas de agressão (Silva, 2003; Gomes, 2006).

3.1 A violência física

A violência física é um dos tipos de violência mais prevalente e relevante, devido às consequências graves que acarreta (Silva, 2003; Costa et al., 2007). Faz referência a uma agressão realizada contra crianças, adolescentes, adultos e idosos, que deriva do uso de força física (Minayo, 2004; Pasinato, 2006) excessiva e desnecessária. Corresponde a uma ameaça à integridade física da pessoa, ao que ela tem como mais precioso, a vida, a saúde e a sua liberdade (Barros et al., 2009).

A violência física compreende qualquer ação ou resposta física e intencional (Sani & Gonçalves, 2000; Souza, Florio e Kawamoto, 2001; Magalhães, 2005; Coelho, 2006; Maia et al., 2007), que pode envolver atos tais como bater, empurrar, pontapear, roubo de pertences, incluindo modalidades de homicídios (Smith & Sharp, 1994; Olweus, 2000; Pereira, 2002; Rodrigues, 2010; Abramovay et al., 2002; Sani & Gonçalves, 2000) implicando ou não, o uso de algum objeto, substâncias perigosas como produtos inflamáveis ou armas brancas e de fogo (Fernández, 1998; Sani & Gonçalves, 2000). É cometida com intenção de coagir (Minayo, 2004 cit. in Pasinato, 2006) causar dano físico, incluindo dor ou sofrimento, ferimentos (Abramovay et al., 2002; Magalhães, 2005; Minayo 2004 cit. in Pasinato et al., 2006), incapacidade e morte (Minayo 2004 cit. in Pasinato et al., 2006; Fonseca & Veiga, 2007; Ribeiro e Sani 2009; Sá et al., 2009; Almeida, 2011).

O dano resultante da agressão física, pode ser consequência de uma ocorrência isolada ou repetida (Magalhães, 2005). Pode traduzir-se em lesões físicas e corporais de natureza traumática, como queimaduras, espancamentos que provocam contusões, fraturas ou hematomas (Abramovay et al., 2002; Silva, 2003; Souza & Ristum, 2005; Magalhães, 2005; Costa et al., 2007; Ribeiro, 2008), doença, sufocação, intoxicação ou síndrome de Munchausen por procuração (Canha, 2003; Magalhães, 2005; Ribeiro, 2008).

As consequências da violência física variam entre marcas temporárias a cicatrizes permanentes, podendo culminar em óbito (Silva, 2003; Souza & Ristum, 2005; Costa et al., 2007). As consequências de tais atos abrangem impactos perniciosos para o desenvolvimento humano (Barnett, 1997; Santos, 2001). De acordo com Costa et al. (2007) o espancamento pode causar incapacidades físicas e mentais a curto prazo, enquanto a longo prazo, é agente causador de comportamentos violentos. A violência física é considerada um fator de risco para a ocorrência de crimes violentos, as crianças abusadas fisicamente têm o dobro da probabilidade de cometerem crimes violentos no futuro (Widom, 1989 cit. in Maia & Williams, 2005), as vítimas assumem a posição de agressores, perpetuando o ciclo de violência às gerações seguintes (Silva, 2003).

Será importante salientar a valorização dos aspetos culturais, que acabam por determinar o limite entre o que é disciplina e violência, pois em muitos países, a punição física surge como um método disciplinatório aceitável e necessário à educação (Silva, 2003; Zottis, Algeri & Portela, 2006 cit. in Costa et al., 2007). Mesmo que algumas sociedades admitam que é abusivo o emprego de força física, ainda se faz notar com demasiada frequência por exemplo, o "síndrome do bebé sacudido", acarretando consequências graves. Na adolescência, a agressão física costuma relacionar-se à necessidade dos pais em conter as mudanças de comportamento comuns nessa fase de desenvolvimento (Silva, 2003; Costa et al., 2007).

Quando os casos chegam ao conhecimento hospitalar, não há propriamente dificuldade por parte dos médicos em detetar o abuso físico, mas geralmente surgem discrepâncias entre o que os pais dizem e os relatórios médicos (Coelho, 2006). As crianças, adolescentes, pais ou outros adultos apresentam uma tendência para encobrir a violência e alimentar o secretismo, aquilo que se pode designar por dor silenciada. Na base desses comportamentos poderá estar a crença em que a situação irá melhorar, embora a prevalência é para piorar e aumentar a gravidade das lesões (Canha, 2003; Ribeiro, 2008).

3.2 A violência psicológica

A pesquisa sobre a violência psicológica é bastante recente (O'Leary, 2001; Maia & Williams, 2005) e o seu conceito é muitas vezes utilizado para designar a violência verbal ou emocional (Kent & Waller, 1998 cit. in Sani, 2006; Magalhães, 2005). Nós optamos por utilizar a terminologia de violência psicológica, por ser mais útil (Edmundson & Collier, 1993; Kashani & Allan, 1998 cit. in Sani, 2006) e mais abrangente, pois incorpora melhor as

dimensões cognitiva, afetiva e interpessoal que constituem as componentes primárias dessa dita violência, abuso, agressão ou mau-trato (Brassard & Hardy, 1997).

A violência psicológica coexiste frequentemente e é concomitante com as outras formas de violência, praticamente todas, nomeadamente a física, a sexual e a negligência no seio familiar e escolar, mas pode também manifestar-se de forma isolada (Santos, 2004; Magalhães, 2005; Sani, 2006; Guimarães e Campos, 2007).

A violência psicológica pode recorrer à comunicação verbal e não-verbal (Minayo, 2004; Strauss & Swett, 1992 cit. in Paiva e Figueiredo, 2003) sendo que frequentemente utiliza como recurso diversas expressões verbais (Soares, Mendes, Antão & Silva, 2004; Teixeira, 2008; Poncela, 2011). Depreendemos que as violências física e psicológica, se revestem comumente de contornos verbais através de injúrias, ameaças ou expressões negativas. Para além do que as agressões verbais fazem-se acompanhar com frequência da violência física (Barros et al., 2009) e são maioritariamente entendidas como precursores de ocorrências mais graves, como as brigas e agressões físicas, caso não exista a capacidade de se resolverem as diferenças por meio da negociação (Lobato & Placco, 2007; Loureiro & Queiroz, 2005). Assim, o facto de as agressões verbais não serem vistas, muitas vezes, pelos outros como práticas violentas per si (Loureiro & Queiroz, 2005), pode estar de alguma forma associada a esta ideia.

A violência psicológica envolve todos os tipos de ação coersiva ou agressiva que implique prejuízo psicológico (Abramovay et al., 2002) remonta a ações intencionais (Magalhães, 2005), desenvolvidas e dirigidas a outra pessoa (Soares, Mendes, Antão & Silva, 2004; Teixeira, 2008), na grande maioria das vezes expressas sob a forma de intimidação, de humilhação e de ameaça de morte (Costa et al., 2007). Serve o intuito de magoar, causar sofrimento psicológico (Strauss & Swett, 1992 cit. in Paiva e Figueiredo, 2003) aterrorizar, humilhar, restringir a liberdade ou isolar o outro do convívio social (Soares et al., 2004; Teixeira, 2008; Minayo, 2004 cit. in Pasinato et al., 2006). Pode ser uma ação específica praticada por um indivíduo ou por um grupo de agressores, gerando tratamento desumano (Barros et al., 2009), muitas vezes realizado de forma severa, repetida ou persistente (Iwaniec, 1995 cit. in Sani, 2006).

O fenómeno faz uso de técnicas de dominação e padrões de interação geralmente pautados pela subjugação do outro (Sani, 2006; Barros et al., 2009), através do uso de poder excessivo (Iwaniec & Norbert, 1994 cit. in Sani, 2006). Utiliza frequentemente jogos psicológicos, a chantagem, o gozo ou troça, (Fernández, 1998), a rejeição, exclusão de um grupo de pares e isolamento do convívio social (Fernández, 1998; Silva, 2003; Magalhães,

2005; Costa et al., 2007; Barros et al., 2009; Rodrigues, 2010). Recorre também à humilhação pública ou privada, ridicularização, indiferença, denegrição, difamação ou disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, desvalorização, desrespeito, discriminação (Smith & Sharp, 1994; Smith & Morita, 1999; Olweus, 2000; Pereira, 2002; Fante, 2005; Magalhães, 2005; Lopes, 2005; Sani, 2006; Costa et al., 2007; Barros et al., 2009; Rodrigues, 2010) e culpabilização (Magalhães, 2005).

É de alguma forma recorrente a agressão psicológica recorrer a ameaças de morte, de perda da amizade, de danificação de propriedade e de agressão à vítima ou a seus entes queridos (Magalhães, 2005; Fante, 2005; Lopes, 2005; Iwaniec & Norbert, 1994 cit. in Sani, 2006; Barros, 2009; Rodrigues, 2010). Muitas vezes também, através de insultos e ofensas verbais (relativamente à forma como a pessoa veste, à sua raça ou grupo de pares ou apelidar de maneira pejorativa e discriminatória) por recurso à intimidação, à imposição e ao assédio (Fante, 2005; Lopes, 2005; Barros et al., 2009).

Outra conduta adotada por quem pratica esse tipo de violência é a imposição do silêncio às vítimas (Oliveira, 2001). Delas são retiradas o direito de protestar e até mesmo de serem ouvidas. Tal atitude pode ser fruto de uma relação baseada num padrão assimétrico-hierárquico (Silva, 2003).

De modo geral, a violência psicológica constitui uma forma de violência mais camuflada, dissimulada, indireta (Maia & Williams, 2005) e menos visível relativamente às outras formas de violência (Fernández, 1998). Na sua conceção verbal, pode ser considerada especialmente mais difícil de aceder, porque pode existir em função da classe social (Burtea et al., 2008), como pode ocorrer através do isolamento e intimidação, representando assim a face menos perceptível da violência (Fernández, 1998; Randall, 1996). Também se encontra associada a consequências que não são facilmente percebidas, pois não realçam marcas físicas e visíveis diretamente, o que dificulta a sua deteção precoce (Avanci & Assis, 2004 cit. in Campos et al., 2007).

3.3 Violência sexual

A violência sexual, é um grave problema de saúde pública que afeta crianças, adolescentes e adultos de todo o mundo. Refere-se ao ato ou jogo sexual de caráter homo ou heterossexual, utilizando pessoas contra a sua vontade. O agressor visa obter excitação, relação sexual ou práticas eróticas por meio de aliciamento, ameaças ou violência física (Minayo, 2004 cit. in Pasinato et al., 2006). Quando diz respeito a crianças ou adolescentes, assume que eles se tornam uma gratificação sexual para um ou mais adultos obterem prazer

sexual (Souza et al., 2001; Magalhães, 2005; Crami, 2000 cit. in Maia & Williams, 2005; Barros et al., 2009). Os menores são forçados a práticas sexuais com ou sem violência física (Barros et al., 2009), numa posição de inferioridade, pois o poder ou autoridade é detido por aquele que é maior de idade, subjungando o menor (Magalhães, 2005).

Os atos inerentes à violência sexual são multivariados, podem abranger abuso sem contacto físico (Silva, 2003; Maia & Williams, 2005) mostrando à criança fotos ou vídeos pornográficos, fotografá-la nua, em posições sedutoras (Maia & Williams, 2005), recorrendo ao abuso sexual verbal, através da presença do menor a conversas ou escritos obscenos, utilizando objetos pornográficos ou atos de carácter exibicionista como a exibição dos órgãos sexuais (Machado et al., 2002; Magalhães, 2005; Maia & Williams, 2005; Cruzeiro et al., 2010). Por outro lado, o abuso sexual com contacto físico recorre a atos físico-genitais, como é o caso das relações sexuais com penetração vaginal, oral e (ou) anal (Ministério da Saúde, 2005; Maia & Williams, 2005; Magalhães, 2005), tentativas de relações sexuais, carícias nos órgãos genitais, masturbação, prostituição e utilização das crianças e adolescentes, em filmes pornográficos, ou em práticas sexuais de relevo, em que essencialmente são casos de exploração sexual visando fins económicos (Magalhães, 2005; Maia & Williams, 2005; Cruzeiro et al., 2010).

Os atos referidos violam a lei, as normas sociais e familiares. O abuso sexual pode ser intra ou extrafamiliar, sendo o primeiro mais frequente, e pode ocorrer de forma ocasional ou repetida ao longo da infância (Magalhães, 2005). O menor, por sua vez, não consegue compreender nem está preparado para responder de forma adequada a tais práticas, pois é incapaz de dar um consentimento informado (Magalhães, 2005). A criança apresenta características peculiares que facilmente lhe marcam como alvo potencial, como a inocência, a confiança nos adultos, a fragilidade física e a incapacidade de decidir se deve ou não consentir o ato. Quando há contato físico, este tipo de abuso pode ser facilmente diagnosticado pelo exame médico, caso contrário, implica não haver substrato médico-legal dificultando a sua identificação (Silva, 2003; Sant'anna, 2008). Existem alguns fatores relacionados com o silêncio da vítima e com as barreiras existentes na notificação dos casos, nomeadamente, o medo de denunciar, a incredibilidade do sistema legal, o constrangimento e o receio da humilhação (Silva, 2003; Costa et al., 2007).

3.4 Negligência

A negligência traduz-se numa forma de violência realizada por parte dos responsáveis familiares ou institucionais, por recusar ou privar o outro que pode ser criança, adolescente ou

idoso, de cuidados devidos e necessários (Souza, 2001; Minayo, 2004 cit. in Pasinato et al., 2006) essenciais para o seu desenvolvimento saudável (Monteiro, Abreu & Phebo, 1997 cit. in Maia & Williams, 2005).

É um comportamento regular de omissão, relativamente aos cuidados a ter com um menor, não lhe sendo proporcionada a satisfação das suas necessidades em termos de cuidados básicos (Magalhães, 2005). Podem-se referir a bens, oportunidades e cuidados ao nível da alimentação, vestuário, segurança, educação, escola, higiene, saúde, afeto, estimulação e apoio coerente com o contexto e recursos disponíveis pela família ou cuidadores (Eglander, 1997; Silva, 2003; Magalhães, 2005).

A negligência pode ainda ser classificada em intra-uterina, física, emocional, escolar, além da mendicidade e do abandono. O abandono é apontado por Costa et al. (2007) como o tipo mais grave de negligência familiar, constituindo, portanto, um importante problema social. Os atos de negligência podem ser realizados de forma voluntária havendo uma intenção clara de causar prejuízo ao menor, ou por outro lado, de modo involuntário que resulta acima de tudo, da falta de competências parentais para assegurar os cuidados necessários e adequados à criança ou adolescente (Magalhães, 2005).

Diagnosticar este tipo de violência é, algumas vezes, uma tarefa difícil, pois nem sempre é possível diferenciar a negligência causada por atos omissivos dos agressores, daquela ocasionada pela condição socioeconômica desfavorável das famílias (Gomes et al., 2002). A ter em consideração relembramos que não basta fornecer respostas às necessidades básicas da criança e adolescente, é preciso também promover a compreensão, diálogo, afeto e apoio.

4. Violência em Contexto Escolar

A violência na escola pode ser sentida como as agressões existentes no padrão relacional estabelecido no quotidiano escolar. A violência pode tomar proporções incontroláveis, por ser muitas vezes um fenómeno vivido e sofrido em silêncio, (Aikenhead, 2009; Debarbieux, 2006; Estrela & Ferreira, 2002; Thompson, Arora & Sharp, 2002 cit. in Quental e Veiga, 2010), daí o risco de incorreremos numa banalização e aceitação dos atos de violência.

O *bullying* é outra forma de violência que atinge crianças e adolescentes, manifesta-se frequentemente nos recreios escolares (Silva & Pereira, 2008) constituindo-se na forma de violência mais recorrente deste contexto. Trata-se de uma forma de abuso sistemático e continuado do poder, que tem por objetivo provocar mal-estar e ganho de controlo sobre outra

pessoa de forma intencional (Carvalhosa, Lima, Matos, 2002; Martins, 2009; Olweus, 1998; Pereira, 2008; Seixas, 2005; Conde, 2009; Costa e Pereira, 2010). O *bullying* diz respeito aos comportamentos agressivos de intimidação (Pereira, 2008), segundo Olweus (1993) a vítima de *bullying* é exposta, repetidamente e ao longo do tempo a ações negativas por parte de uma ou mais pessoas (Olweus, 1994 cit. in Fonseca e Veiga, 2007; Sharp & Smith, 1994; Pereira, 2001; Costa & Pereira, 2010) com o intuito de intimidar ou magoar as outras pessoas (Olweus, 1994 cit. in Fonseca e Veiga, 2007).

Numa situação de *bullying* existem pelo menos dois protagonistas, o agressor e a vítima, o primeiro exerce o controlo e detém o poder sobre a vítima, esta última por sua vez, vai ser submetida e tiranizada (Raimundo e Seixas, 2009 cit. in Costa e Pereira, 2010). Esse poder é obtido de diversas formas, para tal concorrem fatores físicos como a idade, o tamanho, a força física e fatores sociais, que podem dizer respeito ao estatuto social estabelecido no seio do grupo de pares e procura de suporte social. Enquanto a vítima não se sente capaz de se defender, nem de procurar auxílio contra o agressor (Martins, 2009; Nansel, et al., 2001; Pereira, 2008; Costa e Pereira, 2010). Porém, os episódios podem também envolver um grupo mais alargado de pessoas (Raimundo & Seixas, 2009; Costa e Pereira, 2010).

As condutas do *bullying* podem ser diretas ou indiretas (Fonseca & Veiga, 2007), o *cyberbullying*, pode ser considerada uma das faces indiretas do fenómeno e diz respeito à forma virtual de praticar *bullying* (Lopes, 2005; Barros et al., 2009). O *bullying*, afeta agressores, vítimas e observadores que podem figurar como apoiantes dos agressores ou das vítimas, podendo ainda retirar-se na tentativa de não se envolverem (Atlas & Pepler, 1998; Conde, 2009). Quando os observadores intervêm para impedir as situações de violência, tal surte um efeito eficaz na maioria das vezes, pelo que pode ser importante ensinar aos alunos diversas formas de intervir eficazmente com o objetivo de isolar os agressores do seu grupo de apoio social (Salmivalli, 2005; Sutton & Smith, 1999).

Importa realçar ainda que as crianças com deficiência, muitas vezes menosprezadas e devido à sua vulnerabilidade, são muitas vezes presas prediletas para o *bullying* e todo e qualquer género de violência (Eglander, 1997).

5. Exposição à Violência

De acordo com análises e pesquisas da UNESCO (Castro et al., 2001; Abramovay et al., 1999; Barreira, 1999; Minayo et al., 1999) utilizaremos a distinção entre a violência direta e indireta, para identificar diferentes expressões do fenómeno. A violência pode ser distinguida pela sua forma de atuação e imediação, seja ela de índole direta ou indireta (Krahé, 2001). A

direta, faz referência à violência, quando ela se dirige intencionalmente a uma pessoa em concreto (Fernández, 1998; Costa & Vale, 1998), quando afeta direta e objetivamente a vítima (Cardia, 2003; Gonçalves, 2006; Milani, 1999; Pires, 2003; Sani, 1999, 2003, 2007; Teixeira cit. in Silva, 2009). Engloba práticas do tipo físico (Smith & Sharp, 1994; Smith & Morita, 1999; Olweus, 2000; Pereira, 2002; Rodrigues, 2010; Abramovay et al., 2002) e/ou psicológicas (Fante, 2005; Lopes, 2005; Barros et al., 2009) que resultam em prejuízo deliberado à integridade da vida humana.

Por outro lado, a violência diz-se indireta, quando não atinge especificamente ou diretamente um indivíduo, mas sim os pertences deste ou de uma instituição, como acontece com o vandalismo (Fernández, 1998; Costa & Vale, 1998). Relaciona-se com uma forma de agressão que não é dirigida diretamente à vítima, podendo esta ser testemunha da agressão, a agressividade indireta designa-se também por isso, de covitização (Cardia, 2003; Gonçalves, 2006; Milani, 1999; Pires, 2003; Sani, 1999, 2003, 2007; Ribeiro, 2008; Caridade, 2008; Teixeira cit. in Silva, 2009; Tavares, 2010) sendo a realidade de inúmeras crianças que estão diariamente expostas à violência interpaparental (Ribeiro, 2008; Silva, 2009; Sani e Ribeiro, 2009) e à violência na *mídia* (Bandura, 1963; Green, 1990; Jaffe, Wolfe e Wilson, 1990 cit. in Ribeiro, 2008). A violência indireta pode ainda se referir a situações em que o adolescente conhece alguém, inclusive um amigo, que anda armado, já matou alguém, já foi ferido, assaltado, assassinado, ameaçado de morte e/ou se envolveu em lutas (Sá et al., 2009).

Quer a violência direta, quer a indireta, são aversivas e prejudiciais para a vítima (Barros, Carvalho & Pereira, 2009). Porém, Pereira (2001) alerta para o fato que as formas indiretas são mais difíceis de serem identificadas, produzem efeitos mais sérios e sobretudo mais duradouros a longo prazo (Barros, et al., 2009), visando a discriminação e exclusão da vítima em relação ao seu grupo social (Fante, 2005 cit. in Barros et al., 2009).

6. Caracterização dos Protagonistas

No curso das manifestações de violência podemos identificar diferentes atores, pressupondo a existência de diferenças nos papéis de cada um dos intervenientes que a executa (Barros et al., 2009). Os protagonistas podem estar diferenciados dentro dos três perfis gerais que se apresentam: agressor, vítima e observador (Olweus, 1978; Pereira, 2002; Ribeiro, 2007; Barros, Carvalho & Pereira, 2009; Conde, 2009). Características físicas (Lane, 1989 cit. in Ribeiro, 2007) psicológicas ou de personalidade (O'Moore, 1995) podem contribuir para a distinção entre os vários atores envolvidos. Os perfis diferenciados podem

estar representados pelas diversas classes sociais e contextos, na escola, no trabalho e na família (Antunes e Zuin, 2008 cit. in Barros et al., 2009).

Partindo destes pressupostos, faremos uma breve caracterização do perfil concernente a cada um dos protagonistas envolvidos nas situações de violência.

6.1 Vítima

O papel de vítima refere-se ao sujeito que é agredido num ato isolado ou de forma repetida e duradoura por um determinado período de tempo (Olweus, 1998). Qualquer pessoa pode ser vítima de violência, no entanto, existem determinantes indicadoras de uma probabilidade maior ou menor para a ocorrência destes acontecimentos, nomeadamente a idade, uma vez que a frequência e a probabilidade de ser vítima tende a decrescer com o aumento da idade (Olweus, 1993).

As vítimas podem ser passivas/submissas ou provocadoras/agressoras (Hazler, 1996; Beane, 2006; Smith & Sharp, 1994; Stephenson & Smith, 1989), esta distinção resulta da reação da vítima perante a agressão (Hazler, 1996). As vítimas passivas tendem a ser solitárias, são constantemente excluídas de atividades coletivas tendo por isso poucos amigos a quem recorrer (Barros et al., 2009), são ainda no geral pessoas mais ansiosas, sensíveis e sem capacidade de autodefesa (Olweus, 1994). As vítimas provocadoras (Olweus, 1978; Ortega Merchan, 1997; Fernández, 1998; Ribeiro, 2007) são habitualmente rapazes e tendem a responder de modo agressivo (Olweus, 1994), sendo facilmente provocadas e importunadas (Ribeiro, 2007). Podem exibir determinados comportamentos encorajadores do bullying (Hazler, 1996 cit. in Ribeiro, 2007) uma vez que são impulsivas, insultam e instigam os agressores fazendo de si alvos, embora, incapazes de defesa (Barros et al., 2009). Parece ser um bom exemplo de como a vítima pode transformar-se em agressora (Costa et al., 2007). Muitas vítimas estão também envolvidas em comportamentos violentos ou estão sob maior risco de se tornarem violentos durante a adolescência (Elliott, 1994).

Apesar da distinção entre as vítimas há fatores comuns tal como o facto de serem fisicamente mais débeis ou frágeis (Barros et al., 2009), apresentarem uma baixa autoestima, sintomas depressivos, de ansiedade, e experienciam um maior isolamento social (Olweus, 1998; Chazan, 1989, Stephenson & Smith, 1989 cit. in Ribeiro, 2007).

No que se refere ao contexto educacional, podemos referir que as vítimas tendem a ver a escola como um local desagradável e inseguro, o que parece promover sentimentos de desinteresse, de medo e falta de vontade em frequentar a escola (Barros et al., 2009). Todavia, nem todos são unânimes no que concerne as suas capacidades mentais, alguns

autores defendem o sucesso escolar das vítimas (Pereira, 2002; Hazler, 1996) enquanto outros sustentam o baixo nível de desempenho destas (O'Moore, 1995; Fernández, 1998). De acordo com Olweus (1998) o rendimento escolar pode ser bom, normal ou baixo, embora seja habitual a obtenção de piores resultados quando alcançam o ensino secundário.

Salientamos de igual forma que as vítimas pertencem frequentemente a um ambiente familiar superprotegido o que contribui em parte para vivência de sentimentos de insegurança, introversão, baixa autoestima, aumentando por consequência a probabilidade de vitimização (Roland, 1989; O'Morre, 1995; DFE, 1994 cit. in Ribeiro, 2007; Conde, 2009). Estas características irão por sua vez promover a sua incompetência social (Zapf e Einarsen, 2003 cit. in Conde, 2009). Segundo Olweus (1978, 1987) citado por Pereira (2008) as vítimas para além de não serem assertivas, não dominam outras competências sociais tais como a cooperação, a ajuda ao próximo, apresentando pelo contrário, medo, ansiedade e incapacidade para reagir quando agredidas. Podem inclusive apresentar mais problemas relacionais que os agressores (Pereira, 2008), maior exclusão e menor apoio social disponível (Barros et al., 2009; Zapf e Einarsen, 2003 cit. in Conde, 2009), uma vez que, os pares das vítimas podem se afastar em vez de apoiar, por terem medo de sofrer represálias ou retaliações (Olweus, 1998; Ribeiro, 2007).

6.2 Agressor

De acordo com Olweus (1993) podemos considerar a existência de dois tipos de agressores: os passivos e os atípicos. Os passivos tendem a ser inseguros, ansiosos e participantes nas agressões em que normalmente não tomam iniciativa, enquanto os atípicos, possuem um modelo de reação agressiva combinado com a força física (Barros et al., 2009).

Na generalidade, o agressor apresenta três características dominantes, a primeira concerne ao facto de que geralmente possui uma necessidade significativa de exercer poder sobre o outro. Em segundo lugar, manifesta frequentemente, hostilidade, satisfação em provocar ferimentos e sofrimento ao outro. Por último, utiliza a coação sobre as vítimas, com a finalidade de obter bens materiais, como dinheiro, cigarros e/ou outros. O agressor quer ser o centro das atenções e tende a acreditar que os outros devem realizar as suas vontades, desejos ou exigências. Ele tende a sentir-se recompensado mesmo que a curto prazo, por obter status, poder ou objetos materiais desejáveis (Pereira e Pinto, 1999; Olweus, 1999).

Na relação com os outros, o agressor tende a utilizar meios violentos, faz-se valer da sua força física ou da sua habilidade de liderança e persuasão, usando essas capacidades para submeter os outros ao seu domínio (Fante, 2008), para desequilibrar emocionalmente e

aterrorizar os mais fracos. O agressor tende a manifestar: uma elevada impulsividade, dificuldade de autocontrole (Olweus 1993, 1998; Kennedy e Perery, 1993 cit. in Pereira 2008) e uma necessidade de dominar os outros (Olweus 1993), esperando que a agressão resulte no controle da vítima e que não haja retaliações (Barros et al., 2009).

Socialmente não desenvolvem muitas competências, revelam défices nas aptidões sociais, revelando-as apenas nas situações que lhes são vantajosas (Smith & Sharp, 1994; Olweus, 1998; Pereira, 2008). Neste sentido, sustentamos que o agressor possui crenças irracionais (Kennedy e Perery, 1993 cit. in Pereira 2008) e não possui respostas alternativas positivas disponíveis, daí que não identificam outra possibilidade que não seja a agressão (Hazler, 1996; Ribeiro, 2007). Apresentam na maioria das vezes uma atitude arrogante, prepotente e conflituosa (Barros et al., 2009), expressando falta de empatia para com as vítimas assim como reduzidos sentimentos de culpa na sequência dos seus atos (Pereira e Pinto, 1999; Barros et al., 2009).

De acordo com Zapf e Einarsen, (2003) podemos identificar três características principais associadas à personalidade do Perpetrador. Passam pela existência de processos disfuncionais de autorregulação concernentes ao sentimento de autoestima ameaçada, que está relacionado com a promoção de níveis de ansiedade, impulsividade, egoísmo e agressividade. Acredita-se que revela *deficits* ao nível das competências sociais, do autocontrole emocional e autorreflexão. Por fim, identificam-se processos associados ao uso do poder e à obtenção de vantagens (citado por Conde, 2009).

Do ponto de vista da educação, podemos dizer que revelam desinteresse pelas atividades educativas, não vêm na escola qualquer utilidade (Pereira et al., 1996) e apresentam insucesso escolar com relativa frequência (Olweus 1998), o que pode conduzir a situações de retenção escolar, promovendo uma diferenciação nas idades, reforçando o significado de ser “mais velho” é ser “mais forte”, o que parece influir na ocorrência de agressividade (Ramirez, 2001; Farrington, 2002; Pereira et al., 1996; Baldry & Farrington, 2000). Geralmente, mantêm uma atitude de distanciamento quer em relação à escola, quer em relação à família, preferindo o grupo de amigos e o consumo de substâncias (Matos & Carvalhosa, 2001).

A maioria dos estudos empíricos realizados sobre o fenómeno, focam-se em questões de género, e concluem que ambos os sexos são possíveis agressores. No entanto, existem diferenças significativas, os rapazes promovem mais a violência direta (Seixas, 2009) enquanto, as raparigas optam primordialmente por meios indiretos (Ribeiro, 2007; Seixas, 2009; Rodrigues, 2010). Por fim, os rapazes parecem ser os mais afetados pelo fenómeno,

envolvem-se com mais regularidade em atos de violência, assumindo de forma mais frequente um papel de vítima e de agressor (Pereira e Pinto, 1999; Matos e Carvalhosa, 2001; Amado & Freire, 2002; DFE, 1994; Sebastião, 2003; Baldry & Farrington, 2000, cit. in Ribeiro, 2007).

6.3 Observador

Os impactos da violência tornam-se amplos para todos os envolvidos, dependendo em parte, da situação em que se encontram ou do papel que estejam assumindo (Barros et al., 2009). O papel dos observadores tem sido abordado por alguns autores e maioritariamente descurado e até remetido para segundo plano, por outros (Ribeiro, 2007). Contudo, não devemos negligenciar o papel importante que as testemunhas enquanto observadores ou atores participantes desenvolvem. É relevante conhecê-lo, sendo que as consequências resultantes da sua interação na ação, ajudando a vítima ou colocando-se ao lado do perpetrador, podem por um lado, colocar um término no comportamento violento ou por outro ajudar a perpetua-lo (Conde, 2009).

Os observadores observam fatos violentos, muitas vezes aprendem a conviver com eles e calam-se, acontece que frequentemente, mesmo sem o seu envolvimento direto na experiência de agressão, eles desenvolvem sentimentos extremamente negativos em relação aos factos observados (Barros et al., 2009), independentemente da sua atitude, este acaba por de alguma forma, ficar marcado pelo que presencia (Ribeiro, 2007). Devemos relembrar também que, de acordo com a teoria da aprendizagem social, a observação de um modelo agressivo pode levar à sua reprodução, sobretudo se o observador avaliar positivamente o modelo. Caso não haja recompensa, mas antes repressão, a tendência para reproduzir o modelo agressivo será diminuta (Bandura, 1987). De qualquer forma há uma possibilidade de imitar o comportamento do modelo, e esse fator pode ser confluyente com a ideia de que a testemunha possui um papel de merecedor relevo.

Em relação ao perfil dos observadores, podemos dizer que eles são interpretados como possuidores de uma atitude insegura e dependente, geralmente não têm um estatuto bem reconhecido entre os colegas, sendo socialmente influenciáveis (Olweus, 1998). É de realçar, no entanto que, o observador pode tomar 4 atitudes diferenciadas perante uma dada agressão, ele pode nomeadamente: promover e/ou participar ativamente nas agressões; apoiá-las passivamente; rejeitá-las passivamente; enfrentá-las diretamente (Smith & Sharp, 1994 citado por Ribeiro, 2007). Desta forma, as testemunhas podem assumir várias posturas perante estas manifestações: podem assumir uma postura pró-perpetrador, pró-vítima, de evitamento ou ambivalente (Andrews & Chen, 2006; Twemlow et al., 2001 cit. in Conde, 2009). Alguns

observadores tomam a iniciativa ou se juntam à de outro, encorajam o agressor ou ajudam as vítimas (Salmivalli et al., cit. in Smith, 2002).

Em termos gerais, podemos dividir os tipos de observadores em dois grandes grupos, com estilos de coping predominantemente dissimilares, assim, teremos os observadores participantes e os não participantes, a distinção deriva da sua intervenção ou não intervenção, na situação de violência que presenciam.

7. Consequências da Violência

A violência acarreta diversos prejuízos afetando uma parte significativa da população (Pascolat, 2001), as consequências são prejudiciais para todos os envolvidos, sejam eles vítimas, agressores (Randall, 1996; Olweus, 1998; Anderson & Grieve, 1998 cit. in Ribeiro, 2007) e observadores (Fernández, 1998; Amado & Freire, 2002; Pereira, 2002; Hazler, 1996; Cowie, 1996). Os efeitos nefastos da violência transvazam dos indivíduos para grupos e sociedade em geral, deteriorando as condições de vida dos cidadãos (Ribeiro, 2007). A curto e a longo prazo, os problemas psicológicos e de saúde em geral repercutem-se na sociedade, que deve por seu turno, prevenir a sua incidência.

7.1 Vítima

Sobre a vítima podem recair múltiplos danos adversos, alguns dos quais ameaçam a própria integridade e vida da pessoa, provocando a sua morte (Sabotta 1992; Krug et al., 2002; OMS, 2002; Fonseca & Veiga, 2007; Ribeiro & Sani, 2008; Sá et al., 2009; Almeida, 2011). A vitimização acarreta consequências para o desenvolvimento e construção de uma matriz de reprodução da violência em gerações vindouras (Tavares, 2010) e constitui o fator de risco que mais se associa à psicopatologia do desenvolvimento (Barnett, 1997) promovendo sequelas numa grande variedade de domínios incluindo as áreas de cognição, linguagem, desenvolvimento sócio emocional (Maia & Williams, 2005), desempenho académico e produtividade (Maia & Williams, 2005; Conde, 2009; Ribeiro, 2007; Ribeiro, 2008).

De acordo com a maioria das investigações existe uma correlação positiva entre a vitimização e a manifestação de sintomas de saúde como mal-estar geral (Coker, Reeder, Fadden & Smith, 2003; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008), fadiga crónica (Brodsky, 1976), risco acrescido de doenças coronária (Conde, 2009), contusões e problemas gastrointestinais, (Figueiredo, Fernandes, Matos e Maia, 2002; Maia et al., 2007; Ribeiro, 2008; Sani e Ribeiro, 2009).

No que diz respeito aos efeitos provocados sobre a saúde psicológica que podem ser persistentes e decorrer ao longo da vida do indivíduo, salientamos algumas perturbações psicológicas, que podem surgir na infância e idade adulta (Figueiredo, Fernandes, Matos e Maia, 2002; Maia et al., 2007; Ribeiro, 2008; Sani e Ribeiro, 2009). A vítima pode vir a sofrer de ansiedade, depressão, distúrbios de sono (Ducan, 1999; Pereira, 2002; Campbell et al., 2002; Paiva & Figueiredo, 2005; Maia et al., 2007; Ribeiro, 2008; Brodsky, 1976 cit. in Conde, 2009; Sani & Ribeiro, 2009; Conde, 2009; Seixas, 2009; Rodrigues, 2010), stress pós-traumático (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Maia, 2007; Ribeiro, 2008), burnout (Conde, 2009), perturbação de apetite e queixas psicossomáticas (Freitag, Lazovitz e Kini, 1998 cit. in Pascolat, 2001).

A vitimização promove ainda, o risco de autodestruição, através do suicídio (Olweus, 1998; Figueiredo, Fernandes, Matos e Maia, 2002; Maia et al., 2007; Ribeiro, 2008; Barros, et al., 2009; Conde, 2009; Sani e Ribeiro, 2009), as vítimas, recorrem mais aos serviços de saúde, com ideação, tentativa ou consumação de suicídio, baixa autoestima, abuso de álcool e drogas (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008; Conde, 2009). Aumenta também, a probabilidade de desenvolver uma visão pessimista em relação ao futuro, problemas ao nível dos relacionamentos sociais (Pascolat, 2001) e baixa consideravelmente a autoestima na idade adulta (Duncan, 1999; Barros, et al., 2009; Randall 1996, Amado & Freire, 2002; Pereira, 2002, Fernández, 1998; Conde, 2009).

Outros sentimentos e efeitos de reações emocionais podem ser salientados, as vítimas sentem mais medo, raiva, desespero (Janus-Bulman, 1992; Figueiredo et al., 2002; Maia et al., 2007; Ribeiro, 2008; Sani e Ribeiro, 2009), isolamento, mal-estar geral, défices cognitivos e intelectual (Figueiredo, Fernandes, Matos e Maia, 2002; Maia et al., 2007; Ribeiro, 2008; Sani e Ribeiro, 2009).

As vítimas sentem-se mais ameaçadas no que diz respeito ao seu estatuto pessoal e afetadas significativamente nas relações interpessoais e estruturais familiares (Conde, 2009). Os sentimentos provocados pelas agressões, como por exemplo a tristeza, conduzem a vítima facilmente ao isolamento, dificultando assim a sua integração social, e relacionamento com os outros (Barros et al., 2009) que justifica e reforça a ideia de perda de amigos e sentimento de solidão. A rejeição social que frequentemente experimentam, é um bom indicador de problemas de ajustamento na adolescência e na vida adulta (Parker & Asher cit. in Pereira, 2008), tudo isto promove uma visão negativa sobre a própria vida e destaca a incapacidade em regular a própria vida (Hazler, 1996 cit. in Ribeiro, 2007). A vítima acaba por ser rejeitada

entre os seus pares, revela dificuldades em construir amizades e as suas competências sociais em geral são menos desenvolvidas sobretudo no que respeita a assertividade.

Muitas vezes a violência provoca transformações nas vítimas, transformando-as em adultos inseguros, ou transformando vítimas em agressores (Costa et al., 2007; Barros, et al., 2009), como forma de defesa, ou simplesmente para obter a empatia do agressor, integrando-se no seu grupo (Fernández, 1998), porém, a sua personalidade é uma das condicionantes, pois nem todas as vítimas são capazes disso (Ribeiro, 2007). Pelo contrário, Olweus (1998) refere que vítimas e agressores reproduzem a sua condição, isto é, posteriormente a vítima repetirá a sua experiência enquanto vítima, tal como o agressor.

O carácter muitas vezes, persistente e intencional dos comportamentos agressivos, é causador de perturbações diárias e prejudiciais ao rendimento escolar da vítima, sendo que a vitimização está associada ao pior desempenho escolar (Carvalhosa et al., 2009; Matos et al., 2009; Nansel et al., 2001; Neto, 2006; Barros, et al., 2009; Rodrigues, 2010), maior absentismo (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Neto, 2006; Ribeiro, 2008; Rodrigues, 2010) ou a outros problemas escolares (Hazler, 1996 cit. in Ribeiro, 2007). Alguns estudos revelam que o sucesso académico da vítima pode derivar de certas problemáticas que surgem após o bullying como, o absentismo escolar que serviu de estratégia para precaver futuras agressões e lidar com o medo e insegurança (Barros et al., 2009), dificuldades de concentração no trabalho escolar, sintomas físicos, e perturbações ao nível do sono (Sharp & Thompson, 1996; Randall, 1996; Fernández, 1998; Pereira, 2002; Amado & Freire, 2002; Reid, 1989 cit. in Ribeiro, 2007; Pereira, 2008). O fato da vítima considerar a escola como um lugar desagradável (Barros et al., 2009), com um historial de experiências negativas, pode criar expectativas negativas e insatisfação em relação ao ambiente contaminado (Conde, 2009).

As vítimas de violência indireta estão expostas a fatores de risco prejudiciais ao seu desenvolvimento (Koller, 1999cit. in Maia & Williams, 2005), a exposição afeta e interfere com o desenvolvimento físico, mental e social saudável das crianças, conduzindo à experiência de maior ambivalência nas emoções e reações, conflitos e outras vivências negativas (Cardoso, 2001). O impacto da exposição à violência pode conduzir ao desenvolvimento de perturbações mentais da criança (Ney, Fung & Wickett, 1994; Sani, 1999, 2002, 2003; Silva, 2009a,b), promover o uso de substâncias, distúrbio de atenção, baixo rendimento escolar (Brancalhone & Williams, 2003; Sani, 2003; Silva, 2009a), ansiedade, depressão, perturbação de stress pós-traumático e problemas somáticos (Barnett, 1997; Santos, 2001 cit. in Maia & Williams, 2005; Fowler et al., 2009; Sá et al., 2009), pode

provocar distúrbios de sono, falta de concentração, que podem ou não afetar o desempenho acadêmico, constituindo a “fadiga do sobrevivente” (Warner & Weist, 1996).

A covitimização tende a promover o sentimento de frustração que contribui por consequência, para um aumento da agressividade (Cardia, 2003; Ramírez, 2001; Sani, 2003; Winnicott, 2002 cit. in Silva, 2009). Assim, consiste num fator de risco significativo para o desenvolvimento e manutenção de comportamentos violentos entre adolescentes (Sá et al., 2009). Traduz-se essencialmente num fator de risco para problemas de saúde mental, que podem ser do tipo internalização (depressão/ansiedade) ou de externalização (agressividade/violação de regras) (Sá et al., 2009). Porém, a exposição parece ter associações mais fortes com problemas de externalização (Fowler et al., 2009 cit. in Sá et al., 2009).

7.2 Agressor

As consequências relativas aos agressores podem ser desastrosas a curto e a longo prazo, na vida pessoal e social do indivíduo. Encontram-se significativamente associadas ao comportamento antissocial como exemplo, à violência doméstica, à delinquência (Rodrigues, 2010; Barros et al., 2009; Pinheiro, 2006) ao abuso e consumo de substâncias (Seixas, 2009; Rodrigues, 2010; Barros et al., 2009).

Determinados autores estabelecem uma relação entre a violência na infância e diversos comportamentos anti-sociais em idade adulta. Assim, as crianças que usam a força como modo de se impor e violar regras de condutas terão na adolescência e vida adulta, mais probabilidades de desenvolver comportamentos desviantes (Smith, cit. por Pereira, 2002; Randall, 1996; Amado & Freire, 2002; Olweus, 1994). Consideramos a ideia de que violência gera violência, o comportamento agressivo encontra-se fortemente associado com outros problemas de violência interpessoal (O’Connell, Pepler & Craig, 1999 cit. In Fonseca & Veiga, 2007), muitas das crianças agressoras entram posteriormente na marginalidade, apresentando comportamentos desviantes ou perturbações de conduta que se vão agravando ao longo dos anos (Rodrigues, 2010).

Alguns estudos consideram que este fenómeno ao ocorrer em contexto escolar representa um forte preditor da delinquência juvenil (Moffitt & Caspi, 2000) ou outros crimes de maior vulto (Griffin & Gross, 2004 cit. in Pinheiro, 2006), terminando muitas vezes em cadeia (Olweus, 1993 Marques et al., 2001 cit. in Barros et al., 2009). Neste quadro, os agressores encontrarão mais dificuldades e limitação nas oportunidades disponíveis como na obtenção (Randall, 1996) e manutenção de objetivos sociais desejados, como um emprego estável ou relações duradouras perspetivando-se a criminalidade e problemas com a justiça

(Olweus, 1998; Farrington, 2002; Abrunhosa & Vieira, 2005; Ribeiro, 2007; Fonseca & Veiga, 2007). O envolvimento em situações de violência assinala dificuldades para os agressores, a nível da sua saúde mental e física, enquanto alunos, bem como para as suas famílias e escola. Pois efetivamente, tanto os agressores como as vítimas tendem a necessitar mais, de apoios ao nível da saúde, justiça ou educação especial (Craig e Harel, 2004 cit. in Fonseca & Veiga, 2007).

7.3 Observador

Poucos são os estudos que nos remetem para os efeitos sobre o observador, no entanto, eles podem desempenhar um papel preponderante no desenrolar da ocorrência, e muitas vezes sofrem consequências. A dificuldade patente na sua quantificação, parece residir na identificação do observador, que muitas vezes, permanece no anonimato (Ribeiro, 2007).

Sabemos atualmente que os comportamentos agressivos exercem efeitos negativos sobre os agentes apresentados como vítimas e agressores, assim como sobre aqueles que observam estas práticas (observadores passivos). Mesmo apesar das testemunhas não terem vivenciado diretamente os acontecimentos, as consequências negativas recaem também sobre estas, que não testemunharam a violência, mas que ouviram falar do caso. Este efeito pode também ser encontrado, de forma dramática na família e amigos do assediado (Conde, 2009).

A realidade das testemunhas durante o processo de violência deverá ser analisada tendo em conta as suas reações imediatas e os efeitos a médio e longo prazo (Conde, 2009). Devido à sua sensibilidade perante o fenómeno, o observador pode também ficar afetado, muitas vezes, as agressões geram nele um sentimento de incapacidade, para ajudar o outro o que provoca mal-estar, sofrimento (Pereira, 2001; Rodrigues, 2010) incompreensão acerca deste fenómeno (Ribeiro, 2007), perda de respeito próprio e receio em que as suas falhas sejam reconhecidas (Hazler, 1996 cit. in Ribeiro, 2007).

Na impotência revelada para intervir, o observador pode manter inicialmente, uma atitude impávida e condescendente como pode tornar-se indiferente a este tipo de situação, o que se refletirá no seu desenvolvimento social e moral (Fernández, 1998; Amado & Freire, 2002). Isto é, tenderá a compactuar e concordar com este género de ocorrência (Ribeiro, 2007), quando o comportamento de bullying é recorrente numa instituição, torna-se social, institucionalizando-se, assim ao ser frequente, as testemunhas podem sentir dificuldade em identifica-lo, na medida em que este perdeu o seu conteúdo desviante, tornando-se subtil e 'normal' (Conde, 2009).

As testemunhas podem ter dificuldade em identificar a existência de um comportamento de violência devido ao efeito ator - observador. As atribuições feitas pelos indivíduos diretamente implicados no comportamento tendem a ser diferentes daqueles que só o observam. Os primeiros tendem a fazer atribuições do seu próprio comportamento a causas externas ou situacionais, enquanto os meros observadores são mais suscetíveis de realizar atribuições internas ao comportamento dos outros (Neto, 1998, citado por Vilas Boas, 2005).

Entre as diversas consequências negativas pelas quais as testemunhas se podem debater negativamente, destacamos a baixa qualidade ao nível do seu rendimento, o aumento do stress e subsequentes respostas psicológicas, insatisfação na realização das tarefas apesar de, aparentemente, não existirem repercussões sobre a sua auto-estima (Vartia, 2003). As testemunhas podem sentir-se ameaçadas e tensas, independentemente do conceito que cada indivíduo tece sobre a violência ser variável e da relação existente com o perpetrador, este reveste sempre características psicossomáticas (Conde, 2009).

Resumindo, vítimas e testemunhas de violência ao serem expostas a este comportamento de modo sistemático e abusivo, vêm o seu equilíbrio ameaçado. Por outro lado, o comportamento do agressor será particularmente eficaz se não for sancionado, desenvolvendo-se e institucionalizando-se e desenvolvendo-se em escalada (Conde, 2009). Gostaríamos, também, de salientar que os conceitos de “vítima”, “agressor” e “testemunha” não são estanques, na realidade, existem testemunhas que são, ou já foram, vítimas. (Conde, 2009). A violência é um processo dinâmico, com impacto negativo em todo o grupo.

8. Fatores Explicativos da Violência

8.1 Fatores de Risco

Diversos estudos e investigações empíricas têm cometido um esforço para compreender o fenómeno da violência, procurando inúmeros fatores explicativos e influentes no processo. Os fatores de risco são potenciadores da agressão (Silva, 2009; Maia & Williams, 2005; Maia, 2007). Dizem respeito às variáveis que aumentam a vulnerabilidade (Mendonça, Maia & Ribeiro, 2007) e a probabilidade de ocorrência de resultados negativos ou indesejáveis para o indivíduo (Reppold, Pacheco, Bardagi e Hutz, 2002; Richman & Fraser 2001 cit. in Sani e Ribeiro, 2009), incrementando assim, a probabilidade de ele se tornar violento (Garmezy, 1985; Sani e Ribeiro, 2009; Matos et al., 2009; Machado 2010).

Muitas pesquisas sugerem que a violência tem causas multifatoriais (Sani e Ribeiro, 2009), pelo que, o risco pode ter um efeito cumulativo (Gest, Reed & Masten cit. in Richman e Fraser, 2001). A multiplicidade de fatores de risco deve ser levada em consideração, pois o acumular de vários aspectos negativos pode produzir um risco acrescido e constituir-se mais importante do que a sua natureza específica do fator de risco para a violência (Maia, 2007; Maia & Seabra, 2007; Sani e Ribeiro, 2009).

Muitas descobertas recentes têm levado ao desenvolvimento de modelos que organizam os fatores de risco e os comportamentos que colocam os indivíduos em risco para a violência (Sani e Ribeiro, 2009). Segundo alguns autores tais fatores podem-se incluir em categorias de atributos biológicos, ambientais (Maia & Williams, 2005), cognitivos, sociais e de personalidade (Ribeiro, 2007; Silva, 2009) ou individuais, familiares, escolares/pares e comunitários (Gonçalves, 2003; Lipsey e Derzon, 1998; Dahlberg et al., 2005; Thornton, Craft, Dahlberg, Lynch & Baer, 2001; Douglas & Skeem, 2005; Williams, Rivera, Neighbours & Reznik, 2007 cit. in Ribeiro e Sani, 2009). De seguida tentaremos abordar e fornecer uma perspectiva ampla e compreensiva acerca dos fatores de risco que formam em conjunto o potencial individual para a agressão.

8.1.1 Fatores Biológicos e Ambientais

Os fatores de risco estritamente biológicos sugerem uma predisposição para a agressividade e dizem respeito a características inerentes ao indivíduo. Alguns fatores conhecidos derivam de um percurso de gravidez (Maia e Williams, 2005) com complicações médicas, como a prematuridade e presença de deficiência física ou mental no bebé (Hudges et al., 2001). Para Ramey e Ramey (1998), as crianças portadoras de determinados atributos biológicos e/ou sob efeito de determinadas variáveis ambientais apresentam maior probabilidade de apresentar distúrbio ou atraso no seu desenvolvimento (citados por Maia & Williams, 2005). Todos estes fatores, podem efetivamente colocar a criança numa posição de maior risco, para a vitimização e para a externalização da agressão (Figueiredo, 1998; Yunes, 2003; Silva, 2009b).

Determinados eventos stressantes de vida, relativos a quaisquer mudanças no ambiente que normalmente induzem a um alto grau de tensão e interferem nos padrões normais de resposta do indivíduo (Reppold et al., 2002; Maia & Williams, 2005), também são defendidos por diversos autores como significativamente influentes no desenvolvimento da agressividade. Quer através de fatores de ordem familiar (Sampaio e Gameiro, 1985 cit. in Silva, 2009) e do contexto envolvente, quer seja através de fatores estritamente ambientais,

como, diversos efeitos nocivos da poluição sobre o indivíduo (Englander, 1997; Romero, 2002; Ribeiro, 2007) que podem ser determinantes na deterioração da qualidade de vida do indivíduo, afetando-o de tal ordem, que o impele à violência.

8.1.2 Fatores Socioculturais

O sistema sociocultural onde os indivíduos se encontram inseridos é um importante determinante da agressividade (Ballesteros, 1993 cit. in Ribeiro, 2007). Certos acontecimentos como os baixos níveis de participação comunitária (Sani e Ribeiro, 2009) e as situações de crise e desigualdade socioeconómica, que geram oportunidades económicas diminutas, concentradas num nível de pobreza e de desemprego (Abramovay et al., 2002; Sani e Ribeiro, 2009) têm sido frequentemente evidenciados como fortes indutores de violência (O'Moore, 1995; Englander, 1997; Rochex, 2003 cit. in Ribeiro, 2007).

A sociedade atual apresenta uma dimensão competitiva mais estimulada comparativamente à cooperação (Martín, 1993) favorecendo por sua vez, os comportamentos agressivos (Ribeiro, 2007). Os jovens convivem com a falta de oportunidades e com um forte apelo do consumismo (Cocco, Lopes & Peretto, 2008), trata-se de uma relação negativa entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos indivíduos ou grupos, e o acesso a estas estruturas de oportunidades sociais, económicas, culturais e instituições escolares, de saúde e de trabalho (Vignoli, 2001; Filgueira, 2001 cit. in Abramovay et al., 2002).

Em algumas sociedades, a violência surge de certa forma legitimada e é considerada imprescindível para a sobrevivência (Fischer, 1994). A aculturação da violência, acontece frequentemente nas zonas socialmente mais desfavorecidas das cidades através de subculturas e entende que, um indivíduo pode ser pressionado a agir com maior agressividade devido à influência e aprendizagem vivenciada no seio do seu grupo de pares (Lourenço & Lisboa, 1992; Perkins, 2011), pelo reforço, que se manifestará por consequência numa maior coesão e sentido de pertença a um dado grupo social (Ribeiro, 2007; Perkins, 2011) ou através das relações específicas que desenvolvem como a falta de respeito pelas regras e normas de convivência social (Barros et al., 2009; Perkins, 2011). Para o agressor, o limite do poder pode ser a base da agressão que se perpetua na idade adulta, uma supervalorização do ato violento que pode ser tido como uma recompensa socialmente aceitável (Fernández, 1998).

8.1.3 Fatores Cognitivos

Os aspetos cognitivos são importantes na explicação do comportamento agressivo, na medida em que, a perceção que o sujeito estabelece acerca do seu contexto, depende do modo

como se procedeu o seu desenvolvimento (Fischer, 1992). Quando a criança inicia o seu percurso escolar, tem a oportunidade de construir uma base importante de interação social, pois vai interagir com os seus pares, vai poder observar as regras que se estabelecem entre os diversos agentes sociais e caso estas dinâmicas sejam interpretadas de forma disfuncional, maior será a probabilidade de desenvolver comportamentos desadequados e com um certo grau de violência (Fischer, 1992; Martín, 1993 cit. in Ribeiro, 2007).

Sabemos que diferentes fontes (famílias, pares, televisão) podem servir de modelo para a criança, influenciando o seu comportamento (Bandura, 1987), todavia, são as estruturas cognitivas da criança que determinarão a possibilidade efetiva da modelagem (Ramírez, 2007; Ribeiro, 2007). Com a exposição à violência, a probabilidade de manter a violência ativa na memória de scripts aumenta, resultando numa maior ativação, que pode influenciar o processo de avaliação de situações complexas, novas e ambíguas (Leme, 2004 cit. in Ribeiro, 2008).

Também parece importante ressaltar que o sistema cognitivo tende para a organização e acomodação, da experiência de exposição à violência, o que constitui os primeiros anos de vida, como uma etapa que suporta um risco acrescido. Na medida em que, os esquemas de interação social que estão em formação, também terão mais tendência para solucionar problemas de conflitos interpessoal de forma violenta. Ocasionalmente distorção na interpretação de intenção, estreitando por consequência, o espectro de opções de resolução (Leme, 2004 cit. in Ribeiro, 2008).

Paralelamente entende-se então, que o indivíduo agressivo não apresenta no seu reportório cognitivo, estratégias de coping, ou respostas para lidar com situações adversas, que não sejam também elas agressivas. O indivíduo sente stress quando considera que não tem capacidades ou recursos pessoais e sociais, para superar o grau de exigência que dada circunstância lhe estabelece e que é considerada importante para si (Vaz Serra, 2002; Tavares, 2010). Depreende-se por consequência, a agressão como resultado de uma inadaptação e de manifestas dificuldades em codificar a informação, o que resulta por consequência numa incapacidade para pensar e elaborar respostas alternativas, perante problemas interpessoais (Dodge, Petit, McClaskey e Brown, 1986; Ramírez, 2001; Pavarino, Del Prette e Del Prette, 2005; Silva, 2009). Bem como, torna a criança menos reflexiva face aos sentimentos, pensamentos e intenções dos outros (Cerezo, 1991; Ramírez, 2001) perpetuando ou mesmo aumentando os comportamentos agressivos (Silva, 2009).

O comportamento agressivo acarreta efeitos negativos para o próprio agressor, uma vez que pode implicar uma rejeição dos pares e adultos. Consequentemente a frequente rejeição que a criança sofre, pode promover a ideia de que o mundo é um lugar hostil, conduzindo ao

seu isolamento e ausência de interação social que se revela fundamental para a aquisição e desenvolvimento de competências sociais, agravando por seu retorno o problema da violência (Faria, Salgueiro, Trigo e Alberto, 2008; Pavarino et al., 2005; Rubin, LeMare e Hollis, 1991 cit. in Ramírez, 2001). A situação apresentada, pode induzir a criança a procurar saciar as suas necessidades sociais e baixa autoestima, através do apoio social, junto daqueles que partilham o mesmo estatuto de rejeição social, formando pequenos grupos desestabilizadores, que perpetuam o ciclo de hostilidade e violência (Cairns e Cairns, 1991 cit. in Ramírez, 2001; Paiva, 2004 cit. in Silva, 2009a).

As experiências de covitimização podem levar à ativação de mecanismos de defesa, que não são mais adaptativos, como exemplo, temos os processos de dessensibilização e ampliação dos comportamentos de risco, de fuga ou de adaptação às situações (Silva, 2009a). A dessensibilização consiste num afastamento emocional em relação à dor da vítima passando por considerar a violência como algo normal, essa normalização pode resultar numa incapacidade para confiar e se vincular ao próximo, o que fortalece o afastamento social e as dificuldades de relacionamento interpessoal (Cardia, 2003; Silva, 2009a,b). A convivência com a violência aumenta o risco de desenvolvimento psicopatológico infantil e aumenta a predisposição para a perpetuação dos mesmos comportamentos de violência (Cardia, 2003; Silva, 2009a; Gonçalves e Sani, 2006; Machado, Gonçalves e Matos, 2003, Sani, 2006, 2007; Sani e Ribeiro, 2009).

As crenças que os indivíduos elaboram acerca da violência vão influenciar fortemente o modo como codificam as experiências e como se comportam no futuro. As crenças elaboradas acerca dos relacionamentos familiares e sociais, e acerca de si próprios, são preditores na perpetuação do ciclo geracional de violência, e contribuem para a previsibilidade da aquisição desses comportamentos (Sani, 2006, 2007). As crenças disfuncionais aumentam a probabilidade de perpetuação do comportamento violento, pois a forma como ela pensa influencia sua ação (Sani, 2003, 2006). Embora a criança possa não partilhar as mesmas percepções acerca da violência que os seus familiares, a tendência é haver uma identificação, tornando-se a própria criança num potencial agressor (Sani, 2006; Silva, 2006). Para os adolescentes é particularmente importante uma vez que a procura da identidade os torna mais sensíveis as avaliações dos outros e às avaliações que faz, como resultado de comparações com grupos de pares e que podem influenciar o seu auto-conceito.

É importante aceder e reestruturar as crenças disfuncionais acerca da violência, tornando possível uma prevenção e quebra do ciclo de transmissão intergeracional da violência (Sani, 2006). Sabendo de ante mão, que a avaliação cognitiva é dinâmica, com o

tempo e à medida que são incorporadas novas informações, as dimensões são reavaliadas, resultando às vezes na mudança da própria emoção experienciada (Ribeiro, 2008).

8.1.4 Fatores Individuais

No que diz respeito às diferenças individuais que podem aumentar o risco para a exibição de comportamentos violentos podemos salientar: as dificuldades na aprendizagem; déficit de atenção; hiperatividade; baixo quociente de inteligência; déficit nas competências sócio-cognitivas, que promovem por sua vez problemas de relacionamento, rejeição e isolamento social (Sani, 1999, 2002, 2007; Sani e Ribeiro, 2009; Silva, 2009) (Pavarino, Del Prette e Del Prette, 2005; Silva, 2009; Sani e Ribeiro, 2009); apresentar sintomas depressivos (Pavarino, Del Prette e Del Prette, 2005 cit. in Silva, 2009); disfunções no sistema nervoso central; elevado stress emocional; envolvimento com drogas, tabaco e álcool (Sani e Ribeiro, 2009; Tavares, 2010).

Apresentar uma história de violência familiar, encontra-se fortemente relacionado ao comportamento violento, não só a curto prazo mas também, posteriormente (Dowd, 1998 cit. in Pascolat, 2001; Pavarino, Del Prette e Del Prette, 2005; Conde, 2009; Sani & Ribeiro, 2009; Silva, 2009). Possuir uma história de vitimização ou de envolvimento com a violência, apresentar um comportamento agressivo precocemente, auferir de autocontrolo pobre (Sani e Ribeiro, 2009), estar em desvantagem socioeconómica e sofrer discriminação social (Pavarino, Del Prette e Del Prette, 2005; Silva, 2009) são igualmente fatores indutores de violência.

Determinadas características físicas da vítima, consideradas fora do comum como a pertença a uma minoria étnica, ou ser portador de deficiência podem ser indutoras de um comportamento proveniente do agressor (DFE, 1994; Smith & Sharp, 1994; Costa, 1995; Lane, 1989). De acordo com Fernández, (1998) os alunos apontam as diferenças físicas, a roupa inadequada, o racismo e a homossexualidade como prováveis instigadores (Ribeiro, 2007). Parece existir também, uma correlação entre a força física e o grau de popularidade que eles apresentam, ou seja, quanto mais força, mais popular, logo pode ser agressor. Menor força, conduz a menor popularidade e a um perfil mais “adaptado “ para ser vítima (Olweus, 1998).

Em relação à idade como fator de risco para a violência, podemos referir que as crianças mais novas são mais vulneráveis (Barnett, 1997 cit. in Maia & Williams, 2005; Magalhães, 2005). Por outro lado, os adolescentes e as crianças parecem constituir o grupo significativamente mais vulnerável, uma vez que são os maiores perpetradores e vítimas da

violência (Elliott, 1994; Pereira, 2008; Cocco, Lopes & Peretto, 2008), talvez por não terem ainda adquirido e desenvolvido as competências pró-sociais e de assertividade (Matos, Simões & Gaspar, 2009). Ao que parece, a idade mais propícia ao início de comportamentos de violentos graves é entre os 15 e os 17 anos, depois dessa idade a probabilidade de envolvimento tende a diminuir (Elliott, 1994), o grupo dos 13 anos de idade são os mais implicados (Matos & Carvalhosa, 2001). Diversas evidências sugerem que há um aumento substancial do número de vítimas de violência, particularmente dos 12 aos 15 anos e que os adolescentes são mais frequentemente vítimas de violência física, que resultam muitas vezes em graves ferimentos e morte devido em parte ao aumento do uso de armas de fogo (Elliott, 1994).

As crianças que iniciam precocemente comportamentos agressivos apresentam maior probabilidade de cometer tais atos infracionais no futuro (Kumpfer & Alvarado, 2003), assim como gradualmente se vão agravando, até atingirem formas mais graves de agressão, antes e durante a adolescência (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi & Lozano, 2002; OMS 2002).

8.1.5 Fatores Familiares

A violência no contexto familiar diz respeito à violência doméstica, intrafamiliar, conjugal ou parental (Oliveira & Souza, 2006). Embora alguns autores refiram algumas diferenças entre os termos, queremos essencialmente fazer referência àquelas pessoas ligadas por laços de intimidade (Caridade e Machado, 2006) que vivem relações por vezes pautadas de excessos e disfunções (Paiva & Figueiredo, 2005; Rivera & Luna, 2010; Slep & O’Leary, 2001; Machado, Gonçalves e Vilalobos, 2008; Ribeiro, 2008) e que colocam o indivíduo em risco (Brancalhone, Fogo & Williams, 2004; Brancalhone & Williams, 2003; Cardoso, 2001; Maldonado & Williams, 2005; Rouf, Larkin & Lowe, 2011).

Aludimos inevitavelmente ao papel da família na inibição e desinibição de comportamentos agressivos (Ribeiro, 2007). O destaque da família como espaço com maior propensão para desencadear atos violentos nas crianças e adolescentes, e o fracasso escolar são percebidos em várias pesquisas (Abramovay & Rua, 2002; Guedes, 1999; Minayo et al., 1999; Loureiro e Queiroz, 2005; Vargas, 2009). A violência intrafamiliar, contribui em larga escala para o surgimento e manutenção do problema fora deste contexto reservado (Maia & Williams, 2005; Nunes, Sarti & Ohara, 2008). As condutas agressivas realizadas entre os familiares servem de modelo e treino ao comportamento dos adolescentes, que poderão por sua vez, exibi-los noutros contextos por generalização (Patterson, Capaldi e Bank, 1991 cit. in Ramírez, 2001; Wolfe, 1999 cit. in Machado, 2008; Del Prette & Del Prette, 2005; Maia &

Williams, 2005; Nunes, Sarti & Ohara, 2008; Silva 2009), nas relações interpessoais que mantêm com os pares ou outros adultos e na escola, promovendo a exclusão e o insucesso escolar (Pavarino et al., 2005; Silva, 2009; Ramírez, 2001; Vargas, 2009).

Paralelamente, os agressores precoces tendem a manter as suas atitudes enquanto adultos e a ter filhos que também se tornam agressores, o mesmo parece acontecer em relação ao papel de vítima (Farrington, 1993), assim estamos perante um ciclo que se retroalimenta e transmite de forma intergeracional (Sampaio & Gameiro, 1985 cit. in Silva, 2009; Sani, 2006, 2007). Segundo Barnett (1997), a grande maioria dos pais que maltratam os seus filhos foram maltratados quando crianças (Maia & Williams, 2005), o que é bastante revelador da intergeracionalidade existente, no fenómeno. Uma vez atingido o padrão comportamental violento, pelas crianças e adolescentes, e caso ele se manifeste de forma prolongada no tempo, ele por si pode ser fator preditor de violência conjugal no futuro a curto e a longo prazo (Caridade e Machado, 2006).

A maioria do comportamento violento é aprendido, o comprometimento com normas e valores convencionais, inseridos em redes sociais familiares, inibe o uso do comportamento violento, pelo contrário, o não comprometimento com estas normas, facilita o uso de expressões violentas (Burtea et al., 2008; Perkins, Craig e Perkins, 2011), que para muitos jovens a violência é a única maneira eficaz de atingir status e outras necessidades básicas sociais e pessoais (Elliott, 1994; Fernández, Clavero, Claro, Salguero e Venegas, 2002).

As causas iniciais para a violência estão muitas vezes nas experiências de aprendizagem precoces na família que estão por sua vez, relacionadas com a fraca participação e envolvimento dos pais na educação dos filhos, uma comunicação fragilizada entre o agregado (Mendonça et al., 2007; Sani e Ribeiro, 2009; Loureiro & Queiroz, 2005; Rouf, Larkin & Lowe, 2011), laços familiares fracos, supervisão e monitorização ineficaz, exposição e reforço para a violência em casa, assim como a aquisição de expectativas desajustadas, atitudes, crenças e respostas emocionais que suportam e toleram o uso da violência (Elliott, 1994). As evidências sugerem que a exposição direta e indireta durante a infância aumentam o risco de exibir comportamentos violentos durante a adolescência, em 40%, demonstrando assim, fortes efeitos modeladores com o comportamento violento.

O ambiente familiar que é pautado pela violência, consumo de substâncias, ausência de regras, aumenta a probabilidade dos adolescentes se envolverem igualmente em comportamentos de risco (Pungello, Kupersmidt & Burchinal, 1996 cit. in Mendonça, et al., 2007). As famílias que apresentam maior risco de violência são geralmente compostas por pais mais novos e imaturos (Elliott, 1994; Pascolat, 2001; Hughes, Graham-Bermann e

Gruber, 2001; American Academy of Pediatrics, 2002; Maia e Williams, 2005; Sani e Ribeiro, 2009; Machado et al., 2008; Rouf, Larkin & Lowe, 2011), que pertencem a classes minoritárias, apresentam competências e estratégias de resolução de problemas limitadas (Elliott, 1994; Machado et al., 2008; Rouf, Larkin & Lowe, 2011), pobre autocontrole de impulsos (Elliott, 1994, Hughes, Graham-Bermann e Gruber, 2001; Maia e Williams, 2005), história de comportamento violento durante a adolescência e vivência num ambiente violento e disfuncional (Elliott, 1994; American Academy of Pediatrics, 2002). Para além disso, possuir um historial problemas de saúde psicológicos e físicos (Pascolat, 2001; Hughes, Graham-Bermann e Gruber, 2001; American Academy of Pediatrics, 2002; Maia e Williams, 2005; Sani e Ribeiro, 2009) assim como a existência de discórdia familiar e o divórcio (Edari e McManus, 1998 cit. in Pascolat, 2001; Nunes et al., 2008; Sani e Ribeiro, 2009) podem ser fatores de risco que concorrem para a promoção do papel de agressor.

As famílias violentas, normalmente possuem poucos recursos, mais dificuldades socioeconómicas e experienciam por isso mais stress económico-social (Elliott, 1994; Barnett, 1997 cit. in Maia & Williams, 2005; Pascolat, 2001; American Academy of Pediatrics, 2002; Machado, 2005; Machado et al., 2008; Sani e Ribeiro, 2009) e mais isolamento social, não dispendo de alternativas que poderiam fornecer controlo social para os comportamentos alternativos não-violentos na gestão educacional dos filhos (Elliott, 1994; Machado et al., 2008). Revelam ter mais sentimentos de raiva, baixa tolerância à frustração, rigidez e autoritarismo (Hughes, Graham-Bermann e Gruber, 2001; Maia e Williams, 2005; American Academy of Pediatrics, 2002; Maia & Williams, 2005; Sani e Ribeiro, 2009). Apresentam na maioria das vezes uma baixa autoestima e pouca empatia para com os outros (Hughes, Graham-Bermann e Gruber, 2001; Academy of Pediatrics, 2002; Maia & Williams, 2005) o que pode complexificar a situação de isolamento social.

Há uma tendência para haver sobreposição de múltiplas formas de violência numa família (Oliveira & Souza, 2006; Sani, 2008; Machado et al., 2008). As famílias multiviolentas tendem a acumular dificuldades de vida, que aumentam o stress experienciado e promovem a perceção da agressão como uma resposta legítima ao desconforto e conflito. Fatores estes que vão potenciar, de uma forma ou de outra, a ocorrência de violência noutros relacionamento interpessoais (Machado et al., 2003; Maia et al., 2006; Ribeiro, 2008). Salientamos ainda, que o impacto a longo prazo da exposição a múltiplas formas de violência é mais grave do que o dos diferentes tipos de maus tratos considerados de forma isolada (Gonçalves & Vieira, 2004, 2005; Maia & Seabra, 2007; Bifulco e Moran, 1998 cit. in Machado et al., 2008).

8.1.6 Fatores Escolares

A violência é uma preocupação crescente na sociedade em geral e na escola em particular (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009; Glew, Fan, Katon, Rivara & Kernic, 2005; Martins, 2005; Matos, Negreiros, Simões & Gaspar, 2009; Nanser et al., 2001; Pereira, 2008; Raimundo & Seixas, 2009; Rigby, 1999; Seixas, 2005, cit. in Costa & Pereira, 2010). A violência na escola pode representar a ausência de um sentimento de identidade, afetividade e de pertença do aluno, que são indicadores de como ele irá se comportar em espaço escolar (Loureiro e Queiroz, 2005). Aquino (1998) refuta que o problema se centralize na figura do aluno, com uma postura patologizante (Lobato & Placco, 2007), assim, a escola pode então produzir violência quando falha na sua tarefa de proporcionar um contexto social significativo, geralmente os agressores não veem na escola qualquer utilidade, desinteressando-se totalmente (Pereira et al., 1996). Por outro lado, se o ambiente escolar é percebido como hostil e ameaçador, os alunos podem tender a responder com comportamentos violentos (Baker, 1998 cit. in Loureiro e Queiroz, 2005) o que tende a complexificar a problemática.

É muito frequente verificarmos variáveis sociais e escolares relacionadas com o comportamento violento. Os comportamentos sociais na escola encontram-se frequentemente relacionados com o desempenho académico, com a adaptação às tarefas e com os problemas de saúde mental na idade adulta (Bednar et al., 1989; Carledge & Milburn, 1978; Gresham, 1981 cit. in Veiga, 2011). O insucesso escolar encontra-se associado ao comportamento antissocial, bem como pode levar os adolescentes a uma rede de apoio constituída por outros que externalizam comportamentos desviantes, adotando os primeiros este tipo de padrão comportamental (Fonseca, Taborda, Simões & Formosinho, 2000 cit. in Costa e Pereira, 2010).

Podemos desta forma salientar, que os fatores de risco explicativos do comportamento agressivo encontram-se significativamente relacionados com a fraca ligação ou compromisso com a escola, com o fraco desempenho e insucesso escolar (Matos, Negreiros, et al., 2009; Sani e Ribeiro, 2009; Costa & Pereira, 2010). Os adolescentes deparam-se frequentemente com episódios de agressividade com os quais não sabem lidar, porém, constatamos que eles afetam de forma decisiva o seu percurso escolar (Freire, Simão & Ferreira, 2006; Costa e Pereira, 2010). O insucesso escolar parece encontrar-se também associado ao aumento do número de crianças agressoras (Nansel, et al., 2001; Pereira, 2002; Pereira et al., 2004; Pereira, 2008; Silva & Pereira, 2008), que compromete por consequência em retorno a aprendizagem e influencia o abandono escolar precoce (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009).

Os alunos com insucesso escolar registam valores superiores em termos de envolvimento em episódios de *bullying*, comparativamente aos alunos com sucesso escolar (Nansel et al., 2001; Pereira, 2008; Resnick et al., 1997; Silva e Pereira, 2008; Costa & Pereira, 2010). Assim, vamos ao encontro da ideia de que quanto maior é o insucesso, maior a probabilidade das crianças e adolescentes serem agressores (Pereira, 2008).

O insucesso escolar conduz frequentemente o adolescente à retenção escolar por vários anos consecutivos. Esta situação pode levar à aquisição de um novo estatuto dentro da turma e ao desenvolvimento de estratégias de defesa de forma a evitar constrangimentos (Pereira, 2008) que podem ser de carácter problemático (Carvalhosa et al., 2009; Costa & Pereira, 2010). Por outro lado, o ser repetente pode querer significar ser “mais velho” e “mais forte”, promovendo crenças facilitadoras da violência, pois, esta diferença de idade parece influir na ocorrência de agressividade (Ramirez, 2001; Farrington, 2002; Pereira et al., 1996; Baldry & Farrington, 2000).

Diversas investigações mostram a importância das emoções negativas no comportamento agressivo. A raiva é um preditor forte para a apresentação de risco de futuros comportamentos violentos (Berkowitz, 1989; Buss & Waren, 2000; Telles, Day, Foiino, & Taborda, 2009). A nossa exposição a experiências negativas e a nossa história de aprendizagem, são importantes, isto é, as nossas memórias acerca de experiências negativas na escola juntamente por exemplo, com experiências diárias de fracasso na leitura, podem causar desconforto psicológico e ativar a rede emocional negativa e consequente agressão (Selenius, Hellstrom & Belfrage, 2011).

As crianças e os adolescentes passam grande parte do dia em contexto escolar e surgem como os alvos principais da violência (Pereira, et al., 2004; Whitney & Smith, 1993; Costa e Pereira, 2010), sofrendo maiores repercussões negativas na saúde em geral (Sanchez & Minayo, 2004 cit. in Costa & Pereira, 2010) e em particular no sucesso escolar (Pereira, 2002; Pereira et al., 2004). Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, que corroboram a idade como um fator de vulnerabilidade ao risco de violência, entre alunos do 8º e do 10º ano, com uma maior vitimização nos alunos do 8º ano em relação aos do 10º ano de escolaridade (Velez, 2010 cit. in Veiga, 2011).

Alguns autores como Batista e Pinto (1999) consideram que é preciso diferenciar as consequências de ocorrências isoladas e rotinização da violência (Lobato & Placco, 2007). Para além disso, ser agressor na escola (Lane 1989 cit. in Barros et al., 2009) com recurso frequente à agressão ou intimidação, revela ser um forte preditor de delinquência (Olweus, 1989; Barros et al., 2009). Muito embora não se possa estabelecer uma relação direta entre o

insucesso escolar e qualquer tipo de comportamento desviante, é admissível lê-lo como um importante fator de risco para a indisciplina, violência em geral e *bullying* em particular (Akiba, Le Tendre, Baker & Goesling, 2002; Martins, 2009; Nansel et al., 2001; Pereira, 2008; Rigby, 1999 cit. in Costa e Pereira, 2010).

8.2 Fatores Protetores

Os fatores de risco contribuem em parte para o surgimento do comportamento violento, sabemos que se forem evitados podemos estar a prevenir a violência, por outro lado, os fatores de proteção podem contrabalançar o seu efeito e modificar ou alterar a resposta pessoal ao risco que predispõe para um dado resultado desadaptativo. Como por exemplo: o estágio de desenvolvimento da criança, o seu temperamento e habilidade de resolução de problemas do indivíduo (Rutter, 1985 cit. in Maia & Williams, 2005).

Os mecanismos protetores são influências que melhoram ou alteram a resposta dos indivíduos a ambientes hostis, que o predispõem a consequências desadaptativas (Hutz, Koller e Bandeira, 1996 cit. in Reppold et al., 2002). São características individuais ou condições ambientais que ajudam as crianças e os jovens a resistir ou a amortecer os riscos de violência aos quais estão expostos (Rischman e Fraser, 2001 cit. in Sani e Ribeiro, 2009). São condições que diminuem a probabilidade de o indivíduo desenvolver problemas (Richman e Fraser, 2001; Maia & Williams, 2005; Sani e Ribeiro, 2009) de externalização, tais como agressão, raiva, desordem de conduta (Holden et al., 1998 cit. in Maia & Williams, 2005). Tais fatores atrasam, suprimem ou neutralizam os resultados negativos, contendo efeitos compensatórios e ou amortecedores, melhorando diretamente uma condição problemática (Richman e Fraser, 2001; Maia & Seabra, 2007; Sani e Ribeiro, 2009), como a violência.

Até à atualidade os fatores protetores não foram tão exaustivamente estudados como os de risco. Contudo a sua identificação é tão ou mais importante, pois vão defender os indivíduos dos riscos de se tornarem violentos (Sani e Ribeiro, 2009) e são por consequência importantes no desenho de programas de prevenção mais eficazes. Para simplificar, nós consideramos a sua divisão em três categorias, conforme alguns autores sugerem, assim, poderão estar inseridos numa dimensão individual, familiar ou extrafamiliar.

8.2.1 Fatores Individuais

Segundo alguns autores, os fatores protetores individuais a realçar, incidem sobre: o desenvolvimento de uma atitude manifestamente intolerante face à violência; um elevado quociente de inteligência e bons resultados escolares; uma orientação social positiva;

apresentar competências de gestão de stress e autorregulação emocional; ter um temperamento resiliente; possuir percepção de apoio social por parte de adultos e/ou dos pares; valorização do envolvimento em atividades religiosas; saudável sentido de si; expectativas positivas e otimismo face ao futuro (Sani e Ribeiro, 2009). Outros autores atribuem maior destaque a determinados atributos disposicionais da criança, como o envolvimento em atividades, desenvolvimento de sentido de autonomia, uma orientação social positiva, uma auto-estima considerável (Garmezy, 1985 cit. in Maia & Williams, 2005). Segundo Rea-Grant, Thomas, Offord & Boyle (1989) a atitude positiva, a inteligência acima da média, a competência social ao nível da habilidade em se relacionar facilmente com os outros, da realização académica, participação e competência em atividades, alta autoestima e sentido de autoeficácia, são os fatores protetores principais relativamente aos comportamentos agressivos.

De acordo com Werner (1998) assinalam-se determinadas características da criança que consegue lidar de forma adequada com as adversidades. Tais indivíduos, possuem senso de eficácia e auto competência, são socialmente mais percetivos do que os seus pares que não conseguem lidar com adversidades, são capazes de despertar atenção positiva das outras pessoas, possuem habilidades de resolução de problemas, solicitam ajuda de outras pessoas quando necessário e possuem a crença de que podem influenciar positivamente o seu ambiente. Pode haver também um cuidador alternativo, que se pode tornar importante nos momentos de stress promovendo a competência, autonomia e confiança da criança. O referido autor destaca a importância da segurança e coerência na vida da criança.

Há características respeitantes à personalidade do indivíduo que podem facultar uma função protetora no que diz respeito ao comportamento agressivo, quando as crianças são mais afetivas e recetivas, abertas à experiência, apresentam uma autoestima moderada e um maior sentimento de autocontrolo (Sani, 1999; Yunes, 2003; Silva, 2009b).

8.2.2 Fatores Familiares

Diversos estudos demonstram a relevância das relações familiares para a saúde mental dos jovens (Greenberg, Siegel & Leitch, 1983; Aseltine, Gore & Colten, 1994; Mendonça et al., 2007). Além disso, alguns estudos revelam que a comunicação aberta entre pais e filhos pode diminuir a probabilidade do seu envolvimento em comportamentos de risco (Whitaker & Miller, 2000; Wills, Gibbons, Gerrard, Murry & Brody, 2003; Mendonça, Maia & Ribeiro, 2007), nomeadamente a violência.

Em relação aos fatores protetores relacionados com o ambiente familiar, gostaríamos de referir que alguns são lidos como mais prevalentes e importantes. Nomeadamente: a ligação a familiares e adultos fora da família nuclear; a capacidade para discutir os problemas com os pais; altas expectativas parentais percebidas face ao desempenho escolar; atividades frequentes, partilhadas com os pais; presença consistente dos pais durante pelo menos um de entre (ao acordar, ao chegar da escola, na refeição da noite e ao deitar); envolvimento em atividades sociais (Sani e Ribeiro, 2009). Outras características da família, como a coesão, a afetividade, a ausência de discórdia e negligência, também são valorizadas (Garmezy, 1985 cit. in Maia & Williams, 2005).

A família pode ser destacada como responsável pelo processo de socialização da criança, pela forma como ela adquire comportamentos, desenvolve capacidades e valores apropriados e desejáveis à sua cultura. Nesse contexto, a internalização de normas e regras possibilitarão à criança um desempenho social mais adaptado e a aquisição de um sentido de autonomia (Bee, 1995 cit. in Maia & Williams, 2005) mais saudável.

Se a hostilidade e negligência parental contribuem para o aumento dos distúrbios de conduta, as práticas efetivas, um funcionamento familiar ajustado, a existência de um vínculo afetivo, o apoio e monitoramento parental são fatores protetores que reduzem a probabilidade de adolescentes desenvolverem comportamentos agressivos. Assim, a família tanto pode ser um fator de risco como protetor, dependendo do estilo parental utilizado (Reppold et al., 2002 cit. in Maia & Williams, 2005). As práticas educativas positivas envolvem: o uso adequado da atenção e distribuição de privilégios, o adequado estabelecimento de regras, a distribuição contínua e segura de afeto, o acompanhamento e supervisão das atividades escolares e de lazer; desenvolvimento do comportamento moral e de empatia, do senso de justiça e da responsabilidade (Gomide, 2003; Maia & Williams, 2005).

Segundo Kumpfer e Alvarado (2003 cit. in Maia & Williams, 2005), as práticas parentais efetivas constituem-se no mais poderoso meio redutor de problemas comportamentais nos adolescentes. Os pais possuem um poderoso impacto nos comportamentos de saúde, apesar da influência de pares ser a principal razão para o adolescente iniciar comportamentos negativos, uma análise mais cuidadosa aponta para a preocupação dos adolescentes com a desaprovação dos pais referente ao uso de álcool ou drogas, como principal razão para não usá-los. Os autores destacam o ambiente familiar positivo, um relacionamento positivo entre pai e filho, supervisão, disciplina consistente e comunicação dos valores familiares, como a principal razão para os jovens não se envolverem em comportamentos não saudáveis.

A nível familiar, Res-Grant et al., (1989) também destacam o suporte dos pais, a proximidade, e um ambiente de regras adequado. Os estilos parentais adequados, o grau de escolaridade materna e seu baixo nível de depressão, são fatores igualmente relevantes (Holden et al., 1998). Parece-nos que são vastos os fatores protetores do comportamento violento, mas é acima de tudo, essencial existir qualidade na interação entre pais e filhos, assim como experiências diversas e apropriadas com o ambiente envolvente, que garantam a promoção de saúde e segurança (Guralnick, 1998 cit. in Maia & Williams, 2005).

8.2.3 Fatores Extrafamiliares

De acordo com Sani & Ribeiro, (2009), alguns fatores protetores relativos ao ambiente escolar, dizem respeito ao desenvolvimento de motivação e atitude positiva face a escola, assim como ao estabelecimento de um compromisso, partilhando um sentido de identidade com ela, e envolvendo-se nas atividades sociais que proporciona. É importante também desenvolver uma relação positiva com os pares e receber dos pais a aprovação dos amigos. A escola por sua vez pode contribuir com proteção para os comportamentos de risco, se estabelecerem uma elevada qualidade com regras, padrões e critérios claros.

Os amigos e a escola são citados primordialmente como fatores de proteção especialmente relevantes, na medida em que, podem fornecer um suporte emocional adequado. Os professores por outro lado, também são importantes, uma vez que podem vir a ser um modelo positivo de identificação pessoal para uma criança de risco (Werner, 1998; Maia & Williams, 2005).

No que diz respeito aos fatores relacionados com a comunidade, podemos referir alguns mais relevantes. Comunidades economicamente estáveis, que revelem coesão social, que pode de alguma forma fornecer apoio quando necessário, com expectativas elevadas, que podem promover uma trajetória correspondente positiva por parte do indivíduo, são fatores protetores de comportamentos violentos (Sani & Ribeiro, 2009).

São estruturas que constituem fontes de apoio individual ou institucional disponíveis para a criança e família, de suporte cultural, atendimento individual médico ou psicológico (Garmezy, 1985 cit. in Maia & Williams, 2005), ou seja, ambientes promotores de segurança e saúde (Sani e Ribeiro, 2009).

A criança não é meramente passiva, ela vai interagir e participar nas transações familiares (Holden et al., 1998; Maia & Williams, 2005) e extrafamiliares, que poderão promover proteção a comportamentos de risco. A oportunidade da criança interagir e manter contato construtivo com os pares e com outras pessoas fora da família, como adultos

significativos e instituições (Res-Grant et al., 1989 cit. in Maia & Williams, 2005). Assim como, uma qualidade positiva na interação com a comunidade e uma rede social fortemente estabelecida, podem ser destacados como exemplos de amortecedores à agressão, que podem diminuir a expectativa de consequências negativas (Holden et al., 1998; Maia & Williams, 2005).

9. Prevenção

Acreditamos que é importante debruçarmo-nos sobre algumas possibilidades de prevenção, capazes de combater o fenómeno que nos propusemos a estudar. Acreditamos acima de tudo que a prevenção da violência não é um problema intratável, pois pertence a uma categoria de problemas que pode ser compreendido, tratado e logo prevenido (Shaw, 2005). Consideramos que existe de forma premente a necessidade de desenvolver programas de prevenção efetivos e eficazes. Primeiramente sabemos que é imprescindível ter identificado de forma clara os mecanismos envolvidos no processo, os fatores de risco e protetores circundantes.

Alguns dos temas abordados atrás como a influência de pares, suscita-nos que embora seja dependente em parte das normas sociais integradas por cada indivíduo, são ambos fatores cruciais no desenvolvimento de comportamentos violentos (Ajzen, 2001, 2002 cit. in Perkins, Criag e Perkins, 2011), principalmente no que diz respeito aos comportamentos particulares de dominação e subjugação (Perkins et al., 2011).

Muita da violência que emerge nas escolas, deve-se em grande parte ao fato dos adolescentes passarem nesta instituição grande parte do seu tempo, e de se constituir um espaço privilegiado para o desenvolvimento de um comportamento social entre pares (Perkins et al., 2011).

Sabendo que as crenças erróneas ou disfuncionais respeitantes a adolescentes e adultos, está associado ao comportamento violento (Fabiano, Perkins, Berkowits, Linkenboach e Stark, 2003; Ribeiro, 2008; Neighbors, 2010; Nascimento, 2010; Sani e Ribeiro, 2009; Silva, 2009). É necessário absorver o impacto negativos dessas crenças disfuncionais, promover a desconstrução e posterior reconstrução de crenças racionais e positivas a cerca da violência, para então promover atitudes e comportamentos positivos importantes numa abordagem preventiva do problema. Podemos conduzir essa mudança cognitivo-comportamental através do debate lógico (Sani, 2006), entre outras técnicas.

Poderemos pensar em abordagens preventivas que surgem posteriormente à realização de avaliações acerca do estado dessas crenças disfuncionais, devolvendo posteriormente um

feedback dos valores encontrados. Podemos expor esses resultados através de cartazes (Perkins et al., 2011) na escola e esperar uma identificação com o grupo que evidencia crenças adaptativas.

Podemos também promover programas de intervenção para prevenção de comportamentos violentos. Eles podem conter um módulo de esclarecimento acerca da violência, analisando o conceito e procedendo à exploração das suas tipologias. Deverão tentar promover o autocontrole emocional, competências sociais com estratégias de coping mais ajustadas à resolução de problemas eficaz (Ribeiro, 2008).

Podemos trilhar planos estratégicos de prevenção, tendo em conta o seu estado de desenvolvimento. Logo podemos conceptualizar uma prevenção primária, se estivermos ao nível da antecipação do problema, por exemplo no caso de maus-tratos infantis, podemos optar por um apoio domiciliário com adolescentes grávidas, procurando colmatar fatores de instabilidade socioeconómica e isolamento social das famílias (Coelho, 2006). Podem ser realizados programas de treino em competências familiares, terapia familiar breve, programas de prevenção para adolescentes de alto risco e seus pares, são métodos na sua globalidade, eficazes na redução de problemas adolescentes, com base na promoção da supervisão familiar monitoramento, na facilitação da comunicação efetiva de expectativas, normas e valores familiares, e na promoção do tempo que a família permanece junto para aumentar o vínculo e reduzir a influência inadequada dos pares (Kumpfer e Alvarado, 2003 cit. in Maia & Williams, 2005).

Noutro estágio, teremos a prevenção secundária, que atua quando já existe um dado problema, que depois de identificado deve-se ter em conta toda a adversidade envolvente no problema e criar um programa de vise sensibilizar o público em geral e particular procurando as melhores estratégias para lidar e resolver o problema. A prevenção terciária vem reforçar a ideia e necessidade de coordenação e de atuação das equipas multidisciplinares, pois ela ocorre numa altura em que já são visíveis danos resultantes da violência. Assim sendo é importante haver articulação entre várias instituições como hospitais, centros de saúde, comissão de proteção de menores, tribunais, a fim de se procurar construir um novo projeto de vida, mais construtivo e ajustado para o indivíduo.

A escola constitui de forma privilegiada, um núcleo básico de socialização, a sua intenção deverá ser promover e desenvolver relacionamentos interpessoais pacíficos. Assim um objetivo principal da escola deverá ser, o de prevenir e tratar a violência e a convivência por consequência (Fernández, Clavero, Claro, Salguero & Venegas, 2002).

Essa prevenção pode passar pela promoção de um ambiente positivo com atividades de interesse para o jovem, com debates, palestras e clubes que permitem uma melhor integração com o espaço envolvente. Também pode passar pela escola introduzir novas estratégias de aproximação ao problema, mesmo que curriculares, desenvolvendo programas educacionais que aludem a valores, habilidades emocionais e sociais básicas (desenvolvimento de comunicação assertiva, empatia, autoestima, autocontrolo na agressão e stress, e para a estratégias de resolução de conflitos ou problemas) (Fernández et al., 2002). Podem utilizar métodos dissuasivos, com recurso ao círculo de amigos (Fernández et al., 2002), os jovens juntamente com os seus pares podem desenvolver o programa preventivo da violência, pois também são eles os melhores conhecedores das suas entrelinhas (Shaw, 2005). Ou recorrendo a projetos mais globais que encenam por exemplo o intuito de transmitir a mensagem de que “conviver é viver”. Contudo convém não esquecer que de qualquer forma, os programas deverão levar em consideração, as diferenças culturais, étnicas e de género existentes entre os elementos intervenientes (UNICEF, 2002).

De acordo com os estudos, o bullying é um facto presente nas escolas e acarreta consequências nocivas sobre toda a comunidade educativa, a escola deve, impreterivelmente, fomentar estratégias exequíveis para o seu combate (Ribeiro, 2007). Pereira (2008) defende que quando identificados os autores nos seus vários papéis, deverão ser orientados, com ajuda especializada e os pais deverão ser alertados (Nogueira, 2005 cit. in Barros et al., 2009).

Mesmo com o afastamento da vítima, o agressor mantém a sua condição e fará uma nova vítima. Da mesma maneira que muitas vítimas não se identificam como vítimas, também os agressores não o fazem, tornando-se mais difícil a intervenção dos Técnicos. Ajudar as pessoas a gerir sentimentos perturbadores como a ira, a raiva, a ansiedade, o pessimismo, é fundamental para que desenvolvam a capacidade de pensar antes de agir. Goleman (1997, p. 268) diz-nos que isto consegue-se se ensinarmos “algumas competências emocionais básicas, incluindo como resolver desentendimentos”. Numa lógica preventiva, devemos ensinar às nossas crianças como evitar uma vida de violência, dotando-as de capacidades para gerir as suas próprias emoções, desde a tristeza, à alegria, da frustração, à angústia ou à raiva. Este ensinamento poderia ser efetuado nas escolas, à semelhança de outras disciplinas (Marques, 2009).

A violência deve ser vista como um problema de saúde pública, e não meramente criminal, focando-se na prevenção de futura morte ou ferimentos. Acima de tudo, queremos esclarecer, como aliás, parece consensual a uma grande maioria de autores (Shaw, 2005). Que nos parece preferível investir em estratégias preventivas, criando suporte quer para o jovem,

quer para a sua família e comunidade, do que, utilizar estratégias de último recurso que não mais fazem além de, encarcerar o indivíduo na sua liberdade, negando a oportunidade de criar um novo projeto de vida mais construtivo.

Capítulo II – Estudo Empírico

No presente capítulo, passamos a descrever e a justificar as opções metodológicas que nortearam a realização do estudo empírico. Serão definidos os objetivos do estudo, será efetuada uma caracterização dos participantes e uma descrição dos instrumentos utilizados, bem como a descrição do procedimento adotado do na recolha e análise dos dados.

1. Objetivos do Estudo Empírico e Opções Metodológicas

O presente trabalho insere-se no quadro de estudos que investiga as concepções sobre uma determinada dimensão da experiência social, e pretende contribuir para a compreensão das dimensões cognitivas relacionadas com a violência, através da exploração das concepções adolescentes Açorianos em idade escolar, fazem a esse respeito.

Considerando que a violência se constitui como algo particularmente presente e socialmente relevante. Procuramos assim, compreender que concepções tecem os adolescentes acerca da violência, os objetivos da nossa investigação são essencialmente, a recolha e análise dos dados que incidem sobre: 1) As concepções pessoais dos adolescentes acerca da violência; 2) As atribuições causais utilizadas para justificar a ocorrência do fenómeno; 3) Os efeitos esperados ou consequências advindas da violência; 4) A experiência emocional vivenciada pelos protagonistas; 5) As intervenções possíveis ao nível da prevenção; 6) A visibilidade do fenómeno; 7) A funcionalidade das concepções acerca da violência.

Na medida em que um dos nossos interesses reside na análise dos diferentes significados em torno da violência, consideramos ser a metodologia qualitativa a mais indicada para proporcionar a compreensão desejada sobre as concepções dos indivíduos em relação ao fenómeno, sem reduzir a sua possível diversidade a padrões dominantes. Não se trata de uma rejeição do valor da análise quantitativa, mas sim de uma opção conceptual e metodológica que se situa como alternativa às perspetivas tradicionais dominantes no campo da investigação relacionada com a violência. Alguns autores referem a falta de investigação qualitativa nesta área específica. Acreditamos que a investigação qualitativa garante a busca da globalidade e da compreensão dos fenómenos, com um cariz indutivo e holístico (Almeida & Freire, 1997). No presente estudo vamos tentar estudar a realidade sem a fragmentar nem

descontextualizar, partindo sobretudo dos próprios dados fornecidos pelos participantes, para os compreender e explicar.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), o facto de se pretender recolher dados que pretendam descrever e interpretar os significados que os indivíduos atribuem a situações e fenómenos, justifica a realização de uma abordagem qualitativa. Deste modo, pretendemos responder a questões de natureza explicativa e não pretendemos exercer o controlo sobre os fenómenos. Temos como objetivo obter um produto final com características interpretativas das situações. O nosso estudo empírico insere-se então, numa abordagem e metodologia qualitativa sendo que, se torna pertinente analisar as suas características principais.

A investigação qualitativa agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características, os dados qualitativos recolhidos através da mesma, são ricos em pormenores descritivos e requerem um tratamento complexo. As questões e objetivos propostos para a investigação são formulados com o propósito de investigar o fenómeno em causa em toda a sua complexidade (Bogdan e Biklen,1994). Os mesmos autores Bogdan e Biklen (1994), apresentam-nos as cinco principais características da investigação qualitativa: 1) A situação natural constitui a fonte dos dados, sendo o investigador o instrumento-chave da recolha de dados; 2) A sua primeira preocupação é descrever e só secundariamente analisar os dados; 3) A questão fundamental é todo o processo, ou seja, o que aconteceu, bem como o produto e o resultado final; 4) Os dados são analisados intuitivamente, como se se reunissem, em conjunto, todas as partes de um puzzle; 5) Diz respeito essencialmente ao significado das coisas, ou seja, ao “porquê” e ao “o quê”.

Foram estes os princípios orientadores que seguimos para a realização do nosso estudo, nomeadamente com o recurso a entrevistas, por considerarmos que esta seria a metodologia de investigação que melhor se enquadrava no quadro dos objetivos que propomos dar resposta.

2. Participantes

O presente estudo contou com a participação de 8 indivíduos, os quais identificamos nesta dissertação por P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8, todos a frequentar a Escola Secundária e são residentes no concelho da cidade de Lagoa.

Os nossos participantes foram indivíduos que se mostraram disponíveis para participar no estudo, no local escolhido para a realização da pesquisa, ou seja, na Escola Secundária de Lagoa, tendo em conta critérios pré-estabelecidos referentes ao ano escolar, à idade e ao sexo. Foi nossa pretensão encontrar um universo de participantes relativamente variado que

representasse ambos os sexos, diferentes anos escolares (que pode implicar uma maturidade diferenciada), e idades compreendidas num intervalo etário significativo para a problemática em estudo, a violência. O estudo delimitou a faixa etária dos participantes, num grupo dos 12 aos 16 anos, uma vez que parece ser uma fase em que os adolescentes estão mais vulneráveis às influências externas, esse padrão de influência pode se traduzir em sentimentos de frustração e violência, entre outras problemáticas (Maia, 2008).

Os nossos participantes embora não correspondam à totalidade dos casos existentes, abrangem interpretações e representações distintas do fenómeno em estudo e se coaduna com os objetivos da investigação. Parece haver heterogeneidade, os indivíduos encontram-se distribuídos equitativamente por sexo, masculino e feminino, ao longo dos 4 anos de escolaridade escolhidos o 7º, 8º, 9º e 10º ano. As idades estão compreendidas entre os 12 e os 16 anos, metade (N=4) dos participantes tem 15 anos de idade e a média relativa de idades situa-se nos 14 anos. A grande maioria dos participantes (N=7) autoavalia-se como pertencente à classe média. Todos os participantes referem ajudar ou participar nas atividades e tarefas da casa, especialmente depois da escola e/ou ao fim-de-semana.

Podemos de seguida visualizar a distribuição dos nossos participantes pelas categorias descritas.

Quadro 1. Identificação Sociodemográfica dos Participantes

Participante	Sexo	Idade	Ano Escolar	Retenções	Nível Socioeconómico
P1	Feminino	12	7º	Não	Médio
P2	Masculino	13	7º	Não	Médio
P3	Feminino	14	8º	Não	Médio
P4	Masculino	15	8º	Sim	Médio
P5	Feminino	15	9º	Não	Médio
P6	Masculino	15	9º	Não	Médio
P7	Feminino	16	10º	Sim	Médio-alto
P8	Masculino	15	10º	Não	Médio

3. Procedimentos, Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

A parte empírica desta dissertação compreende um estudo de natureza qualitativa, que recorreu aos métodos de recolha de dados por questionário e entrevista. Primeiramente os participantes e respetivos encarregados de educação, tomaram conhecimento dos fatores pertinentes relativos ao presente estudo empírico e assinaram em modo de concordância o termo de consentimento informado (Anexo 1). De seguida agendamos uma data conveniente,

para que se procedesse à recolha de dados, assim e em momento oportuno, os participantes foram convidados a preencher um questionário sociodemográfico (Anexo 2). Consecutivamente procedeu-se à condução da entrevista semiestruturada, levada a cabo com auxílio de um guião (Anexo 4). A entrevista foi realizada inicialmente como pré-teste e posteriormente, com os participantes inseridos no estudo. Por fim, foi pedido aos participantes que preenchessem a Escala de Crenças da Criança sobre a Violência (E.C.C.V.), validada para a população portuguesa por Sani, (2003) (Anexo 3).

As respostas obtidas através da escala foram analisadas e cotadas, enquanto as entrevistas foram transcritas e posteriormente alvo de análise de conteúdo de acordo com os princípios de Bardin (1979).

3.1 Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico (anexo II) realizado com os participantes deste estudo continha questões relacionadas com os participantes, auferindo sobre a idade e o ano de escolaridade, inquiriam sobre a área de residência dos sujeitos, suas atividades livres e grau de participação nas tarefas familiares. Em relação à composição da família, tentou-se auferir como se estruturava o agregado familiar, o estado civil dos próprios e dos pais, assim como, suas habilitações, ocupações laborais e estatuto socioeconómico da família. O estatuto socioeconómico, foi inferido através de uma escala de autoavaliação do tipo *lickert* que pontuava 5 valores diferenciais: baixo; médio baixo; médio; médio alto; alto.

3.2 Escala de Crenças da Criança sobre a Violência

No essencial, a técnica de inquérito por questionário é vulgarmente usada em diversas pesquisas, possui uma estrutura padronizada, tanto no texto das questões, como na sua ordem (Borg e Gall, 2002) permite a obtenção de uma multiplicidade de dados num intervalo de tempo reduzido e a possibilidade de evitar a influência do investigador nas respostas dos sujeitos participantes no estudo (Bravo, 1991).

Utilizamos no presente estudo a Escala de Crenças da Criança sobre a Violência (E.C.C.V.) (Anexo III) que foi criada e validada por Sani (2003) com o propósito de avaliar crenças funcionais ou disfuncionais acerca da violência em crianças e adolescentes, independentemente de tais situações estarem presentes nas suas vidas. Centram-se sobretudo em situações de violência física e psicológica, uma vez que são mais permeáveis à identificação, pela população em geral e mais regularmente relatadas pelas vítimas (Sani, 2006; Sani, 2007).

A escala é constituída por 32 itens, cada um corresponde a uma crença. Apresentam um formato de resposta tipo likert com quatro opções de resposta: 1) não concordo; 2) concordo pouco; 3) concordo; 4) concordo muito. Uma pontuação mais alta significa que o adolescente possui ideias congruentes com as afirmações, portanto, quanto maior for o grau de concordância mais revelador será da presença de crenças erróneas (Sani, 2003; Sani, 2006). A escala diferencia-se em quatro domínios relacionados com as determinantes socioculturais, individuais, educativas e etiológicas da violência. A escala em geral, assim como, cada um dos fatores, revelam uma estrutura de consistência interna significativa (Sani, 2003, 2006; Ribeiro, 2008; Silva, 2009).

A escala apresenta uma enorme vantagem ao nível da sua aplicabilidade qualitativa, uma vez que, visa apreender que tipos de ideias são importantes para uma possível desconstrução e reconstrução (Sani, 2003; Sani, 2006; Ribeiro, 2008; Silva, 2009) das crenças disfuncionais.

3.3 Entrevista

A entrevista é uma conversa com um objetivo (Bingham e Moore, 1924), intencional, dirigida a uma pessoa, com o propósito de obter informação. Possibilita diversidade relativamente às questões e respostas efetuadas, uma interação direta entre os dois intervenientes e fornece uma oportunidade para reformular questões e aprofundar um determinado assunto. A entrevista pode ser utilizada conjuntamente com outros métodos, de forma a validá-los (Cohen, Manion & Marrison, 2007), assim como serve o propósito de controlar, verificar, aprofundar e explorar (Ghiglione e Matalon, 1978) as motivações e razões dos respondentes.

Em investigação qualitativa, as entrevistas podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com outras técnicas. Em ambas situações, a entrevista serve o propósito de recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam e dão significado aos fenómenos (Bogdan e Biklen, 1994). A sua função principal será revelar determinados aspetos da violência em que a investigadora não teria espontaneamente pensado por si mesma e, assim, completar as pistas de trabalho sugeridas pela revisão de literatura (Quivy e Campenhoudt, 1995).

Realizamos uma entrevista do tipo semiestruturado, por se coadunar melhor com os nossos objetivos de investigação, ao permitir um maior grau de flexibilidade na exploração

das questões e conseqüente aprofundamento, por possibilitar ao sujeito uma expressão aberta, mais liberta de constrangimento e assim recolher um maior número de dados diversificados.

Na realização da entrevista semiestruturada, que durou aproximadamente 50 minutos, foi realizado um guião (anexo IV) previamente preparado que norteou o desenvolvimento da entrevista, gravada em áudio, e posteriormente transcrita na íntegra para *Word*. Ao longo do processo o entrevistador procurou garantir que todos os participantes respondessem às mesmas questões, evitou afastar-se do guião, tentou usar linguagem acessível e perceptível ao entrevistado e quando necessário optou por motivá-lo a responder às questões.

4. Procedimento de Análise de Dados

A análise dos dados provenientes da entrevista, foi realizada com recurso à análise de conteúdo. A referida técnica de investigação é capaz de codificar os relatos livres dos participantes (Vala, 1986; Bardin, 2004; Esteves, 2006) através de uma análise sistemática ao texto, segue o propósito de identificar os temas repetidos e as associações mentais a que pretendem dar origem (Ferrarotti, 1986 cit. in Moreira, 2009). Destacamos no presente estudo a função heurística da análise de conteúdo, que enriquece a tentativa exploratória e aumenta a propensão à descoberta (Bardin, 2004).

A análise de conteúdo vai procurar produzir inferências do conteúdo da comunicação, de forma objetiva. O investigador por seu turno, terá de categorizar as unidades de texto que se repetem, por intermédio de indicadores que lhes estejam associados, inferindo uma expressão que as represente. A análise categorial é a mais utilizada, funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, segundo agrupamento, após identificação das similaridades entre os elementos (Bardin, 1997).

As categorias permitem a simplificação do material a inferenciar (Ghiglione e Matalon, 1978), assim, construímos o seguinte esquema categorial, o qual foi acompanhado de algumas unidades de registo explicativas (Anexo V).

Categoria 1 – A definição da violência – engloba os excertos das entrevistas dos participantes no que se refere às formas de definir o conceito da violência.

Subcategoria 1.1 – Terminologia geral - inclui todas as afirmações relacionadas com as atribuições de valor e com a direção da violência, se é autoinfligida, direcionada para outras pessoas, objetos ou animais.

Subcategoria 1.2 – Tipologia da violência – inclui todos os excertos que indicam que a violência pode assumir uma forma física, psicológica, sexual ou de negligência.

Subcategoria 1.3 – Protagonistas da violência – engloba os relatos que identificam na ação de violência o papel da vítima, do agressor e/ou do observador.

Subcategoria 1.4 – Exposição à violência – insere os elementos e unidades de texto que conferem à vitimização um caráter direto e/ou indireto.

Subcategoria 1.5 – Contextos – permite inserir os elementos de relato indicativos dos contextos onde a violência pode ocorrer, se em contextos familiar, escolar, entre pares ou no contexto comunitário mais alargado.

Categoria 2 – As Hipóteses explicativas – engloba todas as causas explicativas da violência, encontradas pelo participante.

Subcategoria 2.1 – Ser agressor – insere todos os relatos que indicam hipóteses explicativas para o comportamento agressivo, sejam promovidas por causas familiares, escolares, individuais ou comunitárias.

Subcategoria 2.2 – Ser vítima – insere todas as afirmações relacionadas com as hipóteses explicativas da vulnerabilidade da vítima, sejam causas familiares, escolares, individuais ou comunitárias.

Categoria 3 – Consequências da Violência – engloba os excertos das entrevistas dos participantes no que se refere à identificação de consequências provenientes do fenómeno da violência.

Subcategoria 3.1 – Agressor – integra as consequências da violência identificadas para o protagonista que exerce o papel de agressor. Os prejuízos e danos podem ser manifestos em áreas de vida do sujeito diferentes, nomeadamente a título individual, familiar e escolar.

Subcategoria 3.2 – Vítima – integra os excertos das entrevistas que referem as consequências sofridas pela vítima. Os danos podem se fazer sentir a nível individual, familiar e escolar.

Subcategoria 3.3 – Observador – contempla as referências indicadoras das consequências sofridas pelo observador, como fruto do testemunho do fenómeno de violência. Podem por consequência ser de caráter individual, familiar e/ou escolar.

Categoria 4 – Emoções – integra as emoções sentidas pelos diversos atores envolvidos no fenómeno de violência.

Subcategoria 4.1 – Emoções da vítima – engloba as emoções sentidas pela vítima de violência.

Subcategoria 4.2 – Emoções do agressor – engloba as emoções vivenciadas pelo agente da agressão.

Subcategoria 4.3 – Emoções do observador - engloba as emoções experienciadas pela testemunha dos atos de violência.

Categoria 5 – Prevenção – engloba os testemunhos acerca das estratégias de intervenção com vista a prevenção e resolução do problema da violência.

Categoria 6 – Visibilidade do fenómeno – contempla os excertos das entrevistas dos participantes no que se refere à visibilidade do fenómeno nas suas vidas, se a violência é um acontecimento frequente com contornos de proximidade, se já aconteceu com a própria pessoa, com familiares ou amigos.

Na realização da análise de conteúdo adotámos a metodologia e os procedimentos definidos por Bardin (2004): a organização da análise, a codificação centrada no conteúdo orientada para a identificação de temas, a categorização, a inferência e a interpretação. Assim como se diligenciou que a categorização obedecesse a diversos princípios: exaustividade (onde se atendeu a todas as unidades de registo pertinentes e todas foram codificadas); exclusão mútua (evitar que a mesma unidade de registo possa surgir ao mesmo tempo em duas categorias diferentes); homogeneidade (a organização do sistema obedeceu às mesmas leis de classificação); pertinência (as categorias criadas foram relevantes e coerentes com o material de análise e quadro teórico); objetividade (procurou-se que as unidades de registo fossem codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises); e de produtividade (relativo aos resultados a alcançar) (Bardin, 1977; Carmo & Ferreira, 1998).

Em termos da robustez do sistema categorial estabelecido, consideramos que foram atingidos os princípios de uma boa categorização, uma vez que procuramos assegurar a validade e fiabilidade do sistema. Podemos salientar que, as categorias estiveram ancoradas na literatura e procuramos não nos afastar dos objetivos da investigação propostos nesta dissertação. De igual forma, procuramos assegurar a fiabilidade do sistema de categorias e dos resultados, através da atenção dedicada ao processo de categorização intra e intercodificadores (Esteves, 2006; Vala, 1986).

Capítulo III – Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

1. Análise Individual

Participante 1 - A violência

Pela análise realizada através da recolha de dados da entrevista, podemos talvez realçar logo de início, que P1 realça uma distinção entre a violência física e psicológica, indo ao encontro da preposição de Eglander, (1997). Sugerimos que esta análise, revelou-se uma referência importante para a participante, não só pelo facto de ela ter iniciado a entrevista focando este aspeto específico, como também pelo que refere logo em seguida “*para mim a violência verbal é pior*”. Para além de pressupor que a violência é algo que assume diferentes formas, tanto física como psicológica “*a violência não é só bater*”, indica uma atitude depreciativa, em relação ao que considera ser a forma mais negativa da violência, a forma verbal. A atitude negativa perante a violência parece estar associada à quebra de um valor de justiça ou norma social, referindo que “*não é justo discriminar*”, e encontra-se de acordo ao que é proposto por alguns autores (Barros et al., 2009; Perkins et al., 2011).

A entrevistada descreve a violência física, circunscrevendo determinados atos físicos, como exemplos (“*bater, dar pontapés (...) chapadas*”), como corroboram outros autores (Sani & Gonçalves, 2000). Sugere também a possibilidade de recorrer a objetos com o propósito de causar dano no outro, quando refere (“*ele matou (...) com um martelo*”), como surge aliás em outros estudos da literatura consultada (Fernández, 1998; Teixeira, 2000; Soares, Mendes, Antão & Silva, 2004). Por outro lado, a violência psicológica é descrita como o ato de (“*discriminar, chamar nomes (...) gozarem (...) humilhar (...) fazer ameaças*”). Ela considera que a nível geral, os atos de violência, podem ser praticados contra outra pessoa ou contra a própria pessoa, logo, autoinfligidos, indo ao encontro do que Krug et al., (2002) nos sugere.

A participante, identifica que a violência ocorre tanto em contexto intrafamiliar como extrafamiliar, encontrando-se de acordo com a literatura (Ferreira, Gonçalves, Marques e Moraes, 1999; Filho, Santana, Pegoraro e Rodrigues, 2009). Consideramos que assume a violência como uma ocorrência, passível de existir entre pessoas com diferentes papéis sociais e em vários contextos, ao referir que ela pode acontecer a nível intrafamiliar e entre os diversos agentes educativos, nos vários sentidos possíveis das dinâmicas (“*entre pai e mãe*

(...) *um miúdo ele bate no pai e na mãe*” “*dos alunos para os professores (...) dos professores para os alunos (...) com os auxiliares*”) de jovens para idosos (Minayo, 2004) e entre pessoas de diferentes raças, no supermercado, (“*não querem dar tanto (...) por compras e começam a atirar as coisas*”).

Identifica os vários agentes passíveis de existirem numa relação de violência sendo que antevê e explica o papel: do agressor passivo e atípico, quando diz “*às vezes são mandados, e há aqueles que fazem por opinião, vontade própria*”; da vítima passiva e agressora “*as vítimas começam a ficar piores do que aqueles que lhes fez mal*”; e do observador, conforme a literatura (Conde, 2009).

Parece-nos de forma global, demonstrar um conhecimento abrangente acerca das várias dimensões onde e através das quais a violência se pode manifestar. Deu exemplos diversificados e completos, reveladores de um conhecimento relativo acerca do fenómeno e de certa forma congruente com as definições existentes na literatura.

Hipóteses explicativas

As causas utilizadas para explicar o fenómeno incidiram fundamentalmente em características do agressor e da vítima. Acreditando que não existe um motivo direto mas sim uma causa multifatorial que contribui para a problemática, como refere, “*não há um motivo direto*”.

A entrevistada, sugere uma explicação do fenómeno com base na existência de uma escalada, na qual a situação tem início com a violência verbal, e perpetua-se a partir da repetição das expressões agressivas ao longo do tempo, culminando numa violência de carácter físico. Talvez aqui também acuse a ideia de sistematização das ocorrências, como sugerem os indicadores de texto (“*a repetir, todos os dias, todos os meses, depois começam sucessivamente mais, mais e mais*” “*começa com a violência verbal, depois vai aumentando e começam a bater*”). Tende a ir ao encontro da literatura, uma vez que a violência verbal ou psicológica geralmente não ocorre de forma isolada, mas em conjunto com outras formas de manifestação (Nesbit & Kanagians, 1987; Sani, 2006; Magalhães, 2005; Barros et al 2009) assim como é propulsora de ocorrências mais graves, nomeadamente físicas (Loureiro & Queiroz, 2005; Lobato e Placco, 2007).

Assinala que a falta de atenção dos pais “*o pai não tem tempo para a família*”, as omissões ou mentiras “*depois o pai descobre*”, geram desentendimentos entre familiares, e as discussões por sua vez, surgem como um motor inicial de conflitos mais graves. É uma análise congruente com as referências de literatura (Sani, 2003; Sani e Ribeiro, 2009). Tal

justificação poderá explicar o porquê da sua avaliação mais negativa no que concerne à expressão anteriormente utilizada “*para mim a verbal é pior*”, será por esta marcar o início de consequências mais gravosas, que seria em último caso como P1 refere, a “*morte*”, muitas vezes enfatizada por outros autores (Sabotta 1992; Krug et al., 2002; OMS, 2002; Fonseca & Veiga, 2007; Ribeiro & Sani, 2008; Sá et al., 2009; Almeida, 2011).

O relato de P1 sugere que o agressor poderá apresentar uma maior propensão para a agressão, se possuir um historial de consumo de substâncias, quando diz “*ele bate no pai e na mãe porque ele é drogado*”, efeito também identificado na literatura (Cocco et al., 2008; Sani e Ribeiro, 2009). Complementa que a propulsão para a agressão aumenta, caso o agressor se autoavaleie como sendo mais forte em relação à vítima, detendo mais poder em comparação com o outro, e é congruente com a literatura (Fernández, 1998; Maia & Williams, 2005; Conde, 2009). Por consequência, a vítima é então considerada, como transcrevemos, “*mais frágil, menos esperta*” e portanto, possivelmente mais vulnerável, aumentando a previsibilidade de controlo sobre ela (Olweus, 1998). A fragilidade e a vulnerabilidade particular da vítima é realçada por diversos autores (Maia & Williams, 2005; Barros et al., 2009).

A participante sugere que o agressor poderá também ser influenciável, e levar a cabo as agressões por influência dos outros, pelo facto de “*serem influenciados*” (Olweus, 1993; Perkins et al., 2011), pode ser coagido à prática dos atos “*às vezes são mandados*”, ou por consequência do efeito de observação e aprendizagem vicariante (“*agente vê alguém chamando nomes (...) depois (...) vai ficando igual ou pior*”; “*os filhos vêem os pais a baterem uns nos outros e quando vão para a escola vão fazer o mesmo*”) mostrando-se de acordo com o exposto por alguns autores (Bandura, 1963, 1973; Ramírez, 2001; Machado, 2008; Nunes, Sarti & Ohara, 2008; Del Prette & Del Prette, 2005; Silva 2009).

A discriminação foi também identificada como sendo uma causa propulsora da agressão, surgindo da perceção de diferença inferida pelo agressor sobre o outro, ao nível do seu aspeto físico, capacidades cognitivas, deficiências como “*atraso mental*” e raça. Vai de encontro ao referido na bibliografia (Lane, 1989; Smith & Sharp, 1994; DFE, 1994; Costa, 1995; Fernández, 1998; Ribeiro, 2007).

A vingança, pode ser uma causa concomitante para haver violência, justificada pelo fato da vítima apresentar melhores notas na escola, ou mais dinheiro. Implica talvez, a avaliação e diferenciação do desempenho escolar e estatuto socioeconómico entre a vítima e o agressor, a participante parece pressupor que a vítima é mais bem sucedida ao nível do sucesso escolar e do estatuto socioeconómico, constituindo um motivo para suscitar inveja e desejo de vingança

por parte do agressor. Outras emoções negativas identificadas pela literatura, (Leme, 2004 cit. in Ribeiro, 2008; Joseph, Brewin, Yule e Williams, 1993 cit. in Costa e Sani, 2007; Selenius, Hellstrom & Belfrage, 2011) e reconhecidas por P1, podem ser um motor propulsor da agressão, refere nomeadamente, o ódio e a raiva. Tal sistema de ação pode inclusive ser desenvolvido, por quem era anteriormente a vítima, neste caso, assume a hipótese de existir um protagonista do tipo vítima-agressor, alimentado também por razões secundárias de vingança.

Outra razão apontada por P1, é a de que o agressor prevê ganhos/benefícios com a violência, prevê a obtenção de dinheiro, estatuto social, ou melhoria nos resultados escolares (copiando pela vítima). Interpretando uma determinada funcionalidade no ato de violência, uma vez que, serve de meio para atingir um bem ou objetivo, tem portanto um motivo de carácter instrumental e não só emotivo. Esta interpretação parece estar de acordo com a Teoria Neo-associacionista de Berkowitz (1978).

Consequências

O participante relaciona primordialmente as consequências da violência com o papel de vítima e testemunha das ocorrências, mais do que com o agressor. Considera que a vítima sofre diversas consequências, desde ceder às ameaças, tornar-se também ela, agressora, passando por outras de carácter mais individual, como fica “tímida”, com tendência a isolar-se socialmente dos seus pares (Seixas, 2009; Barros et al., 2009; Rodrigues, 2010), fica apática ou menos dinâmica e sofre interferências negativas no que diz respeito a parâmetros de sucesso escolar, quando diz “*as notas vão começar a baixar*” (Fernández, 1998; Pereira, 2002; Amado & Freire, 2002; Neto, 2006; Ribeiro, 2007; Barros et al., 2009; Rodrigues, 2010). Pode também conduzir ao seu envolvimento em consumo de substâncias (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008) e em último caso refere que pode conduzir à morte da vítima (Sabotta 1992; Souza et al., 2001; Krug et al., 2002; OMS, 2002; Silva, 2003; Maia & Williams, 2005; Magalhães, 2005; Sani, 2006; Pasinato et al., 2006; Costa et al., 2007; Fonseca & Veiga, 2007; Ribeiro & Sani, 2008; Sá et al., 2009; Almeida, 2011).

Para o observador, considera que a principal consequência derivada da experiência indireta de atos de violência, poderá ser adquirir o mesmo padrão comportamental do agressor, ficando “*igual ou pior*” do que ele. A ideia de possibilitar o desenvolvimento de comportamentos agressivos é suportada por alguns autores (Bandura, 1963, 1973; Barros et al., 2009; Sani e Ribeiro, 2009; Silva, 2009). Porém, constatamos que não faz referência a

consequências para o agressor, o que nos pode induzir a pensar, que considera existir uma relativa impunidade sobre os atos e atitudes do agressor.

Emoções

Segundo P1, a violência é capaz de suscitar na vítima diversas emoções, nomeadamente refere a raiva, o ódio, e o rancor, que é concebido como um ódio mais forte. Podem ainda, ter mais tendência para sentir egoísmo e egocentrismo, preocupando e concentrando-se apenas nas suas necessidades.

De acordo com P1, os agressores poderão sentir superioridade e que detêm o poder em relação aos outros “*são os maiores (...) que manda*”, numa possível relação de domínio e controlo sobre o outro, “*domina ali*”, indo ao encontro de alguns autores (Fernández, 1998; Maia & Williams, 2005; Caridade & Machado, 2006; Sani & Ribeiro, 2009). Refere também, que talvez sintam um desejo de vingança e prazer em agredir o outro (Ramírez, 2001).

Prevenção

A entrevistada assinala a importância de uma intervenção geral, capaz de abranger todos os envolvidos e protagonistas do fenómeno, com recurso à realização de sessões de esclarecimento e de prevenção. Será igualmente importante para a vítima, procurar auxílio junto de alguém, que poderá ser um amigo, um professor ou auxiliar de educação. Mesmo quando a violência ocorre em casa, os agentes de educação são assinalados como relevantes na ajuda e resolução do problema, como refere P1, (“*se os nossos pais forem violentos (...) podemos pedir ajuda a um amigo mais próximo, aos professores, às auxiliares*”).

No que diz respeito ao agressor, a participante considera que será importante ele pedir desculpa e tentar não repetir os atos, assim como proteger-se, evitando o relacionamento com outros que sejam potencialmente agressores. Também deverá ser orientado e aconselhado de forma construtiva, como (“*não chamar de burro, dizer a ele não faças isso assim (...) e sim da outra maneira (...)*” por adultos significativos como “*um professor (...) avós*”). Leva a crer que a violência perpetrada por uns não justifica a repreensão de um modo igualmente agressivo por parte dos outros, mas sim, implora por uma crítica construtiva que oriente e ajude na transposição de outras trajetórias de vida mais adequadas. Tal afirmação talvez seja em parte validada por P1, conceder ao agressor a possibilidade de mudar e de ser merecedor de respeito como qualquer outro ser humano, “*agente tem respeito porque eles são seres humanos também*”. Tal referência pode fortalecer a relação entre a ideia de condescendência e ausência de consequências, acima referidas em relação ao agressor.

Visibilidade do Fenómeno

A participante demonstra indícios de que o tema em causa ocorre com uma frequência significativa, ao indicar “*Agente assiste bastantas vezes*” e com uma relativa proximidade, pelo que já presenciou ocorrências em contexto de sala de aula, “*na minha turma já aconteceu e em turmas passadas chamarem nomes*”. O fenómeno insere-se no seu contexto familiar (“*acontece com o meu primo (...) ele dá dinheiro aos rapazes que o ameaçam*”), para além de estar presente no seu contexto comunitário próximo, pois faz referência ao caso de um vizinho, “*eu conheço um senhor que ele matou a mulher à pancada, no dia do Srº Santo Cristo*”.

E.C.C.V.

O presente participante pontuou valores gerais na escala E.C.C.V. indicadores de que possui crenças funcionais acerca da violência. No entanto, destacamos alguns itens onde pontuou acima da média esperada, e dizem respeito ao domínio das determinantes individuais. Estes itens em particular o 15 e 16, podem querer significar uma certa desculpabilização da conduta de violência do ofensor, ao aceitar a existência de motivos inerentes a um motivo específico que seria neste caso, a proximidade afetiva (Sani, 2003). Pode corroborar a ideia anteriormente descrita de condescendência e imputabilidade perante a ação do agressor, uma vez que não identificou consequências advindas do seu comportamento agressivo e prevê a possibilidade de mudança desse respetivo padrão.

Também pontua valores elevados no item 28, “*que pode emergir de uma experiência pessoal desses incidentes; e significa que a violência é vista como uma estratégia de resolução de problema, inclusive o da própria violência*” (Sani, 2003), fato que identificamos na categoria de visibilidade do fenómeno e quando prevê a possibilidade da vítima também se tornar agressora como forma de resolver o próprio problema da agressão.

No item 30, a obtenção de uma pontuação mais elevada pode querer significar que a violência é vista como sendo utilizada e tolerada, para fins educativos e de correção, podem também derivar de noções do senso comum (Sani, 2003).

Participante 2 - A Violência

O participante define violência como sendo “*atos inapropriados*” para com outra pessoa ou contra animais, definição esta também utilizada por outros autores (Holden et al., 1998 cit. in Maia & Williams, 2005). Evidencia-se o fato de ele fazer referência a um alvo

não humano e de não fazer referências nem atribuições causais relativamente ao fenómeno, respondendo sempre como muita objetividade.

O nosso sujeito faz referência a diferentes tipos de violência como a violência doméstica, em relacionamentos de intimidade e o bullying, refletindo por consequência o carácter versátil e múltiplo do fenómeno. Faz uma descrição delas, simples e sucinta de alguma forma ligeiramente incompleta, no entanto, refere-se a determinados elementos que as diferenciam, respetivamente, os intervenientes da ação e o contexto. Define a violência doméstica como aquela que ocorre entre os familiares, a violência no namoro por ser entre namorados e o bullying por ocorrer na escola entre “*rufias*” e “*nerds*”. Indo ao encontro daquilo que é defendido por alguns autores (Olweus, 1998; Paiva & Figueiredo, 2005; Caridade & Machado, 2006).

Considera que a violência pode ter uma expressão e provocar danos físicos ou psicológicos. A física é descrita como (“*porrada, é dar porrada*”; “*espancam-se*”). A psicológica pode recorrer segundo P2 ao uso de linguagem inapropriada, ofensas, ameaças, coação, ou através de pressão e controlo efetuado sobre o outro com o pressuposto intuito de exercer domínio sobre a vítima, conforme corroborado por alguns autores (Olweus, 1993; Fante, 2008; Abramovay et al., 2002).

O participante aborda questões essenciais à definição do fenómeno, de forma coerente com a literatura e identifica os três protagonistas principais, no entanto, confere maior relevo ao papel da vítima e do agressor.

Hipóteses explicativas

Uma das hipóteses explicativas apresentadas por P2 é a de que o bullying ocorre devido a uma disputa de poder e de desigualdade entre aqueles que são mais fortes e poderosos, que denomina de “*rufias*” e os mais fracos, ou os “*nerds, os coitadinhos, mais fracos*”, hipótese essa plausível e defendida por alguns autores (Olweus, 1998; Fernández, 1998; Guimarães e Campos, 2007). Segundo P2, a vitória parece ser atribuída na maioria das vezes aos agressores que para além de causarem danos sobre o outro, conseguem fazer valer o seu poder por meio da ameaça, causando impacto e medo na vítima, que por sua vez, sentindo-se em inferioridade, tende a ceder.

Em situação de namoro, a violência tende a existir porque o agressor quer impor a sua vontade e autoridade, numa agressão passional, após uma tentativa de rompimento da relação por parte da vítima. Parece querer realçar a ideia de que o agressor terá dificuldades em aceitar o outro, no que diz respeito à sua identidade e vontade própria, e em se descentrar de si

e empatizar com o outro (Hughes, Graham-Bermann e Gruber, 2001; Academy of Pediatrics, 2002; Maia & Williams, 2005). Este egocentrismo parece relacionado a uma possível intolerância à frustração por parte do agressor, que se torna violento segundo P2 quando, “*a vítima não quer obedecer (...) farta-se*”. A referência ao termo “*farta-se*” também pode sugerir um sentimento de exaustão por parte da vítima, que é igualmente suportado por alguns autores (Conde, 2009).

O entrevistado, identifica ambos os sexos como potenciais agressores (Cummings & Davies, 1994; Sani, 1999; Pereira, 2008; Seixas, 2009; Silva, 2009; Rodrigues, 2010), embora considere que na maioria das vezes será a mulher, quem sofre mais neste tipo de situações. Podendo ir ao encontro da literatura, uma vez que, salienta que o sexo masculino assume com mais frequência o papel de agressor (Pereira e Pinto, 1999; Matos e Carvalhosa, 2001; Amado & Freire, 2002; DFE, 1994; Sebastião, 2003; Baldry & Farrington, 2000, cit. in Ribeiro, 2007).

O participante salienta também, a possibilidade de as dificuldades económicas serem um propulsor da violência, indo ao encontro da literatura (Elliott, 1994; Barnett, 1997 cit. in Maia & Williams, 2005; American Academy of Pediatrics, 2002; Machado, 2005; Machado et al., 2008; Sani e Ribeiro, 2009).

Consequências

A nível geral, as consequências que P2 antecipa, pressupõem danos a nível físico e/ou psicológico. A violência doméstica pode ter como consequências, criar dificuldades, estabelecer um corte ou levar a perdas na relação, como refere pode “*acabar com o relacionamento entre a família*”, promovendo talvez, o afastamento entre os elementos da família. Pode ir ao encontro do que é dito na literatura, pelo que a violência conduz a um isolamento e dificuldades de interação social (Barros et al., 2009). Refere ainda, que os efeitos dos danos podem ser diretos ou colaterais, pelo que, observadores e vítimas são ambos prejudicados e sofrem com a situação “*os filhos sofrem, e as vítimas também*” (Sani, 2003; Ribeiro e Sani, 2009).

No contexto de bullying o participante refere que a vítima pode se suicidar, indo ao encontro das referências bibliográficas enunciadas (Eglander, 1998; Coker et al., 2000; Campbell et al., 2002; Silva, 2003; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008). Considera, que as vítimas podem ficar traumatizadas e sofrer consequências do foro psicológico como perturbação de stress pós-traumático ou outras (Figueiredo, Fernandes, Matos e Maia, 2002; Maia et al., 2007; Ribeiro, 2008; Sani e Ribeiro, 2009) e pode isolar-se dos outros.

As consequências sofridas pelo agressor, surgem relatadas numa relação de dependência com a ação da vítima, se ela faz ou não queixa/participação, caso apresente ele poderá ir preso.

Emoções

O sujeito, refere que as vítimas deverão (“*sentir medo, raiva do agressor, (...) ameaçadas, receio*”). O agressor pelo contrário deverá ser mais frio, insensível ou distante a nível de sentimentos em relação ao outro que magoa, pelo que, o sujeito refere “*não sente nada*”. O que pode estar relacionado com o anteriormente descrito e surgir no seguimento da ideia de que o agressor é uma pessoa tendencialmente egocêntrica e pouco empática em relação aos outros. Porém, o participante também associa novamente o agressor a sentimentos de superioridade perante a vítima, “pode sentir-se o maior, o mais forte, melhor do que o outro”. Em relação ao observador podemos deduzir que P2, infere a existência de sofrimento, mas não especifica mais detalhadamente a temática.

Prevenção

No que diz respeito à prevenção, o isolamento é apontado por P2, como contributo para a perpetuação do problema (Faria, Salgueiro, Trigo e Alberto, 2008; Pavarino et al., 2005; Rubin, LeMare e Hollis, 1991 cit. in Ramírez, 2001), logo a vítima deverá evitar essa tendência, deverá pelo contrário falar com alguém mais velho e/ou com a polícia, relatando toda a situação. Também não deverá ceder às ameaças e chantagens do agressor, provavelmente para contrabalançar a posição de poder que ele detém sobre a vítima.

No que concerne à prevenção do problema, P2 apresenta diversas soluções, todas elas estão porém aparentemente mais relacionadas com o papel da vítima no decurso da história. Pode suscitar algum questionamento acerca de uma possível tendência para a culpabilização ou responsabilização excessiva sobre a vítima, na resolução do problema.

Visibilidade do fenómeno

O participante não apresentou nenhum indício de visibilidade ou proximidade em relação à problemática, o que poderá demonstrar um afastamento do problema em relação à sua expressão social e explicar o fato de ter sido muito sucinto e ausente de atribuições de valor relativas ao problema.

E.C.C.V

O participante obteve valores na escala geral que permitem auferir que possui crenças funcionais em relação à problemática da violência. No entanto, pontuou valores superiores ao normal esperado, no domínio determinantes individuais, nos itens 1, 5, 8, 15 e 16. Estes valores apontam e reafirmam a ideia anteriormente exposta, de que pode existir uma tendência para desculpabilizar o agressor, encontrando causas explicativas e justificativas do seu comportamento agressivo, nomeadamente: uma patologia e a existência de um motivo específico como a proximidade afetiva, são razões evocadas para justificar a violência, cuja concordância pode fazer supor culpabilização da vítima.

O nosso P2, pontuou valores igualmente mais elevados nos itens 1 e 30, pertencentes a domínios diferentes, que podem querer significar e indicar uma experiência de exposição à violência, assim como a aceitação da violência como uma forma de os pais educarem os filhos.

Participante 3 - A violência

No que concerne às significações desenvolvidas pela participante em relação à violência, podemos dizer que realiza uma atribuição de valor negativo em relação à violência, refere-se a ela como sendo “*erros graves*”, e como um ato que pode se manifestar sob a forma física e psicológica. A violência física foi identificada a partir de atos como, (“*bofetadas, empurrões, agarrar (...) agredir seja com o que for*”), enquanto a violência psicológica foi descrita através de indicadores como, “*chamar nomes, insultar, dizer palavrões*”. Portanto, apuramos que pressupõe, ser um ato dirigido a alguém e que pode recorrer à utilização de objetos ou insultos com a prevista intenção de atingir o outro, magoar ou “*ofender*”, logo, está implícita a ideia de que causa danos ou prejuízos. A descrição é congruente com a literatura encontrada (Abramovay et al 2002; Magalhães, 2005; Pasinato, 2006; Pereira, 2008; Caridade, 2008).

A entrevistada, também identificou a violência doméstica e o abuso sexual. Explica que o abuso sexual faz referência ao ato interveniente entre um agressor que é maior e outro que é menor de idade. O primeiro vai coagir o segundo a ter uma relação de caráter sexual ou amorosa, melhor dizendo “*ele força uma relação*”. Segundo P3, este abuso, materializasse também através de atos não físicos, sendo que considera a possibilidade de ser efetivada através de vários meios nomeadamente, do visionamento de “*pornografia, programas de televisão impróprios*” ou através do “*computador*”. As descrições são ambas congruentes com a literatura (Magalhães, 2005).

Podemos assinalar que P3 identificou explicitamente o papel do agressor e da vítima durante o processo de violência, e indiretamente o do observador. Os contextos identificados como mais significativos para a ocorrência de situações de violência, foram nomeadamente, o familiar e o escolar.

Hipóteses explicativas

A entrevistada relata causas para a ocorrência da violência mais centradas no papel do agressor. Traça um determinado perfil deste agente, que pode ser propulsor das agressões, donde sobressai como características de personalidade, a falsidade e a duplicidade. Define-o como alguém que tem duas caras, na sala de aula pode ser muito bem comportado e atento, mas no recreio ser diferente e agressivo.

As causas apontadas a nível geral como hipóteses contributivas para o surgimento do problema, direcionam-se em grosso modo à educação proporcionada pelos pais e ao padrão de relação intrafamiliar nos vários sentidos. O conflito familiar é visto como um forte propulsor da violência e atinge todos os envolvidos na situação específica direta e num contexto mais alargado ou indireto. A participante, vai de encontro ao esperado pela revisão bibliográfica (Huesman, 1994; Bandura, 1994; Elliot, 1994; Ramírez, 2001; Maia & Williams, 2005; Ribeiro, 2007; Sani e Ribeiro, 2009; Silva, 2009), ao se referir à violência doméstica, como uma causa explicativa de comportamentos violentos.

Embora, convenhamos que P3 não tenha identificado diretamente o observador como um protagonista interveniente na ação, como define a vítima e o agressor, acaba por fazê-lo ao assumir que uma das razões para existir violência pode resultar da observação da violência parental. Logo, por um meio de exposição indireto, através da observação e aprendizagem social. Congruente com o revisado na bibliografia (Pavarino, Del Prette e Del Prette, 2005; Nunes et al., 2008; Machado, 2008; Silva, 2009; Sani e Ribeiro, 2009).

No contexto escolar, salienta que, a causa principal poderá consistir em querer pertencer a um determinado grupo, exibindo assim, um determinado estatuto social, se calhar igualmente associado à necessidade e procura de uma identidade de pares, fenómeno este identificado por alguns autores (Cairns e Cairns, 1991 cit. in Ramírez, 2001; Paiva, 2004 cit. in Silva, 2009; Perkins et al., 2011). Ao que parece, P3 vê a violência como tendo um ação instrumental, constituindo-se num recurso para obtenção de um estatuto social privilegiado, nomeadamente o de *“pertencer aquele grupo”* (Englander, 1997; Berkowitz, 1993, 1997; Doron & Parot, 2001; Pavarino, Del Prette & Del Prette, 2005; Silva, 2009) ao mesmo tempo que revê uma aprendizagem social da ação violenta (*“então para” eu conseguir ter “vou*

fazer a mesma coisa”). Indo de encontro ao que outros autores defendem (Bandura, 1986; Berkowitz, 1993; Cairns e Cairns, 1991 cit. in Ramírez, 2001; Romero, 2002; Paiva, 2004; Silva, 2009a,b,c; Perkins et al., 2011).

Para além do acima exposto, P3 identifica também no agressor, um sentimento de superioridade que lhe permite “*bater*” no outro, acreditando portanto, numa dinâmica assimétrica de poder (Fernandéz, 1998; Maia & Williams, 2005; Guimarães & Campos, 2007). Segundo alguns autores (Raimundo & Seixas, 2009 cit. in Costa Pereira, 2010), esse poder é muitas vezes obtido através do estatuto social referente ao grupo de pares, o que reforça a pertinência da identificação e associação estabelecida pela participante.

Consequências

No que diz respeito ao abuso sexual, a entrevistada refere que a vítima pode manifestar mais tendência para o isolamento social, em relação a familiares e amigos. Na violência física e psicológica também pode haver necessidade da vítima esconder os acontecimentos sucedidos, conforme também é sugerido por alguns autores (Eglander, 1993; Canha, 2003; Ribeiro, 2008). No entanto, se pelo contrário procurar desabafar, ela poderá evitar outras consequências advindas da violência que seriam sintomas de stress e angústia. O comunicar sobre o problema e procurar o apoio social por parte dos outros para a sua resolução, é um fator protetor igualmente defendido por Werner, (1998).

A participante considera que as violências interferem com a capacidade de estudo, a vítima tende a perder o interesse, deixa de querer ir à escola, assim como tende a “*prejudicar os estudos*” a nível geral. O seu ponto de vista é congruente com diversos autores (Hazler, 1996 cit. in Ribeiro, 2007; Barros et al., 2009). Perceciona que a vítima tende a isolar-se dos amigos, deixa de relacionar-se e falar espontaneamente com os pais e até poderá temer a reação deles “*o que é que vai acontecer se eu contar?*”, revela-se congruente com o que é revisado na literatura, ao assinalar o isolamento e uma perda na comunicação positiva com os outros (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008; Barros et al., 2009). Acrescenta que os supostos danos poderão ter efeitos colaterais em várias áreas de vida da vítima, pois refere que a violência “*prejudica tudo*”.

A participante não identificou logo de imediato consequências para o agressor, apenas mais tarde refere a possibilidade de eles receberem castigos, talvez porque acredite que muitos dos seus atos resultem em impunidade.

Emoções

De acordo com P3, a vítima poderá sentir-se excluída, pelo que a rejeição social é também tida em grande consideração na revisão de literatura (Fernández, 1998; Silva, 2003; Magalhães, 2005; Costa et al., 2007; Pereira, 2008; Barros et al., 2009). Pode sentir-se diminuída ou inferiorizada em relação aos outros sentindo que “*não é ninguém*”, difamada, pois pode considerar que “*não sou bem vista*”, com uma baixa autoestima ou uma autoimagem distorcida, sentindo-se “*gorda, feia*”, e poderá sentir medo de ir para a escola, sentimentos estes congruente com as conclusões reiteradas de outros estudos (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008).

Por outro lado, o agressor parece ser destituído de sentimentos, aproximando-o de uma caracterização fria e insensível, com uma atitude de quem não se importa com o outro, pois a participante refere que “*ele não sente nada*”, indo ao encontro da ideia de dessensibilização por parte do agressor, pautada em alguns estudos (Cardia, 2003; Silva, 2009a). Talvez estes sentimentos previstos por P3 com relação ao agressor, promovam a ideia de que ele fica protegido por essa insensibilidade, diminuindo por consequência a probabilidade de ser responsabilizado pelos seus atos. Pelo que, à partida pode justificar a dificuldade da participante em identificar consequências para o agressor.

Prevenção

A participante considera que evitar a violência é uma tarefa árdua e quase impossível, desconfiando que tal venha a ser possível, uma vez que afirma que “*a juventude hoje em dia é mais difícil*” ou porque identifica várias tentativas de prevenção falhadas/frustradas, quando refere que “*toda agente faz o que pode, falam com eles, põem castigos e eles continuam sempre*”, ou seja, nem isso parece suficiente para demover os agressores. Apesar desta interpretação, P3 considera a possibilidade de uma maior “atenção” e quiçá controlo, por parte de auxiliares e professores sobre os alunos, como estratégia de prevenção. Refere ser importante evitar avaliações erróneas sobre os alunos não violentos e a promoção de justiça sobre aqueles que verdadeiramente praticam os atos.

Entende que a vítima deverá recorrer à ajuda de outras pessoas mais velhas principalmente dos pais, como estratégia para lidar com esse tipo de problemas e preveni-lo, como exemplifica, “*se eu não recorrer aos meus pais, não posso recorrer a mais ninguém*”.

Visibilidade do fenómeno

Em relação à visibilidade da violência física e psicológica, podemos constatar que ela está de alguma forma bem presente no discurso de P3, uma vez que nas suas respostas remetemo-nos por diversas vezes, às suas experiências pessoais, respetivamente “*até eu já levei uma bofetada*”. As afirmações parecem querer refletir também alguma frequência no que concerne às ocorrências das agressões verbais, pois conforme refere “*eu falo pelo meu caso, quando alguém me diz algo que eu não gosto tento sempre refugiar-me*”.

E.C.C.V.

Ao nível dos valores gerais da escala, podemos concluir que P3 pontua valores representativos de crenças ajustadas acerca da violência. No que diz respeito aos fatores mais específicos, aceitamos concluir, que pontuou valores mais elevados no domínio respeitante às determinantes individuais nos itens 16 e 22, que se referem a motivos passíveis de justificar a ação do agressor (Sani, 2003).

No que diz respeito aos itens 25 e 27, os valores obtidos podem se relacionar com o pressuposto de discriminação relacionada com o género e a aceitação de tais diferenças pode modelar uma tolerância diferenciada da pessoa à violência, mesmo que esta seja vista como um ato intolerável (Sani, 2003).

Participante 4 - A violência

O adolescente tende a definir o fenómeno de violência como sendo atos inapropriados, pelas suas palavras “*não próprios*”, que surgem como consequência de uma “*complicação*” ou de “*desentendimentos*” entre duas ou mais pessoas. Posiciona-se perante ela de forma negativa, afirmando que é algo de não devia acontecer e que é errado (“*não deviam acontecer*”; “*e está mal*”).

Segundo P4, existe uma clara diferença entre a denominada violência física e a psicológica, pelo que, a física é tida como atos provocados “*no corpo*”, através de “*murros, chapadas, pontapés*” ou através da utilização de objetos “*uma pedra ou qualquer coisa que esteja à mão, uma faca*” com o intuito de atingir o outro (Soares, Mendes, Antão & Silva, 2004; Teixeira, 2000). Enquanto a psicológica se revela através de: palavras, com recurso a nomes ofensivos; atos como rebaixar, humilhar, difamar, exercer pressão psicológica e coagir, sendo que por fim, “*a pessoa é obrigada (...) é forçada a acreditar ou a dizer que é uma coisa que sabe que não é*” (Olweus, 1999), fazendo com que a vítima alcance um estado de

exaustão em que, “*já não aguenta*”. A ideia de que a vítima pode alcançar um estado de exaustão ou *burnout* é congruente com a posição defendida por Conde, (2009).

Identifica dois contextos principais para a ocorrência da violência, na escola e na família. Como é defendido por outros autores que identificam dois contextos principais um intrafamiliar e outro extra (Ferreira, Gonçalves, Marques e Moraes, 1999; Filho, Santana, Pegoraro e Rodrigues, 2009). Segundo P4, a violência doméstica diz respeito àquela que ocorre entre pais, e de pais para filhos. Quanto à violência na escola, o relato apresenta maior incidência sobre o bullying, sendo este definido pelo entrevistado, como a violência física ou psicológica que ocorre entre alunos, um contra o outro ou realizada por um grupo contra um indivíduo (Olweus, 1998).

O participante identifica protagonistas diferenciados como: o agressor ou grupo de agressores; a vítima passiva e agressiva (Olweus, 1978; Ortega Merchan, 1997; Fernández, 1998; Ribeiro, 2007, Barros et al., 2009); o observador passivo e ativo que pode tornar-se participante na ação como agressor (Conde, 2009).

Hipóteses explicativas

De acordo com P4, a violência doméstica pode ocorrer entre pais, assim como de pais para filhos, tende a surgir como consequência de um desentendimento entre os membros da família e progride em escalada ao longo do tempo. A ideia é coerente com a revisão de literatura (Loureiro & Queiroz, 2005; Lobato e Placco, 2007). Toma um caráter sistemático e de repetição, pois refere que “*torna-se um vício acontecer sempre aquilo*” (Olweus, 1998), introduzindo também, a noção de que se torna difícil controlar e romper com este ciclo de violência, conduzindo à ideia de intergeracionalidade defendida por alguns autores (Sampaio & Gameiro, 1985 cit. in Silva, 2009; Sani, 2006, 2007) ou à ideia de que o agressor não dispõe de outros scripts alternativos (Leme, 2004 cit. in Ribeiro, 2008) para lidar com as situações de conflito. Segundo P4, nos conflitos familiares os protagonistas não parecem ter disponíveis outras formas alternativas de resolução do problema, a situação por sua vez, entra num estado de descontrolo, pelo que, ninguém parece controlar ou gerir adequadamente o conflito, com consequentes repercussões fora deste contexto familiar. O que vai de encontro à revisão bibliográfica (Patterson, Capaldi e Bank, 1991 cit. in Ramírez, 2001; Wolfe, 1999 cit. in Machado, 2008; Nunes, Sarti & Ohara, 2008; Del Prette & Del Prette, 2005 cit. in Silva 2009).

De acordo com o nosso participante, a não correspondência das expectativas criadas pelos pais, sobre os filhos, com a realidade vivenciada, pode gerar violência no sentido

ascendente-descendente (Elliot, 1994). Os pais sentem-se defraudados nas suas expectativas e podem utilizar meios violentos como forma de corrigir e educar o filho, de acordo com P4, (*“um pai pode achar que o filho tem de ter notas muito boas e eu não consigo (...) ele arranja outras formas para que ele consiga, usando violência, batendo e muito mais coisas”*). A ideia sugere coerência com outros estudos (Sani, 2003, 2006).

Outra causa assinalada pelo participante, diz respeito ao facto dos pais estarem presentes ou ausentes na vida dos filhos (Elliot, 1994; Maia & Williams, 2005). Os pais mais despreocupados, que (*“não fazem o que todos os outros pais normais fazem, perguntas (...) o que é que fizeram”*; *“seguir a vida de um filho, a vida escolar, ou em casa”*), que dão pouca orientação e aconselhamento, ao não dizerem *“se fizeram isso errado se não, se podiam fazer melhor”*, ou seja, um controlo e uma monitorização parental empobrecidos, podem ser fatores de risco para a violência juvenil (Sani & Ribeiro, 2009).

Em relação à escola, P4 refere que depois de haver uma vítima identificada, há maior probabilidade de continuar a ser agredida mesmo que por outros, aqueles que anteriormente eram apenas observadores, refere que *“pessoas que vêm e percebem que o outro é a vítima e aproveitam-se para continuar”*. Muitas vezes o observador tem um papel ativo, envolvendo-se na situação de violência como agressor, de acordo com alguns autores (Conde, 2009). Segundo P4, é como se o ato estivesse a ser legitimado, a partir daquele momento em que presenciaram a situação de violência, indicado na unidade de texto: *“como sabem que podem fazer isso também começam a fazer”*. Esta causa pode talvez se inserir de igual forma numa ótica de aprendizagem social (Pereira, 2008; Silva, 2009).

De acordo com o participante, o historial de vitimização experienciado pelos agressores, pode contribuir para que eles considerem e aceitem a violência como uma forma legítima de resolver e lidar com problemas e dificuldades do quotidiano, conforme a literatura (Pavarino, Del Prette e Del Prette, 2005 cit. in Silva, 2009; Sani e Ribeiro, 2009).

Segundo P4, ser violento fisicamente pode ser consequência da violência verbal, levada a cabo por forma de discussões, de difamação, entre outras. Como pode, ser uma resposta violenta a um ataque ou problema também ele de natureza violenta, ideia suportada por Sani, (2003), sugerindo uma escalada (Conde, 2009) como uma forma de “defesa” (Pereira, 2008) ou para servir o propósito, de demonstrar que o outro *“não tem razão”*, o que nos remete para um motivo de alguma forma instrumental de acordo com Berkowitz, (1993).

Consequências

Na violência doméstica, o filho (vítima) pode atingir um estado de exaustão “já não aguento” pode “se faltar”, ficar desmotivado, desinteressado de viver (“desligar-se de tudo” “não se importar”) (Conde, 2009) e acomodar-se a um ambiente de vida violento, aceitando aquele tipo de vida como normal ou banal, “para ele já é tudo normal”, indo ao encontro da literatura (Loureiro & Queiroz, 2005; Silva, 2009; Barros et al., 2009).

O adolescente refere que muitos casos não chegam a ser conhecidos porque a vítima sente vergonha perante os outros e tende a esconder a sua experiência de vitimização, pode também ficar com medo, por exemplo de ir para a escola por recear continuar a ser agredido. O medo é uma reação defendida por muitos autores (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008; Barros et al., 2009), assim como o silêncio da vítima, que leva à perda de oportunidade de defesa (Aikenhead, 2009; Debarbieux, 2006; Estrela & Ferreira, 2002; Thompson, Arora & Sharp, 2002 cit. in Quental e Veiga, 2010).

Segundo P4, a violência interfere com a aprendizagem da vítima, porque a pessoa “não se sente à vontade” e está constantemente a ruminar sobre ideias e receios acerca do que lhe poderá vir a acontecer quando sair da sala de aula (“está sempre com aquele pensamento (...) o que é que vai acontecer quando eu chegar lá fora”). Todos estes fatores tendem a influenciar e a dificultar o sucesso escolar, uma vez que considera que o rendimento em situação de aprendizagem foi inferior ao necessário para uma realização bem sucedida nos testes de avaliação, assim, “chega às alturas de fazer os testes (...) não aprenderam nada e chumbam”. O insucesso escolar surge frequentemente associado à vitimação (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008).

Na perspetiva de P4, a violência pode conduzir a alterações cognitivas na vítima, podendo conduzir o indivíduo a desenvolver um estilo e padrão de pensamento mais pessimista e negativista, do tipo pensar que “não vale a pena” levar uma trajetória de vida adaptada e podem começar a enveredar por uma desajustada e autodestrutiva, nomeadamente com consumos de substâncias, como ele refere “entrar por outros caminhos, tipo droga” (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008). Pode igualmente induzir na vítima motivos de vingança, pode querer se revoltar e vingar do agressor, pode “revoltar (...) fazer o que lhe fizeram (...) vingar da pessoa”, e vai de encontro à posição de alguns autores (Costa et al., 2007).

O agressor por outro lado, pode ser preso, se a vítima realizar queixa ou participação do crime. Na escola, ao que parece muitas vezes é suspenso ou expulso do estabelecimento de ensino. No entanto, em ambos os casos, refere que frequentemente parece existir apenas

impunidade, pelo que não se vê a justiça a ser aplicada, “*não lhes acontece nada*”, Conde, (2009) retrata de alguma forma a existência dessa condicionante.

De acordo com P4, as vítimas e os agressores podem apresentar ambos, um repertório pessoal de histórias de violência, e tal experiência pode levá-los a aceitar aquela forma de coping como a correta para a resolução de qualquer divergência interpessoal. O que tende a retroalimentar por consequência o fenómeno da violência.

A consequência mais grave identificada pelo participante, é a possibilidade da violência conduzir à morte da vítima, quando diz “*algum dia, algum morrer*”. Encontra-se de acordo com determinados autores (Sabotta 1992; Krug et al., 2002; OMS, 2002; Fonseca & Veiga, 2007; Ribeiro & Sani, 2008; Sá et al., 2009; Almeida, 2011).

Emoções

Relativamente às emoções reativadas pela situação de violência começa por referir que a vítima deverá sentir um leque variado e diversificado de emoções, “*um pouco de tudo*”. Poderá sentir: “*frustração, por não conseguir parar com esta situação*”; raiva; habituação; passividade como exemplo, “*já faz mesmo aquilo que não quer*”, sem força para contrariar; perplexidade como, “*isso nunca mais pára?*”; vergonha; a pessoa sente-se “*intimidada por todos*”, indicando que generaliza as emoções negativas a outras pessoas que não se encontram diretamente relacionados com o problema.

Por outro lado, P4 pressupõe que o agressor pode disfrutar, gostar da situação provocada e de “*exercer força contra uma pessoa que não consegue*”, pode se sentir superior, intocável e quase que onnipotente sentindo que, “*conseguem fazer tudo*”. As descrições são coerentes com os referidos autores (Pereira & Pinto, 1999; Barros et al., 2009).

Os familiares da vítima também podem sentir frustração por “*não terem feito nada antes*”, alguns autores também identificam efeitos do bullying sobre a família da vítima (Fonseca e Veiga, 2007).

Prevenção

O participante manifestou algumas dificuldades em referir estratégias de intervenção possíveis para a prevenir o fenómeno. No que concerne ao meio familiar, o controlo e a orientação parental, parecem ser os fatores merecedores de maior destaque. Na escola, refere que seria importante, haver mais auxiliares de educação a monitorar o comportamento dos alunos e que os diretores de turma deveriam orientar o aluno, assim como, comunicar aos pais

os acontecimentos mais relevantes. Por último, indica que os agressores deveriam ser suspensos ou expulsos da escola quando necessário.

Importa também salientar, que para P4, é importante que a vítima exponha o sucedido a alguém, pois *“se ninguém sabe (...) Algum dia pode acontecer alguma coisa”*, esta atitude positiva defendida, poderá por sua vez remediar o problema da violência, possibilitando a condução do caso às entidades competentes como a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco, referida como *“comissão de menores”*.

Visibilidade do fenómeno

Parecem existir alguns sinais que indicam uma determinada visibilidade e proximidade do participante, com o fenómeno de violência. A nível das suas relações de pares, quando refere que o fenómeno acontece *“com dois amigos meus, os dois são agressores”* e pessoalmente (*“o filho tem de ter notas muito boas e eu não consigo”*; *“eu não me sentia à vontade, porque estava sempre com aquele pensamento, hê o que é que vai acontecer quando eu chegar lá fora”*).

E.C.C.V.

Na cotação referente à escala geral do questionário, o participante obteve valores congruentes com crenças funcionais acerca da violência. Pontuou apenas um valor mais elevado que o normal esperado, respeitante ao item 21, que se refere a crenças que estão relacionadas com o coping, e neste caso com a aceitação da impossibilidade de confronto que se revela coerente com as hipóteses explicativas por ele apresentadas na entrevista.

Participante 5 - A Violência

A violência é vista por P5, como um fenómeno da atualidade, que ocorre de forma cada vez mais frequente, *“está a acontecer cada vez mais”*, diz respeito a algo que é registado e transmitido através dos média *“vejo na televisão (...) aparece muito na T.v.”*, congruente com algumas referências literárias (Maia & Williams, 2005; Caldeira & Veiga, 2011 p.9).

O fenómeno é entendido como um ato incorreto e injusto *“Isso não está certo, ninguém tem o direito”*, incapaz de solucionar problemas *“as coisas não se podem resolver com violência”*, logo pressupõe-se que tendencialmente vista como uma estratégia de coping desajustada para a resolução dos problemas (Sani, 2006, 2007).

O sujeito identifica que a violência pode assumir um carácter físico ou psicológico. As agressões físicas manifestam-se a partir de ações no corpo (*“pontapés (...) chapadas, socos ”*;

“*puxões de cabelo*”) ou por outro lado, recorre ao arremesso de objetos, como exemplo, “*atirar a mesa*”, revelando-se coerente com outros estudos (Sani & Gonçalves, 2000). Enquanto a violência psicológica medeia-se mais através de expressões verbais (“*pelo que as pessoas dizem (...) palavras (...)* ameaças (...) *chantagem psicológica*” “*chamar nomes (...)* difamação”). Com o pressuposto intuito de provocar danos como humilhar ou inferiorizar o outro, (“*deixar a pessoa em baixo*”; “*fazendo com que se sinta sem importância*”), descrição esta congruente com a literatura (Fernández, 1998; Pasinato, 2006).

Acontece sob a forma de mecanismos físicos ou verbais em diversos contextos e entre diversos agentes comunitários. Assim sendo, refere que a violência pode existir no ambiente escolar, entre pares de alunos, entre alunos e professores nas diversas dinâmicas possíveis. De igual forma, pode coexistir entre namorados e no contexto familiar doméstico, numa condição interparental, sobre a qual os filhos podem exercer um papel de vítimas e/ou observadores.

Os agressores podem ser de qualquer sexo no entanto, a participante 5 considera que existe uma diferença entre ambos, refere que “*os homens (...) são mais violentos do que as mulheres*” ou utilizam mais a forma física enquanto, as mulheres recorrem mais ao abuso psicológico, “*as mulheres (...) é mais o chamar nomes, ameaçar (...) inventam histórias*” com um fim instrumental “*para ficarem com os namorados das outras*”. Conforme apontado na literatura (Pereira, 2008; Seixas, 2009; Rodrigues, 2010).

Hipóteses explicativas

A discriminação (Pavarino, Del Prette e Del Prette, 2005 cit. in Silva, 2009) e em particular em relação à orientação sexual, é apontada por P5 como um motivo pelo qual os agressores maltratam a vítima, por serem por exemplo “*gays (...) acham que lhes podem bater até matar*”. Alguns contributos assinalados pela participante, para a ocorrência do fenómeno, estão por natureza relacionados com valores culturais, que foram aceites durante muito tempo, como o machismo, “*o machismo (...) também leva a muita violência*”, que também é apontado por Ribeiro, (2007).

Outra questão retratada no perfil do agressor é a sua rigidez (Hughes, Graham-Bermann e Gruber, 2001; Maia e Williams, 2005; American Academy of Pediatrics, 2002; Maia & Williams, 2005; Sani e Ribeiro, 2009) quanto à não aceitação e respeito em relação à vontade própria e identidade da vítima “*há rapazes que não aceitam certas coisas*”. Reporta-nos à tendência do ofensor para ser intolerante, com falta de empatia pelo outro (Hughes, Graham-Bermann e Gruber, 2001; Academy of Pediatrics, 2002; Maia & Williams, 2005) e para realizar através da coação, um exercício de controlo e domínio sobre a vítima (Olweus, 1999).

Isto torna-se ainda mais claro, quando P5 refere que, o agressor (*“queria mandar em tudo no que vestia (...) dizia” “eles quererem mandar também leva a muita violência”*).

As omissões e mentiras, são segundo P5, um motivo para despoletar a violência dos pais quando descobrem terem sido enganados. O consumo de álcool (Hughes, Graham-Bermann e Gruber, 2001; American Academy of Pediatrics, 2002; Maia e Williams, 2005; Sani e Ribeiro, 2009) é também visto pela participante, como um indutor de violência física.

De acordo com P5, as dificuldades financeiras ou um estatuto socioeconómico mais desfavorecido, são considerados um motivo para ameaçar, coagir e roubar (Elliott, 1994; Barnett, 1997 cit. in Maia & Williams, 2005; American Academy of Pediatrics, 2002; Machado, 2005; Machado et al., 2008; Sani e Ribeiro, 2009). O *“querer ter o que o outro tem”* referido pela entrevistada, pode talvez querer significar que o agressor poderá apresentar um baixo limiar de tolerância à frustração, defendido por inúmeros autores (Hughes, Graham-Bermann e Gruber, 2001; Maia e Williams, 2005; American Academy of Pediatrics, 2002; Maia & Williams, 2005; Sani e Ribeiro, 2009).

A auto percepção de superioridade do agressor em relação ao outro, pelo que ele se *“vê como se fosse grande ou maior do que os outros”* e a crença de que detém o poder, *“acha que pode tudo”*, persegue os propósitos de uma explicação da violência, baseada numa relação de poder assimétrica (Fernández, 1998; Maia & Williams, 2005; Guimarães & Campos, 2007) que lhe permite sentir vantagem em relação ao outro, que é visto por P5, como (*“coitadinho (...) caladinho, não se sabe defender”*). Considera também, que as agressões geram um impacto negativo sobre a vítima e observadores, tal efeito pode significar que os outros ganham uma percepção do agressor como detentor de maior poder, sendo que, P5 indica que ele *“vai ficando com fama de que é forte”* e tal efeito reforça a posição de inferioridade dos outros, (*“outros têm medo dele (...) e acabam por fazer o que (...) quer”*). O que também parece ser muito similar, com o que é frequentemente citado na literatura, quando há referência a uma associação entre agressão e a obtenção de estatuto por parte do agressor (Berkowitz, 1993; Olweus, 1998).

De acordo com a participante, o agressor pode apresentar um desempenho escolar fraco, que pode ser precursor de uma situação de vitimação perante os pais, o que por consequência será justificação para a exibição de comportamentos violentos com os outros na escola, como refere (*“eles têm más notas (...) e os pais (...) bate neles (...) por isso eles também só sabem é fazer isso”*). Aqui sobressaem dois fatores promotores da agressão diferentes, o insucesso escolar (Ramírez, 2001; Pereira, 2008; Carvalhosa et al., 2009; Costa & Pereira, 2010) e um

historial de vitimização (Dowd, 1998 cit. in Pascolat, 2001; Conde, 2009; Sani & Ribeiro, 2009).

A vítima pode por outro lado, manter uma atitude passiva e indefesa em relação à violência, ficar “*caladinho, não se sabe defender*” e não procurar o apoio social necessário (“*o problema muitas vezes é eles não falarem (...) com alguém mais velho (...) diretor de turma (...) pais*”). Tudo isso, pode estar relacionado com a tendência da vítima para procurar o isolamento social (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008; Barros et al., 2009) e com as estratégias de coping levadas a cabo de forma desadequada pela vítima, que conseqüentemente poderão permitir que o problema se perpetue e retroalimente.

Consequências

A participante identifica que a violência pode colocar em risco todos os elementos da família, alvos de violência direta e indireta. Logo, identifica possíveis conseqüências para agressores, vítimas (Randall, 1996; Olweus, 1998; Anderson & Grieve, 1998 cit. in Ribeiro, 2007) e observadores (Fernández, 1998; Amado & Freire, 2002; Pereira, 2002; Hazler, 1996; Cowie, 1996). Os efeitos provenientes dessa experiência de exposição, podem ser por exemplo, “*os filhos vêm e não gostam, ficam tristes*”, indo ao encontro de diversos autores, nomeadamente Ribeiro, (2008).

A violência pode provocar na vítima sentimentos negativos, pode sentir-se magoada, ofendida “*ofendem*”, desmotivada, triste, inferiorizada ou com uma baixa autoestima (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008) ao “*deixar a pessoa em baixo*” fazendo com que, “*se sintam sem importância*”, com medo “*começou a pensar que já tinha medo dele*” e pode levar à exclusão de um grupo social e de pares “*excluindo dos grupos*”, como confirma Pereira (2008).

A Vítima pode também ficar nervosa, agitada, e desejar vingar-se do agressor passando de vítima passiva a provocadora ou agressora. No bullying para além da vítima ficar muito “*magoada e triste*” e de ter “*medo de voltar à escola e ser agredida*”, pode também sentir interferências negativas no seu sucesso académico, pois pode conduzir a que “*as notas baixem*”, pode prejudicar a motivação para o estudo, para frequentar as aulas, e pode fazer com que seja mais difícil o aluno recuperar o seu estado normal de aprendizagem e sucesso académico “*difícil ele voltar a ser bom aluno*”. Vai de encontro ao risco encontrado para essas situações na literatura (Short et. al 1994; Neto, 2006).

De acordo com P5, o agressor pode sofrer consequências pelos atos praticados, pode ser castigado e suspenso da escola. Se for um adulto, num contexto de violência familiar, ele pode ir preso. Para além disso, os filhos podem: aprender por aprendizagem vicariante, que a violência é uma forma de resposta a determinadas situações interpessoais; podem recorrer a uma trajetória de vida desadequada de consumo de substâncias (Sani e Ribeiro, 2009; Silva, 2009); podem ficar desmotivados em relação ao estudo e menos aplicados “*vão estudar menos*” porque podem perder concentração “*não têm cabeça*”. Prevê portanto consequências quer para as vítimas diretas quer para as indiretas.

A vítima pode ficar ferida, desestabilizada com a “*vida estragada*”, uma vez que parece afetar várias áreas da sua vida, pode ficar com uma atitude de desconfiança em relação aos “*homens*”, deprimida, isolar-se “*esconder-se*” e com medo de ser novamente maltratada. Em última instância, ela poderá morrer “*acham que lhes podem bater até matar*”. De acordo com P5, se por outro lado, ela resolver recorrer a ajuda e apoio social, por exemplo da polícia ou de outra entidade, poderá melhorar a sua situação e conduzi-la a um outcome positivo.

Emoções

Segundo a participante, a vítima deverá sentir “*muito medo (...) sozinha, (...) muito triste*”, e uma baixa autoestima, que (“*ninguém gosta dela*” “*deixar a pessoa em baixo, fazendo com que se sinta sem importância*”). O agressor deve sentir-se superior em relação aos outros, mas se for de castigo poderá reconhecer os danos que provocou, sentir-se arrependido e pedir “*desculpas*” à vítima. Nos observadores a participante havia identificado anteriormente, que as situações de violência podiam suscitar neles, sentimentos de tristeza, medo, desconforto e de desgosto.

Prevenção

A participante inicia a sua reflexão com uma referência que nos influi a pensar que desacredita e acha pouco viável a execução de uma prevenção bem sucedida na violência, quando refere “*pode ir para casa, mas quando voltar vai fazer o mesmo. Parece que eles não aprendem*”. Porém, identifica como vantajoso a comunicação das ocorrências a outras pessoas e entidades, como a polícia professores, auxiliares de educação e pais. É visto como uma boa alternativa para a resolução do problema e para evitar futuras situações de violência.

De acordo com a participante, paralelamente às medidas citadas, deveriam ser igualmente implementada no caso dos agressores, a prisão para os maiores de idade. Para os menores de idade, outras punições e castigos, mais severos que os atualmente executados,

assim como, proceder à suspensão da escola e à retirada de bens que são importantes para ele. Tais medidas, segundo P5, poderiam fazer com que ele se colocasse no lugar do outro, percebesse o quanto os fez sofrer e que essa não é a forma mais adequada de se relacionar com os outros.

Visibilidade do fenómeno

É um acontecimento que aparentemente, se revela próximo e de alguma forma presente na sua vida, mesmo que indiretamente, quando diz (*“sei de alguém que foi agredido”*; *“eu vejo na televisão (...) eu sei de alguém que foi agredido, e isso preocupa-me”*; *“o aluno agredir a professora, eu já vi isso”*). Como também revela sofrer os efeitos de exposição à violência, ao referir *“eu às vezes tenho medo”*, como consequência da experiência indireta, à vivência de violência pela qual uma amiga passou.

E.C.C.V.

Pontuou valores na escala, que nos permitem concluir que possui crenças funcionais acerca da violência. Porém, convém salientar que em determinados itens do domínio determinantes socioculturais ela obteve valores mais elevados que o esperado, nomeadamente nos itens 21 e 28. Referem-se à ideia de aceitação da impossibilidade de confronto com a violência, assim como pode ser vista em si mesma, como uma estratégia para a resolver um problema, mesmo que também ele próprio consista inicialmente na violência, é coerente com a noção de “vitima-agressiva” (Sani, 2003). O que pode por sua vez, reforçar a ideia de descrença, acerca da possível eficácia de estratégias de prevenção sobre o fenómeno.

Participante 6 - A Violência

A violência é conceptualizada por P6 como um problema atual (Coelho, 2006; Fonseca e Veiga, 2007; Ribeiro, 2008) que surge exponencialmente com mais frequência (Burtea et al., 2008; Silva & Pereira, 2008; Lopes, Neto & Saavedra, 2003; Barros et al., 2009). Podemos referir que P6, apresenta uma atitude crítica e de valorização negativa (*“não deveria acontecer”*; *“coisas erradas”*), tendo por cenário diversos espaços e contextos, a violência pode ocorrer no seio intrafamiliar nos diversos sentidos e dinâmicas possíveis (Silva, 2009; Caprichoso, 2010), nos relacionamentos íntimos de namoro (Taquette et al., 2003; Rivera, 2010), na escola (Carita, 2008; Marques, 2009; Leão, 2010), e na comunidade em geral (*“em todos, (...) em vários espaços”*; *“no futebol”*; *“no trânsito”*) através da violência física e psicológica. Entre diversos agentes e protagonistas (dois tipos de vítima, agressor e

observador), e encontra-se difundida também através da televisão por exemplo, “*nos programas de wrestling*”, vai de encontro ao referido por outros autores (Maia & Williams, 2005; Ramírez, 2007).

O bullying é definido por P6, como um fenómeno que ocorre na escola entre duas ou mais crianças através de agressões físicas e psicológicas, podendo ter a finalidade de provocar danos no outro, muitas vezes, através do roubo de objetos e bens. Conforme também referem diversos autores (Smith & Sharp, 1994; Smith & Morita, 1999; Olweus, 2000; Pereira, 2002; Rodrigues, 2010; Abramovay et al., 2002). Ele, considera que a violência física se pode manifestar através de “*pancadaria (...) um dar no outro, mesmo socos*” e a agressão psicológica constituir-se através de ameaças do tipo, “*se não deres aquilo eu dou-te*”, de “*palavrões*”, ou dizendo que ele é (“*feio (...) fraquinho*”) com o intuito de “*afetar o outro psicologicamente*” de o inferiorizar e desmotivar “*por os outros em baixo*”.

Hipóteses explicativas

No que diz respeito à violência que decorre em relacionamentos íntimos, por exemplo no namoro, uma das causas apontadas por P6, incide sobre a ideia de que tendencialmente “*os rapazes*” não aceitam uma possível rejeição ou término da relação por parte da namorada. O que para nós, pode ser indicador de um perfil do agressor com baixa tolerância à frustração (Hughes, Graham-Bermann e Gruber, 2001; Maia e Williams, 2005; American Academy of Pediatrics, 2002; Maia & Williams, 2005; Sani e Ribeiro, 2009), assim como parece sugerir que a violência se confere num meio para atingir um objetivo desejável (Berkowitz, 1993), que neste caso específico será o de, manter a relação de namoro, conforme diz o sujeito “*os rapazes para ficarem com elas (...) Dão, batem nelas*”.

Por outro lado, o participante, supõe que a vítima possui uma admiração e uma valorização excessiva pelo agressor, “*elas como acham que aquele é o namorado perfeito, o melhor do mundo*”, que pode contribuir para a manutenção e aceitação da relação entre os dois e das supostas agressões. No nosso entender, a crença em tal efeito pode induzir a uma certa responsabilização da vítima pela agressão, que vem a ser reforçada por outra expressão (“*a vítima*” devia apresentar queixa “*porque às vezes não querem e isso também não devia acontecer*”).

Subentende-se no relato de P6, uma causa explicativa com base no processo de aprendizagem vicariante, ao vivo e através do visionamento de programas televisivos violentos, como “*programas, tipo o wrestling (...) crianças elas dizem há deixa-me fazer igual quando eu for para a escola*”, constituindo um meio promotor de situações de violência

(“*as pessoas vão tentar imitar aquilo*”; “*pode levar a que eles fiquem violentos*”). O sujeito reforça novamente a ideia de aprendizagem social por imitação dos comportamentos violentos, quando se refere aos observadores ou vítimas de violência indireta (“*eles vêm em casa (...) o pai a bater na mãe*”; “*é tanto o hábito (...) que eles repetem na escola e em vários sítios*”), indo ao encontro do que é defendido por inúmeros autores (Ribeiro, 2008; Bandura, 1963, 1973 cit. in Silva, 2009; Ribeiro & Sani, 2009; Silva 2009)

Na análise dos dados, entendemos que o entrevistado sugere que a violência também pode partir da vítima, por diversos motivos subjacentes, nomeadamente servindo o propósito de vingança (de ter sido roubado) ou de defesa pessoal, ambos os casos reforçam a ideia de que a vítima pode inverter o papel social e tornando-se agressor. Explica ainda, que uma vez que a vítima seja agredida verbalmente, ela pode sentir a necessidade de se defender recorrendo à violência física, pois ele (“*defende-se dando porrada*”; “*defende-se com mais violência*”), sendo que violência gera violência, (Curtis, 1963 cit. in Sani, 2004; O’Connell, Pepler & Craig, 1999 cit. In Fonseca & Veiga, 2007; Conde, 2009). O sujeito, pressupõe que muitas das vezes a violência física pode ter início a partir da verbal e que esta constitui um meio de resolução de problemas, mesmo que este diga respeito também a situações de violência, tornando-se consequentemente num problema circundante e retroativo. Visão esta, também compatível com o que nos transmite a revisão de literatura (Loureiro & Queiroz, 2005; Lobato & Placo, 2007; Barros et al., 2009).

Outros motivos assinalados por P6, são a inveja e a desigualdade nos estatutos socioeconómicos dos intervenientes. Indicando que a emoção negativa “*inveja*” surge derivada da avaliação realizada pelo agressor sobre o estatuto socioeconómico do outro, lido como superior, “*como a pessoa é menos forte economicamente dá no outro*”. Parece congruente com a noção de violência reativa ou afetiva (Coie & Dodge, 1998; Berkowitz, 1993). Acrescenta ainda que, num grupo ou estatuto socioeconómico mais baixo o fenómeno revela-se mais frequente “*nos bairros sociais (...) acontece mais violência*”, revelando congruência com outros estudos (Englander, 1997; O’Moore, 1995; Rochex, 2003 cit. in Ribeiro, 2007).

Respeitante ao contexto de escola, P6 assinala que o agressor, perante determinados estados psicológicos como a irritabilidade (Krahé, 2001 cit. in Ribeiro, 2007), pode ativar uma resposta de *coping* agressiva, de forma a lidar com a situação vivenciada (Silva, 2009). O insucesso académico, por exemplo as “*más notas, mau desempenho escolar*” podem constituir o propulsor inicial da irritação, concomitantemente com uma “*má relação com os pais*”, formam potenciais fatores promotores de violência.

De acordo com o participante a violência intrafamiliar pode ser um fator de risco para a ocorrência de violência fora do contexto familiar, indo ao encontro da literatura (Patterson, Capaldi e Bank, 1991 cit. in Ramírez, 2001; Wolfe, 1999 cit. in Machado, 2008; Nunes, Sarti & Ohara, 2008; Del Prette & Del Prette, 2005 cit. in Silva 2009). Ao suceder situações deste género, no sentido descendente, o filho pode ficar “*triste, ruím, desmotivada*” estas emoções negativas, vão ser geridas por ele através da libertação da agressão “*depois dá pancadaria*” (Berkowitz, 1978). Segundo P6, o facto do agressor ser violento “*uma vez*” pode levar a que aquele comportamento se repita invariavelmente “*volta a repetir a pancadaria várias vezes*” (Olweus, 1989; Barros et al., 2009), principalmente se ele avaliar a agressão como correta e se não houver castigos (Fischer, 1992; Martín, 1993 cit. in Ribeiro, 2007). Por consequência, o problema inicial de insucesso escolar tende a agravar com o papel de agressor assumido, pois pode ser gerador de piores resultados académicos, fraca assiduidade às aulas, consumo de substâncias, e um comportamento desadequado na escola, como “*mau comportamento (...) não obedecem aos professores e funcionários*”. Sendo que, talvez estejamos mais uma vez perante um problema que é mantido porque se retroalimenta.

Foi referido pelo participante a possibilidade de haver “*desentendimentos*” num contexto comunitário, por exemplo no trânsito entre condutores (ou porque tiveram um acidente ou porque estiveram quase a ter um acidente), constituindo motivos suficientes para a ocorrência de agressão verbal “*dizer palavrões*” e física “*quase que dá*”.

No futebol a violência parece ser muito comum, acontece entre os jogadores “*em todos os jogos*”, começa com desentendimentos, “*picardias*”, que por vezes conduzem a situações “*mais agressivas*”. Por outro lado, a equipa que perde o jogo pode ser intolerante à frustração revelando “*mau perder*”, ficam insatisfeitos com o resultado e podem recorrer a atos violentos como forma de compensar a perda “*violência para ver se ganha alguma coisa alí*” e sentirem-se vitoriosos “*sentem que ganham qualquer coisa*”. A referida ação também pode contribuir, para que o agressor ganhe um “*estatuto*” entre os pares, como diz P6, “*quem deu fica com fama de ser forte*” o que pode conduzir à repetição do ato em si. Ambas as ideias parecem reforçar e transmitir novamente a mensagem de que a agressão tem um caráter instrumental e serve de meio para atingir um objetivo, obter um ganho ou benefício, neste caso específico será a obtenção de um estatuto desejável.

A título de conclusão, podemos dizer que a violência é interpretada como um fenómeno que exige controlo e intervenção por parte de alguém exterior ao conflito, para que este venha a ser resolvido. Por exemplo, no futebol ou na escola, deverá haver alguém que intervenha “o

árbitro o diretor de turma”, o que pode indicar uma fraca previsibilidade de controlo por parte da vítima e do agressor.

Consequências

A violência pode aproximar as pessoas, no sentido que, as vítimas podem recorrer a apoio social, pedindo auxílio aos pais, irmãos ou amigos. Como pode promover o afastamento, discriminação e exclusão social da vítima em relação ao seu grupo de pares *“ficam excluídas do grupo de amigos”*, porque passaram a ser considerados *“fracos”* e indefesos *“não se conseguem proteger”*. As vítimas, podem sofrer consequências físicas (Conde, 2009), podem ficar *“feridas, em sangue, com nódoas negras”* e necessitar de apoio hospitalar. O participante 6 refere ainda, que tais consequências podem ser mais graves ou danosas dependendo da diferença de idade entre vítima e agressor.

As vítimas podem sofrer prejuízos diversos ao nível da aprendizagem escolar, podem ficar desmotivadas, deixar de ser assíduos e sofrer um decréscimo ao nível do seu rendimento e sucesso académico, indo ao encontro da revisão bibliográfica (Ribeiro, 2007; Barros et al., 2009; Leão, 2010).

De acordo com o P6, a vítima pode querer se vingar, tornando-se assim numa espécie de vítima-provocativa, transformando-se em agressor alimentando o ciclo de violência, conforme suporta Conde, (2009). Assim como, pode originar uma *“guerra entre grupos de amigos”*, cada uma das partes envolvidas no conflito (vítima e agressor), pode tentar ganhar poder através da ameaça e possível aumento do potencial violento *“vai chamar o seu grupo de amigos que as vezes são violentos”*.

Segundo P6, os agressores podem ter problemas com a justiça (Olweus, 1998; Farrington, 2002; Ribeiro, 2007; Marques, 2001 cit. in Barros et al., 2009; Gonçalves & Vieira, 2005). Se o agressor for menor, pode ser institucionalizado numa *“instituição de menores”*, num Lar de Acolhimento. Caso o agressor seja maior de idade, pode ser preso, mas para tal é necessário que a vítima apresente queixa, que o ato tenha sido grave e que haja testemunhas supostamente para o efeito de confirmação. Pode ainda lhe ser atribuído um castigo ou suspensão da escola.

De acordo com o participante 6, a violência pode agravar o seu problema inicial de insucesso escolar do agressor, ao apresentar piores resultados académicos, fraca assiduidade às aulas, consumo de substâncias (Seixas, 2009; Rodrigues, 2010), e um comportamento desadequado na escola *“mau comportamento (...) não obedecem aos professores e funcionários”*.

No que concerne às testemunhas, P6 constata que os efeitos da violência passam muitas vezes por se sentirem ameaçadas pelos agressores, ficando por consequência com receio de depor “*caladas, têm medo*” para não sofrerem represálias (Conde, 2009).

Emoções

O participante acredita que as vítimas devem sentir (“*muito medo*” (...) “*complexo de inferioridade*” e “*tristeza*”). O participante prevê que o agressor possa sentir diferentes emoções: pode eventualmente sentir-se mal com o sucedido e pedir desculpas à vítima; pode sentir medo, de sofrer consequências pelos seus atos; ou, pode ficar feliz com o que fez. As testemunhas da violência por seu lado, podem sentir “*medo*” de represálias, e podem ficar “*assustadas*”.

Prevenção

O nosso P6 tende a considerar que é importante para a prevenção do problema a implementação de um sistema de punições mais adequado, um maior controlo por parte de pessoas significativas como (árbitro, diretor de turma) e de programas como o “*programa escola segura*”. Refere que qualquer forma de prevenção deveria ser de carácter mais frequente, que as sanções aplicadas deveriam ser mais pesadas e que deveria haver mais funcionários distribuídos pelas diferentes zonas das escolas a monitorar o comportamento dos alunos.

Tendo em vista a resolução do problema, os pais deveriam realizar um acompanhamento presente, ter um papel e uma posição mais ativa e participativa, “*só se resolve passando pelos responsáveis da escola e pelos pais*”, sobre a educação dos seus filhos “*se os pais sabem que têm um filho problemático, eles deviam ir mais às reuniões e devia dar mais atenção*”, controlando e castigando os filhos por esses comportamentos problemáticos. Os castigos preferenciais deverão consistir em, privar as crianças daquilo que mais gostam, dando como exemplos, retirar a “*internet, telemóvel*”, e deverão corresponder ao tamanho e gravidade da ação agressiva praticada. A punição pode igualmente contribuir para uma autoavaliação e juízo de valor assertivos por parte do agressor relativamente à situação, podendo prevenir futuras ocorrências, principalmente se ele “*pedir desculpa*”.

Visibilidade do fenómeno

O participante faz referência a diversos exemplos que viabilizam a análise de que o fenómeno pode conter uma visibilidade significativa para ele, ao nível da frequência (“*já*

aconteceu várias vezes lá na escola”; “no namoro, no futebol (...) eu já vi casos de violência nesses sítios”) e da proximidade com o fenómeno (“eu já fui e já vi outras vítimas”; “eu fiz queixa aos meus pais (...) é assim que deve ser”). Alertando para uma estratégia de confronto.

E.C.C.V.

Ao nível da interpretação global da escala, podemos dizer que P6 possui crenças funcionais acerca da violência. Pontuou valores mais elevados no que concerne à etiologia do problema, respetivamente nos itens 9 e 27 que tendem a considerar que a violência pode ser aprendida ou inata (Sani, 2003).

Participante 7 - A Violência

A participante oferece-nos uma posição contrária e de valor negativo em relação à violência (“*eu não estou de acordo com isso*”; “*eu não sou a favor da violência*”) retirando-lhe o valor instrumental que poderia representar na resolução de problemas como estratégia de *coping*, ao referir “*não resolve nada*”.

Refere que a violência tanto pode assumir uma forma física como psicológica. A violência física pode manifestar-se através de atos como: (“*bater*”; “*pontapés, cabeçadas*”; “*murros na cabeça*”) e através do uso de armas “*andar com facas até com armas*”. A violência psicológica recorre à linguagem e atua através de: insultos; difamação; através de nomes ofensivos a familiares; chantagem; ameaças; gozo; e discriminação. A descrição global, tecida acerca da violência vai ao encontro de muitas definições encontradas na revisão bibliográfica (Fernández, 1998; Sani & Gonçalves, 2000). A participante considera que a violência psicológica é de alguma forma, a mais gravosa, atribuindo-lhe uma valoração muito negativa “*acho que é das piores violências*”.

Identifica na violência interpessoal diversas manifestações como a violência doméstica, a violência nos relacionamentos de intimidade entre pares e o bullying, que diz “*acontece mais dentro das escolas, consiste na agressão física e verbal*”. Estabelece uma diferenciação de forma adequada entre cada tipo de violência, assim como identifica os protagonistas, a vítima, o agressor, e o observador que pode também ser participante.

Hipóteses explicativas

No que concerne ao relato da participante 7 acerca das hipóteses explicativas para a violência, podemos referir que, ela interpreta que o bullying se deve em parte por o agressor discriminar alguém quanto à forma como se veste, estilo de vida que apresenta (Fernández,

1998; Ribeiro, 2007) ou por ter problemas de saúde como exemplo, ser deficiente (DFE, 1994; Smith & Sharp, 1994; Costa; 1995; Lane, 1989).

De acordo com P7, a violência com características mais físicas, pode ser precipitada após a ocorrência de agressões verbais, sugerindo um fenômeno em escalada. A presente concepção é suportada cientificamente (Nesbit & Kanagians, 1987; Magalhães, 2005; Sani, 2006; Loureiro & Queiroz, 2005; Lobato e Placco, 2007; Ribeiro, 2007; Barros et al., 2009; Conde, 2009). Para P7, a dificuldade em gerir os conflitos e resolver os problemas através de uma comunicação assertiva pode gerar violência *“porque não sabem resolver as coisas a falar, partem logo para a violência”*, consistindo numa estratégia de coping desadequada para a resolução de problemas interpessoais que pode surgir da incapacidade para pensar e elaborar respostas alternativas (Dodge, Petit, McClaskey e Brown, 1986; Ramírez, 2001; Pavarino, Del Prette e Del Prette, 2005; Silva, 2009).

Os agressores podem também querer obter um determinado estatuto social privilegiado e diferenciado dos outros, podem querer *“mostrar-se superiores”* ou *“parecerem bem sucedidos na escola, ser bem vistos”*. Sendo que na percepção deles, aqueles que têm um comportamento desadequado, i.é., *“que fazem as piores coisas”* são os mais bem sucedidos e com maior visibilidade socialmente, como exemplo, a pessoa fica *“mais conhecida”*. Eles tendem a criar expectativas positivas e identificam um resultado benéfico proveniente da experiência de violência, *“para eles isso é bom”*. Vai de encontro ao que Berkowitz (1993) defende, com a agressão instrumental.

A participante, identificou alguns fatores que concorrem para o surgimento da violência em contexto intrafamiliar (entre pais e destes para os filhos) nomeadamente, o homem poder ter problemas no *“trabalho”* (Conde, 2009), com o abuso e consumo de substâncias *“drogas, álcool”*, apresentar problemas de saúde mental *“doença (...) dupla personalidade”*, (Hughes, Graham-Bermann e Gruber, 2001; Pascolat, 2001; American Academy of Pediatrics, 2002; Maia e Williams, 2005; Sani e Ribeiro, 2009), e ter uma história de maus tratos infantis *“sofreram o bater no passado”* (Pavarino, Del Prette e Del Prette, 2005 cit. in Silva, 2009; Sani e Ribeiro, 2009). Apesar de identificar os fatores e motivos relacionados com doenças e consumos, ela tende a não desculpabilizar o agressor pelos seus atos, quando refere que *“apesar de serem problemas com drogas, bebidas ou o que seja, devia de existir respeito”*.

São referidos por P7, outros agentes contributivos para a situação de violência relacionados com o agressor, este é tendencialmente definido como tendo uma personalidade: do tipo agressiva; influenciável, facilmente levado pelo que os outros dizem (Perkins et al., 2011); facilmente reativo, impulsivo *“parte logo para a violência”* (Olweus 1993, 1998;

Kennedy e Perery, 1993 cit. in Pereira 2008); e conflituoso (“*não sabem estar (...) sem arranjar confusão*”; “*muito emotivas e não conseguem estar sossegadas*”) (Olweus, 1998).

Em contexto de violência doméstica, P7 identificou na vítima, uma dificuldade desta para se defender do confronto e do agressor, pelo que refere, “*a mulher até pode-se tentar defender verbalmente e não conseguir, e ele partir logo para a violência para cima dela*”, revelando uma certa impossibilidade em confrontar ou combater o problema, “*mesmo que elas queiram fazer frente, ir à policia e fazer denuncia não conseguem porque não têm coragem*”. Enquanto o agressor, por outro lado, se revela incapaz de identificar outras alternativas para solucionar o conflito comunicacional existente. Ponderamos que, a dificuldade em exercer controlo por parte da vítima e a impossibilidade do agressor escolher outras alternativas de resposta poderá dificultar o corte com o ciclo de violência, enquanto ele se perpetua sem obstáculos, que poderia ser por exemplo, a participação de uma queixa crime sobre o ocorrido.

A conceção de P7, referente à noção de que, as diferenças de interesses e opiniões entre as pessoas, podem criar conflitos, disputas ou desentendimentos que conseqüentemente podem ter finais em si mesmo violentos, é corroborada pela literatura (Debarbieux & Blaya, 2002). Assim como o querer demonstrar uma posição de superioridade em relação aos outros (“*o querer (...) sair superior (...) melhor*”) e a intenção propositada de querer magoar “*o querer pisar as pessoas*” podem também ser boas causas explicativas do fenómeno segundo P7.

Consequências

Salientamos desde já, que de acordo com P7, a violência pode ter efeitos colaterais sobre uma multiplicidade de pessoas, provocando danos físicos e psicológicos, pode “*prejudicar muita gente e fazer mal a muita gente, tanto intelectualmente como fisicamente*” (Conde, 2009). Porém, a identificação de consequências, incidiu maioritariamente sobre a vítima.

De acordo com a participante, as consequências físicas podem ser de fácil resolução e podem auferir de uma recuperação total, ao contrário das sequelas psicológicas que podem não ser recuperáveis, “*fisicamente as coisa curam-se mas cerebralmente as pessoas nunca esquece o que aconteceu*”, podendo provocar traumas permanentes. Alguns autores partilham a mesma ideia (Pereira, 2002; Maia, 2007; Conde, 2009).

A violência psicológica pode provocar a difamação da vítima, pode deixar a pessoa desmotivada, triste “*mais em baixo, triste*”. Sem que esta consiga por sua vez repor o seu

estado normal, pode (“*não conseguir regenerar*”; “*nunca vai superar*”), ficando a ruminar sobre a experiência a longo prazo (“*ficar a pensar no que lhe disseram pela vida*”; “*nunca esquece*”). Pode igualmente, levar ao desenvolvimento de traumatismos “danos cerebrais” e de outras perturbações psicológicas (“*leva à loucura*”; “*provoca problemas psicológicos*” “*vai ficar muito afetada (...) deprimida*”). Vai de encontro ao defendido por alguns autores, que falam na perturbação de stress pós-traumático, depressão, entre outras perturbações mentais, como consequências da violência (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Maia, 2004; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008).

A vítima pode sofrer por consequência, uma alteração negativa no relacionamento com os pais, manifestar dificuldades na escola “*problemas na escola*” e perder rendimento e eficiência cognitiva “*baixar o Q.I.*”, como também se pode ver afetada nas mais diversas áreas da vida “*vai afetar-me em tudo*”. As afirmações são sustentadas por alguns autores (Figueiredo, Fernandes, Matos e Maia, 2002; Maia et al., 2007; Ribeiro, 2008; Sani e Ribeiro, 2009).

Pode conduzir a vítima a um sentimento de auto culpabilização, de sofrimento geral “*maus bocados*”, a uma atitude de desconfiança “*vai sempre pensar duas vezes*”, hipervigilância e reatividade, ficando “*atentos aqueles em quem podemos confiar*”, avaliando tendencialmente nos demais uma atitude de provocação ou ameaça, dificultando por consequência a capacidade de comunicação com os outros “*não vou conseguir ter uma conversa decentemente com uma pessoa sem sentir que me estão a provocar*”. Consequentemente, promoverá um isolamento social (“*a pessoa isola-se mais*”; “*completamente fechados*”), (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008). Para se proteger de possíveis e eventuais situações, pode então, desenvolver uma atitude reativa e de ataque, junto daqueles que poderiam simplesmente querer ajuda, segundo alguns autores, esse fenómeno pode ser fruto de uma alteração dos mecanismos de defesa (Pereira, 2008; Silva, 2009; Costa & Pereira, 2010), talvez aqui também esteja implícita, a possibilidade da vítima tornar-se também provocativa (Conde, 2009).

A atitude de desconfiança e sentimento de necessidade de defesa, pode também estar relacionado com a ideia que a participante partilha em seguida, na qual a violência pode provocar na vítima sentimentos de medo, assim como baixar a sua autoestima e autoconfiança “*não ia confiar em mim, ia baixar a minha atitude*”.

Uma das consequências da violência doméstica consiste segundo P7, na não participação e queixa das ocorrências, devido ao facto da vítima não ter coragem, de ficar com

medo de não conseguir sustentar sozinha os filhos e a elas próprias e das ameaças de morte como, “*eu mato-te*”, que muitas vezes concretizam-se efetivamente “*muitas mulheres chegam a morrer*”. A vítima aparentemente, apresenta portanto, dificuldades em romper ou cortar com o ciclo de violência.

A incapacidade de apresentar uma queixa crime, pode levar a que emigração seja considerada como uma estratégia de tentativa de fuga adotada pela vítima, perante o agressor. Paralelamente, o abandono de crianças e o aborto forçado podem ser alguns dos resultados previstos assim como, o consumo de substâncias, “*Pode dar origem ao consumo de droga e bebida*”, que colateralmente, assinala poder levar à transmissão de doenças infetocontagiosas, como a hepatite e o HIV, indo ao encontro de Taquette et al., (2003).

Os observadores podem também ser participantes e podem por consequência, sofrer danos resultantes das suas intervenções (“*acabam por se magoar (...) contínuos e professores tentam intervir acabam sempre por sair até com danos*”), Conde, (2009) refere igualmente essa possibilidade.

Emoções

A participante, não identificou emoções associadas ao papel do observador. De acordo com a própria, os sentimentos mais relevantes derivados das agressões sobre a vítima são a sensação de solidão, de isolamento, tristeza, repulsa “*nojo*”, dor ou sofrimento e medo de continuar a ser vitimizada. Quanto ao agressor, considera que pode se sentir culpado, principalmente se perder perante a justiça e autoavaliar o seu comportamento como incorreto. Como pode igualmente se sentir superior e mais forte em relação aos outros, onnipotente sentindo que “*pode tudo*”, pode sentir “*raiva*”, descontrolo emocional “*temperamento descontrolado*”, prazer e felicidade enquanto pratica a ação.

Prevenção

O sucesso da prevenção reconhecido por P7 embora possa resultar da existência de denúncias e queixas da ocorrência sobre as situações de violência, de forma a dar conhecimento à polícia. Depende mais no seu entender, das próprias pessoas envolvidas diretamente nos confrontos e das inter-relações que criam entre si, do que propriamente da polícia ou outros intervenientes exteriores ao problema. Quando o problema da violência resulta de outro, relacionado com o abuso e consumo de substâncias, então, passa pelo casal se esforçar e evitar o respetivo consumo.

No caso da violência em contexto escolar, sugere que, castigos como suspensão e expulsão da escola e medidas de exposição para os alunos que tenham praticado violência verbal, podem ser mais bem-sucedidas do que as medidas cívicas levadas a cabo nas escolas atualmente.

Visibilidade do fenómeno

No que concerne à visibilidade do fenómeno, podemos dizer que surgem sinais no relato da participante que evidenciam: uma proximidade significativa com o problema, “*já se sucedeu comigo*” com uma relativa frequência de acontecimentos múltiplos de violência, entre pares (“*eu era chantageada, chantageada, chantageada ao ponto de me massacrar a mim própria*”) e em relações de intimidade como o namoro (“*por experiência própria, eu namorei (...) ele agredia-me, batia-me, com murros na cabeça*”). Experiências possivelmente reveladoras da importância aportada ao fenómeno, pela capacidade de gerar sofrimento e mal-estar significativos, como refere P7, “*passsei maus bocados*”.

E.C.C.V.

A participante pontua valores na escala geral congruentes com uma avaliação positiva no que respeita às crenças adaptativas desenvolvidas a respeito da violência. Salientamos que obteve valores mais elevados do que a média esperada para crenças funcionais nos itens 5, 9, 15 e 20, do fator determinantes individuais. Tais valores, levam a considerar a existência de um motivo específico como a proximidade afetiva para justificar a violência e reforça a ideia de que acredita que o álcool e outros comportamentos aditivos são muitas vezes causas do comportamento violento (Sani, 2003). O que vem reforçar a análise acima descrita, onde identifica por diversas vezes, uma relação pessoal e próxima com o agressor e onde inscreve o consumo de substâncias como causa e consequência da violência.

Participante 8 - A Violência

O participante coloca à nossa disposição a diferenciação entre a violência física e psicológica, identificando algumas características respeitantes às suas manifestações. A física exterioriza-se por exemplo, através de socos, enquanto a psicológica, pode ocorrer através da difamação de uma pessoa “*dizer mentiras*” acerca dela, recorre também à intimidação, à ameaça, assim como, humilhando “*gozar (...) fazer troça*”, chamando nomes ofensivos e dizendo palavrões com o intuito de ofender o outro e causar dano “*danificar, a outra pessoa*”. A descrição é congruente com a de Sani & Gonçalves, (2000).

O participante faz referência ao fenómeno de bullying como sendo um processo que se constitui principalmente por uma pressão exercida sobre um indivíduo por parte de outra pessoa ou de um grupo, coerente com a análise de outros autores (Olweus, 1978; Lopes, 2005; Barros et al., 2009). Complementa dizendo que, o *cyberbullying* também é muito atual hoje em dia, e manifesta-se essencialmente por agressões verbais que ocorrem através da internet, pois ele se reproduz através da disseminação de críticas escritas negativas sobre alguém, é um processo que se realiza de forma sistemática “*começam sempre todos os dias a agredir verbalmente*”.

Podemos referir que P8 também identifica a violência noutros contextos, nomeadamente o comunitário, com particularidade no desporto de futebol. Introduce diferentes protagonistas de ambos os sexos, conforme (Pereira, 2008), nos cenários apresentados, a vítima, o agressor e o observador que por sua vez, também pode ser participante ou não, sendo que por consequência pode permitir um rumo diferente na trajetória e história de violência “*um amigo meu que estava a ver foi a correr (...) E acabou ali*”.

Hipóteses explicativas

As hipóteses explicativas por parte de P8, são de natureza variada, ele refere que muitas vezes o agressor opera em grupo e fá-lo quando avalia a vítima como estando desprotegida de possível apoio, estando sozinha e isolada. Aí, nestas circunstâncias, agride verbalmente, chamando nomes e fazendo com que a vítima se sinta ainda mais indefesa. O agressor por sua vez interpreta os sinais de desproteção, isolamento e incapacidade de defesa, “*quem não se defende eles vão sempre em cima*”, como uma fraqueza e vulnerabilidade por parte da vítima e aproveita-se disso para aumentar o seu potencial de agressão “*maltratar mais ainda*”. A agressão apresenta então também um carácter de escalada e exponencial (Ribeiro, 2007; Barros et al., 2009).

Em relação à agressão ela pode ser despoletada pelo perfil impulsivo do agressor “*chega lá e dá logo um soco*”, subscrevendo um registo mais automático do que premeditado. As emoções negativas como a inveja, o estar zangado ou “*chateado*” podem, segundo P8, constituir uma força motivadora da violência. As emoções negativas por seu turno, como a inveja, podem decorrer da avaliação e constatação por parte do agressor de uma relação assimétrica efetivada nas diferenças do nível e estatuto socioeconómico entre os dois protagonistas. Quando há um indivíduo aparentemente mais privilegiados em relação aos outros, com um estatuto socioeconómico acima da média, o agressor (menos privilegiado) considera a utilização de certos bens dispendiosos “*coisas caras*” como um insulto ou

provocação, que justifica o início da agressão “*brigar*”. Alguns autores referem essa avaliação das emoções negativas como potenciadores de situações de violência (Joseph, Brewin, Yule e Williams, 1993 cit. in Costa e Sani, 2007; Leme, 2004 cit. in Ribeiro, 2008; Selenius, Hellstrom & Belfrage, 2011). A avaliação e/ou a identificação de vulnerabilidade socioeconômica é também defendida por alguns autores como causa explicativa da violência (Abramovay et al., 2002; Cocco et al., 2009).

A violência pode igualmente ser consequente de uma gestão emocional mal sucedida num relacionamento íntimo, como exemplo, o agressor pode estar zangado “*chateado*” por ter sido traído pela namorada e geralmente procura compensar a emoção negativa através da exteriorização “*descarrega (...) vai bater*” sobre o outro rapaz, resolvendo assim deste modo o seu conflito interno. Também pode ser fruto de uma estratégia de coping maladaptativa, utilizada para lidar com a frustração, “*as coisas não correm bem na família e na escola, eles têm de descarregar aquela agressão*”. Consiste numa ideia passível de ser compreendida à luz da Teoria Neo-associacionista, que enuncia a violência reativa ou afetiva (Berkowitz, 1993; Coie & Dodge, 1998). A agressão também pode ter por objetivo a expectativa de aquisição de qualquer bem, ganho ou benefício, neste caso segundo P8, através do “*roubar*” esse bem à outra pessoa, constituindo a violência, um meio para atingir determinado fim. O indivíduo identifica assim deste modo, dois grandes motores da violência, o primeiro de natureza motivacional passional “*sente raiva, acho que é a principal causa*” ou reativa e a última, instrumental (Berkowitz, 1993).

De acordo com o participante 8, o agressor autoavaliasse e procura estar numa posição de superioridade, de detenção de maior poder quando em comparação com o outro (Olweus, 1998; Fernández, 1998; Maia & Williams, 2005; Lobato & Placco, 2007) e deseja deter controlo sobre a vítima (Olweus, 1998; Leme, 2004 cit. in Ribeiro, 2008; Caridade & Machado, 2006), são igualmente motivos que justificam e conduzem à agressão.

Mesmo que em algumas circunstâncias pareça não existir um motivo ou justificação subjacente à violência “*simplesmente quer dar dando*”, parece haver na maioria das vezes um interesse em satisfazer um desejo, o de querer provocar dano no outro “*querem danificar*”, que vai de encontro ao referido por Pasinato et al., (2006).

Consequências

O inquirido refere diversas consequências possíveis advindas do fenómeno em estudo, uma das quais, diz respeito a um visível sentimento de insegurança nutrido por alunos e outras pessoas em geral no seio do contexto escolar, “*já não se sentem seguras na escola*”, porque

estão constantemente a ser alvo de ameaças “*estão sempre as ameaçando*”. Coerente com o revisado por outros autores (Pereira, 1999; Barros et al., 2009).

Em específico no que respeita à vítima salienta-se novamente um crescente sentimento de insegurança, a par de um decréscimo na autoconfiança e motivação, a pessoa “*já não tem ou sente à vontade para fazer as coisas*”, interferindo negativamente com diversas áreas da sua vida, nomeadamente, escolar e familiar, sugere o sujeito. Ao nível da aprendizagem, P8 refere que a vítima pode vir a sofrer um declínio no seu desempenho e sucesso escolar, na assiduidade (Ribeiro, 2007; Barros et al., 2009) e na capacidade de concentração para o estudo (Sharp & Thompson, 1996; Randall, 1996; Pereira, 2002; Fernández, 1998; Amado & Freire, 2002; Reid, 1989 cit. in Ribeiro, 2007).

A violência pode provocar alterações no contexto familiar da vítima, principalmente, ao nível do relacionamento entre pai e filho. Devido ao isolamento e à parca comunicação dos filhos para com os pais, que inviabiliza por sua vez, uma possível ajuda parental (“*se não contar aos pais (...) eles nunca vão poder ajudar o filho*”) e em detrimento disso, promovem um maior desconhecimento e afastamento entre ambos (“*vão-se separando*”; “*ficam dois desconhecidos*”).

A vítima pode desistir das atividades anteriormente tidas como fontes de satisfação, em que estava envolvido, por ter sido vitimada nesses contextos. Pode igualmente, ter receio de iniciar relações e contatos com pessoas novas, uma vez que pode ficar desconfiada em relação às intenções dos outros. O que pode estar relacionado com o sentimento de insegurança atrás definido.

O agressor pode se sentir mais forte, o que pode facilitar por consequência a perpetuação do ciclo de violência, pois P8 sugere que desta autoavaliação, recomeça mais uma “briga”, pois ele vai se considerar mais forte e com maior poder de intimidação sobre o outro. Logo, uma das consequências inferidas é a auto perpetuação do problema. O recurso frequente à intimidação é visto como preditor de violência segundo alguns autores (Olweus, 1989; Barros et al., 2009).

Podem ainda segundo P8, existir consequências ao nível físico, como por exemplo, a vítima ficar com ferimentos ligeiros ou graves (“*braço partido (...) nódoas negras*”) sendo que a consequência mais grave é a morte e encontra-se de acordo com outros autores (Sabotta 1992; Krug et al., 2002; OMS, 2002; Fonseca & Veiga, 2007; Ribeiro & Sani, 2008; Sá et al., 2009; Almeida, 2011). O agressor também pode ser alvo de prejuízos físicos como consequência das suas ações, como refere P8, “*ele era o agressor, deu um soco e partiu o dedo*”.

Emoções

Durante e depois dos acontecimentos a vítima poderá sentir (“*adrenalina, nervos, medo*”; “*infelicidade*”) enquanto outras, as que se sabem defender (“*não devem sentir nada*”; “*ficam na boa*”). O agressor por outro lado, deverá sentir raiva, inveja, superioridade (“*mais fortes*”) e necessidade de controlo em relação ao outro.

Prevenção

A prevenção é encarada pelo participante como possível, e depende tanto da vítima como do agressor. A vítima deverá defender-se, para tal, poderá mostrar indiferença ao sucedido, “*não fazendo caso*” ou respondendo às provocações do agressor. No entanto, a última opção não deve ser praticada caso o agressor seja avaliado como sendo “*mais forte*”, ou capaz de cumprir com as ameaças prometidas “*vai fazer o que diz*”, assim sendo, a vítima deverá simplesmente ignorá-lo. A vítima beneficia se solicitar apoio social, servindo-se do auxílio dos pais, professores ou psicólogos da escola, contando o problema que está a decorrer, pois, tal estratégia pode evitar e prevenir futuras ocorrências, de acordo com P8. A ideia geral que pretende reforçar é a de que é necessário haver sempre alguém, a quem a vítima possa recorrer e confiar, para ajudá-la nestes momentos, e sempre que for preciso.

Em relação ao agressor, ele deveria tentar evitar repetir aqueles atos, “*simplesmente tinha de deixar de fazer isso, não sei*”, e poderia falar também com alguém que pudesse ajudá-lo nesta tarefa. Seria de igual forma importante, os funcionários das escolas estarem mais alerta, mais atentos e mais presentes em diversos espaços do estabelecimento, promovendo um maior controlo e monitorização sobre as situações de violência.

Visibilidade do fenómeno

Em relação à visibilidade do fenómeno podemos constatar que logo desde o início do seu relato, referiu que as pessoas em geral no contexto escolar envolvente, sentem efeitos negativos derivados da ocorrência do fenómeno. Uma vez que P8, refere que o problema provoca insegurança nas pessoas “*já não se sentem seguras na escola*”, e provavelmente mal-estar, porque estão constantemente a ser alvo de ameaças “*estão sempre as ameaçando*” o que revela a frequência da problemática no seu dia-a-dia.

Referiu também algumas histórias de pessoas conhecidas, e coloca-se num papel pessoal de observador (“*por exemplo hoje de manhã teve aí uma rapariga*” “*na equipa onde eu jogo, havia lá um rapaz (...) e estavam sempre a gozar com ele*”), o que revela mais uma

vez proximidade, familiaridade com o fenómeno e frequente ocorrência do mesmo em diversos contextos.

E.C.C.V.

O participante pontuou valores na escala geral, que o permitem situar num grupo de pessoas que possui crenças funcionais acerca da violência. Obteve valores ligeiramente mais elevados que o esperado nos itens 3, 5 e 27, cuja maioria é relativa à etiologia da violência. Foram indicadores de crenças de alguma forma erróneas, uma vez que tendeu a não considerar que a violência também é aprendida e se relaciona com o querer exercer controlo, principalmente neste último ponto, ele aufere por sua vez, um significado contrário ao anteriormente exposto pelo participante.

2. Análise Geral

A Violência

No que diz respeito à análise geral de todos os participantes neste estudo, tivemos a oportunidade de constatar ao longo na análise que todos os participantes da amostra relativa referenciada, descreveram a violência como um processo que pode assumir uma forma física e/ou psicológica (Englander, 1997; Krahe, 2001; Silva, 2003; Magalhães, 2005; Maia & Williams, 2005; Pires et al., 2005; Sani, 2006, 2007; Caridade, 2010; Tavares, 2010) e que se dirige contra outra pessoa (Costa et al., 2007; Barros et al., 2009).

As respostas mais frequentes utilizadas pela maioria dos participantes para descrever os atos circunscritos na violência física foram: (“*socos*”, “*bater*”, “*pontapés*”, “*bofetadas*”) podendo se socorrer e utilizar objetos para arremessar (“*atirar coisas*”; “*seja com o que for (...) atirar uma esferográfica*”; “*atirar a mesa*”; “*uma pedra ou qualquer coisa que esteja à mão, uma faca*”; “*andar com facas até com armas*”), conforme sugere a literatura (Fernández, 1998; Teixeira, 2000; Soares, Mendes, Antão & Silva, 2004). Por outro lado, na violência psicológica destacam-se pela sua repetição, respostas como: (“*chamar nomes*”, “*ameaçar*”, “*ofender*”, “*palavrões*”, “*difamar*”), também congruentes com a bibliografia consultada (Fernández, 1998; Magalhães, 2005; Lopes, 2005; Sani, 2006; Barros et al., 2009).

Porém, outras categorias esperadas só foram identificadas por um participante, nomeadamente no que diz respeito à violência sexual (P3), à direção da violência contra animais (P2) e autoinfligida (P1). No caso da negligência, não houve nenhum participante que a define-se como um tipo de violência, muito embora, os respetivos participantes P3, P4 e P8,

tivessem tido em consideração que o controle, a atenção e orientação parental poderiam ser fatores muito importantes para a gestão da problemática (Maia & Williams, 2005; Sani & Ribeiro, 2009).

A maioria dos participantes posicionou-se perante o fenómeno com atribuições de valor negativas, referindo-se à violência como algo que não deveria acontecer (“*não sou a favor*”; “*sou contra*”; “*não devia acontecer*”; “*não é justo*”; “*é grave*”). Indo ao encontro de estudos portugueses efetuados, nos quais concluem que os participantes revelam uma baixa concordância com o uso de violência nas relações interpessoais (Matos & Silva, 2001; Macha, Matos & Moreira, 2003; Paiva e Figueiredo, 2003, 2005).

Todos os participantes do nosso estudo, identificam a vítima, o agressor e o observador como protagonistas das situações de violência. Metade dos participantes fizeram a distinção entre vítima passiva e vítima-agressora (Hazler, 1996; Beane, 2006; Smith & Sharp, 1994; Stephenson & Smith, 1989; Olweus, 1994) e identificaram um perfil de observador participativo (Conde, 2009). No entanto, apenas um participante, diferenciou o agressor passivo do atípico (P1) (Olweus, 1993).

A violência foi definida pelos participantes, como sendo um fenómeno passível de ocorrer em múltiplos contextos, tendo estes identificado os quatro ambientes privilegiados para a sua ocorrência. Todos responderam que pode tomar lugar na escola, enquanto a maioria ou seja, sete participantes identificaram o ambiente familiar como cenário de ocorrência, a maioria também identificou a violência entre pares de amigos e namorados. O contexto comunitário foi o menos identificado, tendo sido abordado apenas por 3 participantes.

Hipóteses Explicativas

No que concerne às hipóteses explicativas para a ocorrência da violência, os participantes identificaram a violência como um fenómeno multifatorial (Pascolar, 2001; Gonçalves & Vieira, 2004; Sani & Ribeiro, 2009) como tal, fizeram referência a diversos fatores de risco que podem promover a violência. Todos os participantes identificaram fatores que podem ser inseridos num nível familiar, a grande maioria (sete), também encontraram fatores explicativos de ordem escolar e individual. Seis dos participantes identificaram cumulativamente, variáveis em contexto comunitário.

Todos os entrevistados referiram fatores de risco relacionados com características do agressor e seis participantes, identificaram fatores inerentes às características individuais da vítima. Em relação à vítima, apenas três participantes, identificam causas familiares (P4, P5,

P7), dois participantes apontam causas relacionadas com a escola (P4, P6) e apenas um refere razões de caráter comunitário (P6).

Algumas referências significativas, realizadas pela maioria dos entrevistados, relativas a fatores de risco que podem contribuir para a violência e que estão talvez de alguma forma mais relacionados com o comportamento da vítima. Dizem respeito ao fato da vítima não saber se defender de forma adequada e de não apresentar queixa do agressor, ambos atos que poderiam possibilitar irromper com o ciclo de violência e consequente retroalimentação.

As razões que levam um indivíduo a ser agressor, parecem estar em grande medida associadas a questões de caráter familiar, escolar, individual e comunitário. A maioria dos participantes (P1, P3, P4, P5, P6), referem a violência parental ou intrafamiliar como um dos fatores responsáveis pela externalização da violência por parte dos adolescentes. Considerando que existem efeitos adversos e secundários resultantes da observação e contato direto com a violência (Minayo et al., 1999; Ramírez, 2001; Wolfe, 1999 cit. in Machado, 2008; Abramovay & Rua, 2002; Nunes, Sarti & Ohara, 2008; Del Prette & Del Prette, 2005; Maia & Williams, 2005; Loureiro e Queiroz, 2005; Silva 2009; Sani & Ribeiro, 2009; Vargas, 2009). Na análise de resultados, identificou-se uma clara prevalência em respostas que classificam a exposição direta e indireta a situações de violência, como um forte indicador de comportamentos agressivos. A maioria dos participantes (P1, P3, P4, P6 e P7), identificam a observação por aprendizagem vicariante e a influência social como um fator potencialmente explicativo das agressões, que pode ocorrer em contexto familiar e não só. Assim como a experiência direta e pessoal de vitimização no passado é também apresentada como uma hipótese explicativa plausível para as agressões (P1, P3, P4, P5, P6, P7).

Praticamente todos os inquiridos, com exceção do (P3), percebem a violência como uma estratégia de coping desadequada, que o agressor utiliza para lidar com as dificuldades e para resolver divergências de opiniões ou conflitos interpessoais (Freire, Simão & Ferreira, 2006; Costa & Sani, 2007; Silva, 2009; Costa e Pereira, 2010).

A globalidade dos participantes refere de alguma forma, que o agressor terá uma atitude que o coloca em superioridade procurando deter mais poder e necessidade de controlo sobre a vítima que é percebida como alguém mais fraco e mais vulnerável (Olweus, 1999).

Todos os entrevistados, com a exceção de (P2), identificam um motivo instrumental para a realização da agressão, o agressor tende a prever ganhos ou benefícios com a ação, que pode passar por, adquirir um estatuto social mais desejável, obter bens, obter melhores resultados escolares (copiando), ou pertencer a um determinado grupo de pares (Gunter, 1985; Berkowitz, 1993, 1997; Coie & Dodge, 1998; Englander 1997).

Cinco dos inquiridos referem que a violência ocorre de forma repetida ou com caráter sistemático, que tendencialmente inicia sob a forma de agressão verbal culminando em atos mais graves ou severos, nomeadamente físicos (P1, P4, P6, P7, P8), que poderão levar à morte. Levando-nos a supor que o processo de violência decorre sob a forma de escalada crescente e que existe alguma dificuldade em controlar o fenómeno. Vai de encontro ao sugerido pela literatura que defende que na maioria das vezes a agressão psicológica coexiste com outras formas, e que tendencialmente pode culminar em atos físicos (Nesbit & Kanagians, 1987; Magalhães, 2005; Sani, 2006; Loureiro & Queiroz, 2005; Lobato e Placco, 2007; Ribeiro, 2007; Barros et al., 2009; Conde, 2009).

A maioria dos indivíduos tende a caracterizar o agressor como alguém que não aceita um “não”, que é intolerante à frustração (Hughes, Graham-Bermann e Gruber, 2001; Maia e Williams, 2005; American Academy of Pediatrics, 2002; Maia & Williams, 2005; Sani e Ribeiro, 2009) e que impõe a sua vontade, coagindo o outro, independentemente dos desejos e necessidades deste último (P2, P4, P5, P6, P8) (Olweus, 1999; Minayo, 2004; Pasinato et al., 2006).

Metade dos sujeitos referiram a perceção da desigualdade ao nível dos estatutos socioeconómicos entre agressor e vítima como uma força motivadora, que impele o agressor, geralmente com menos recursos, a agir de forma violenta. O que é congruente com a literatura (O’Moore, 1995; Englander, 1997; Barnett, 1997; Huges et al., 2001; Abramovay et al., 2002; Rochex, 2003 cit. in Ribeiro, 2007; Cocco et al., 2008; Ribeiro, 2008; Sani e Ribeiro, 2009).

Também surge a hipótese de o agressor praticar atos violentos por ter dificuldades em gerir determinados estados emocionais negativos, como desejo de vingança (P1, P4, P6), inveja, raiva (P1, P6, P8) (Berkowitz, 1989; Buss & Waren, 2000; Hughes, Graham-Bermann e Gruber, 2001; American Academy of Pediatrics, 2002; Maia & Williams, 2005; Sani e Ribeiro, 2009; Selenius, Hellstrom & Belfrage, 2011), irritabilidade (P6) (Berkowitz, 1989; Buss & Waren, 2000; Romero, 2002; Krahé, 2001 cit. in Ribeiro, 2007) e impulsividade (P7, P8) (Olweus, 1993, 1998; Farrington, 2002; Amado & Freire, 2002; Pereira, 2008; Conde, 2009).

Segundo a nossa análise, metade dos entrevistados apontam causas etiológicas relacionadas com consumo de substâncias (P1, P5, P6 e P7), conforme defendido por alguns autores (Pascolat, 2001; Hughes et al., 2001; American Academy of Pediatrics, 2002; Maia e Williams, 2005; Sani e Ribeiro, 2009).

Apenas três participantes indicaram os baixos resultados acadêmicos e a discriminação como motivos geradores de agressões. Não houve também um número significativo de referências em relação ao gênero do agressor e à ausência dos pais ou fraca parentalidade.

Consequências

As consequências estiveram ao longo dos vários relatos predominantemente associadas à vítima. Assim, no que diz respeito a elas e às consequências resultantes de situações de violência antecipadas pelos adolescentes, podemos salientar diversas observações. Todos os participantes, com exceção de (P2), referiram que a violência interferia de forma negativa com o aproveitamento escolar, porque baixava o rendimento e desempenho acadêmico e/ou a assiduidade da vítima (Short et al., 1994; Carvalhosa et al., 2009; Matos et al., 2009; Nansel et al., 2001).

A maioria dos entrevistados referiram que a vítima poderia assumir uma atitude mais reservada, com tendência para o isolamento social (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008; Pereira, 2008; Barros et al., 2009), e para a ocultação do problema (P1, P2, P3, P5, P7, P8). A tendência é para acreditar existir uma alteração no relacionamento familiar implicando também, um afastamento e um decréscimo na qualidade da relação entre os elementos (P2, P3, P7, P8). Poucos acreditam que poderá haver uma tentativa de envolver os pais na resolução de problemas relacionados com a violência (P3, P6). Porém, a maioria dos participantes identifica-a como uma boa estratégia de prevenção.

A globalidade dos entrevistados com exceção de um (P2) referem a desmotivação (Conde, 2009), a falta de vontade para realizar atividades e/ou a apatia como consequência da vitimização.

Foram também identificadas diversas emoções negativas como consequência dos maus tratos (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008; Barros et al., 2009), a mais prevalente foi o medo (P3, P4, P5, P6, P7, P8), sentimentos de insegurança e desconfiança (P5, P7, P8), tristeza (P5, P7), stress (P3, P5) assim como um sofrimento generalista (P2, P7).

Os relatos sugerem que as consequências podem ser de natureza psicológica ou física. Parecem estar relacionadas com a saúde mental, quatro participantes (P2, P4, P5, P7), indicam alguma das perturbações mentais seguintes, como a perturbação de stress pós-traumático, depressão ou abuso de substâncias, como possíveis danos resultantes das agressões (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Maia, 2004; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008). A nível físico, surgem como exemplo feridas ou nódoas negras (P5, P6, P7, P8) e nesse seguimento,

podemos considerar que a morte emerge talvez como uma das consequências mais graves, resultantes da violência e é referida pela maioria dos participantes (P1, P2, P4, P7, P8). Indo ao encontro de uma vasta literatura (Sabotta 1992; Krug et al., 2002; OMS, 2002; Fonseca & Veiga, 2007; Ribeiro & Sani, 2008; Sá et al., 2009; Almeida, 2011).

No que diz respeito às consequências que recaem sobre o agressor, as respostas mais frequentes estão relacionadas com o fato de ele poder ser preso caso seja maior de idade e se a vítima fizer queixa (P2, P4, P6). Se for menor de idade pode ser institucionalizado num Lar de Acolhimento (P6) ou ser suspenso/expulso da escola (P4, P5, P6).

Também houve consequências identificadas sobre o observador, mas não numa representatividade significativa, pois estão dispersas por muitas categorias.

Emoções

As emoções suscitadas nas vítimas mais frequentemente retratadas foram o medo (7 participantes), assim como, a tristeza e a insegurança, que foram referidas por 4 indivíduos. O stress, a raiva e o sentimento de inferioridade foram indicados por 3 participantes. As emoções do agressor mais frequentemente retratadas correspondem ao sentimento de superioridade (6 participantes), o prazer, a satisfação (metade dos inquiridos), e o arrependimento (três). Em relação ao observador a resposta mais prevalente, com dois participantes, foi o medo.

Prevenção

A maioria dos participantes refere que será importante ao nível da prevenção primária ou secundária, falar com alguém sobre o assunto, no sentido de desabafar, pedir ajuda ou fazer queixa da ocorrência, geralmente esse alguém é referido como uma pessoa adulta (P1, P2, P4, P5, P6), podendo fazer referência aos pais (P1, P5, P8), agentes educativos (P4, P5, P6, P8) e polícia (P2, P5). Para além disso, parece ser prevalente no conjunto dos inquiridos, a ideia de necessidade relativamente à concentração e dedicação de uma maior atenção, controlo e monitorização por parte dos agentes educativos, sobre as situações de risco existentes (P1, P3, P4, P6, P8).

Visibilidade do fenómeno

No que concerne à visibilidade do fenómeno, podemos inferir que a maioria dos participantes possui uma relação pessoal (P1, P3, P4, P6, P7), próxima (P1, P4, P5, P6, P8) e

de caráter frequente (P1, P3, P5, P6, P7, P8) com a violência. A maioria representando o papel de vítima e de observador.

E.C.C.V.

Todos os participantes pontuaram valores congruentes com a ideia de que possuem crenças funcionais acerca da violência. No entanto, a maioria dos participantes obteve valores mais elevados do que o esperado no domínio relativo a determinantes individuais, em específico no item 15 com quatro participantes e nos itens 5 e 16, com três participantes.

Conclusão

A presente investigação assentou numa metodologia qualitativa, surgiu da necessidade de compreender a violência através dos olhares da adolescência. Desta forma pensamos ter conseguido compreender e dar resposta a alguns dos nossos objetivos estipulados.

Importa agora, neste espaço encontrar e suscitar reflexões assim como, instigar questionamentos que contribuam para a compreensão do sistema simbólico que atua na gestão do fenómeno em estudo e a identificação dos elementos que atuam como organizadores e protetores da ação violenta. Pelo que, iremos proceder a uma reflexão crítica com base nos resultados anteriormente apresentados.

Nas entrelinhas tentamos compreender qual o grau de tolerância perante a violência e quais as diferentes condutas abusivas identificadas. Concluímos de forma congruente com outros estudos (Matos & Silva, 2001; Macha, Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2003, 2005), que a grande maioria dos sujeitos revelam uma baixa concordância com o uso da violência nas relações interpessoais, atribuindo uma valoração negativa ao fenómeno. Também é verdade que apesar da violência poder ter várias formas de manifestação, as mais referidas pela globalidade dos nossos participantes dizem respeito à violência física e psicológica. O que é coerente com o referido por Sani, (2003), pelo que a autora considera que estas são as formas mais frequentemente identificadas pela população em geral. As descrições aportadas pelos adolescentes, referentes a cada uma das expressões de violência também foram congruentes com o que é definido por diversos autores a esse respeito (Soares et al., 2004; Magalhães, 2005; Lopes, 2005; Sani, 2006; Barros et al., 2009).

No que diz respeito à ação violenta seus protagonistas e contextos, podemos dizer que todos os protagonistas da ação violenta, vítima, agressor e observador foram identificados pela globalidade dos participantes. A violência é identificada por todos os participantes pelo menos em dois contextos privilegiados, intra ou extrafamiliares (Ferreira et al., 1999; Filho et al., 2009). Sendo que, os contextos mais significativos, para a ocorrência de situações de violência referidos foram, a escola e a família.

No que concerne às hipóteses explicativas do fenómeno da violência, podemos inferir que os participantes apresentam uma visão multifatorial do problema (Gonçalves & Vieira, 2004; Sani & Ribeiro, 2009; Machado, 2010; Caprichoso, 2010), apontando diversos fatores explicativos, respeitantes a características individuais, cognitivas, emocionais e sociais dos agressores, e em alguns casos da vítima.

Alguns resultados auferidos pelos nossos participantes são incongruentes com os de outros estudos, nomeadamente, no que diz respeito à consideração da violência poder ser aprendida socialmente (Ramírez, 2001; Machado, 2008; Nunes et al., 2008; Vargas, 2009). Os nossos entrevistados sugerem a sua possibilidade e até demonstram a relevância da aprendizagem por observação, reforço e modelagem, ao contrário do que Machado, (2010) encontrou na sua amostra de participantes, que não tiveram em consideração a influência do ambiente que os rodeia, em especial o familiar. Por outro lado, a nossa amostra foi congruente com o estudo concluído por Machado, (2010) no que diz respeito a algumas crenças dos adolescentes, que associam o comportamento violento ao abuso de substâncias (Pascolat, 2001; Huges et al., 2001; Maia & Williams, 2005; Sani & Ribeiro, 2009; Matos et al., 2009) e à necessidade de exercer poder e controlo sobre o outro (Olweus, 1999; Mahado, Matos & Moreira, 2003; Coimbra, 2007; Lemos, 2008).

A maioria dos nossos entrevistados encontra origens da violência relacionadas com a Teoria Neo-associacionista, referindo valor instrumental e reativo à agressão (Berkowitz, 1989; Eglander, 1997; Maia & Williams, 2005; Sani & Ribeiro, 2009; Selenius et al., 2011).

Ao nível das consequências adjuvantes da violência, a nossa população volta a tecer considerações coerentes com a literatura. Descreveram situações com prejuízos físicos e psicológicos predominantemente associados à vítima, atingindo diversas áreas da sua vida, principalmente a escolar, social e emocional. Foi muito frequente no discurso dos participantes, respeitante às consequências da violência, o decréscimo do rendimento e desempenho académico (Nansel et al., 2001; Carvalhosa et al., 2009; Matos et al., 2009), o isolamento social (Campbell et al., 2002; Paiva & Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008; Pereira, 2008; Barros et al., 2009) e emoções negativas suscitadas nas vítimas (Campbell et al., 2002; Coker et al., 2000; Paiva e Figueiredo, 2005; Ribeiro, 2008; Barros et al., 2009). A morte foi identificada como a consequência final, de última instância da violência (Krug et al., 2002; OMS, 2002; Fonseca & Veiga, 2007; Ribeiro & Sani, 2008; Sá et al., 2009; Almeida, 2011).

Consideramos que a prevenção refletida pelos participantes, pode ser repartida em primária e secundária. A primeira incide principalmente sobre a necessidade de haver mais controlo e monitorização dos comportamentos violentos na escola, o que poderia evitar já à partida a existência dessas ocorrências. Enquanto a secundária é identificada na relativamente elevada frequência de respostas sobre a necessidade de haver disponibilidade por parte dos agentes educativos e pais para a comunicação e auxílio na resolução de problemas relacionados com a violência.

As emoções predominantemente identificadas na vítima são o medo e a tristeza, no agressor salientamos o sentimento de superioridade e a satisfação na realização da agressão, enquanto no observador a resposta mais frequente foi o medo.

Todos os inquiridos mostraram crenças funcionais acerca da violência, e a grande maioria, com exceção de um participante revelou ter uma relação de proximidade com o fenómeno, fosse ela de carácter pessoal ou não, de qualquer forma para a maioria haviam indicadores de ser relativamente frequente. O que pode ir ao encontro de alguns autores que sugerem que a violência é um problema crescente de saúde pública (OMS, 2002; Pasinato, 2006; Burtea et al., 2008; Silva & Pereira, 2008; Lopes, Neto & Saavedra, 2003; Barros, Carvalho & Pereira, 2009). Embora a nossa amostra seja pequena, e não permita generalizações, pensamos que não deixa de ser significativo o valor da visibilidade do fenómeno na população referida e específica.

Gostaríamos de salientar que embora possam existir muitos estudos efetuados na área da violência, consideramos que continua a ser importante conhecer o fenómeno em profundidade. Considerámos ainda de alguma forma escasso, o trabalho incidente sobre a resiliência e a prevenção do fenómeno. Pelo que, achamos desejável haver mais estudos dedicados à aplicação de programas de prevenção da violência de carácter longitudinal.

A violência não escolhe vítimas, no sentido em que todas as pessoas estão de alguma forma permeáveis aos seus efeitos. Nós podemos sofrer diretamente a sua influência, ver situações reais ou através dos média, conhecer alguém que sofreu ou praticou abusos contra outrem. É essa realidade que nos assola, muitas vezes diariamente, que nós podemos conhecer e melhorar por intermédio da ciência. Tornar um fenómeno cognoscível, só fará sentido se posteriormente podermos devolver à sociedade os contributos e benefícios formados ou construídos. Neste sentido, é preciso continuar a conhecer a violência e os seus meandros, assim como as formas de contorná-lo, no nosso entender esta tarefa concretizar-se-á principalmente através da prevenção.

Este estudo teve como desafios o tempo definido para a sua realização, o qual sendo reduzido, exigiu um enorme esforço para a sua concretização, podendo ser a explicação de algumas falhas que o mesmo possa conter. Também foram sentidos aquando da análise das entrevistas, dada a subjetividade inerente às respostas, obtidas através da entrevista semiestruturada. A investigadora, contudo, tentou utilizar estratégias para minimizar essa subjetividade.

É um tema preocupante da sociedade atual, deixámos sobre ele algumas marcas de revisões da literatura, dados da investigação empírica e respetiva análise. Os resultados

obtidos revelam aspetos preocupantes ao nível da sua visibilidade e relativa frequência, a que qualquer cidadão não poderá ficar indiferente. Não esgotamos este assunto, pois muito mais haveria para analisar, assim, deixamos aqui algumas pistas que poderão servir para estudos futuros.

Seria interessante replicar este estudo em contextos socioculturais e geográficos diferentes do abordado neste estudo, para eventual comparação de resultados, como também, recolher e analisar os relatórios de trabalho dos grupos multidisciplinares que atualmente se debruçam sobre o tratamento dos aspetos cognitivos, afetivos e relacionais das vítimas de violência e respetivos agressores, ou, comparar formas de violência sobre vítimas institucionalizadas em diversos contextos socioeconómicos e geográficos. Seria também interessante replicar o estudo no mesmo contexto a fim de identificar participantes com crenças disfuncionais, e posteriormente realizar um projeto de intervenção com o objetivo de promover crenças mais adaptativas.

Referências Bibliográficas

- Abramovay, M. (2002). *Escola e Violência*. Brasília: UNESCO.
- Abramovay, M., Castro, M.G., Pinheiro, .C., Lima, F.S. & Martinelli, C.C. (2002). *Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas*. Brasil: UNESCO.
- Abramovay, M. & Rua, M.G. (2002). *Violência nas Escolas*. Brasília: UNESCO.
- Alexandre, D. (2006). *A importância do holding na reorganização afectivo-social de crianças que manifestam comportamento anti-social*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Almeida, L & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*.ed. 5. Braga: Psiquilibrios.
- Almeida, L. (2011). Feminismo, consciência de si e estratégias de resistência ao estado novo em portugal: a viagem de Maria Lamas ao encontro das trabalhadoras no livro “As Mulheres do meu País”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. ANPUH: São Paulo.
- Alves, J.F.C. (2009). *Experiências adversas na infância e comportamentos de risco para a saúde em mulheres reclusas*. Braga: Universidade do Minho.
- Anser, M.A.C., Joly, M.C.R. & Vendramini, C.M.M. (2003). Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor. *Psicologia: Teoria e Prática*, 5, 2, 67-81.
- Antunes, C., Sousa, M.C., Carvalho, A., Costa, M., Raimundo, F., Lemos, E., Cardoso, F., Gomes, F., Alhais, D., Rocha, A. & Andrade, A. (2006). Auto-estima e comportamentos de saúde e de risco no adolescente: efeitos diferenciais em alunos do 7º ao 10º ano. *Psicologia, saúde & doenças*, 7, 1, 117-123.
- Antunes, D. & Zuin, A. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*, 20, 1, 33-42.
- Araújo, E.D.S., Blankb, N. & Ramos, J.H. (2009). Comportamentos de risco à saúde de adolescentes do ensino médio. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, V. 22, N. 3, pp. 164-171.
- Araújo, L.F. & Filho, J.G.L. (2009). Análise Psicossocial da Violência contra Idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22, 1, 153-160.
- Arendt, H. (2006). *Sobre la violência*. Madrid: Alianza editorial.
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Company.
- Bandura, A., Ross, D. & Ross, S. (1963). Imitation of film mediated aggressive models. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 66, 3-11.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, P.C., Carvalho, J.E. & Pereira, M. B. (2009). Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. IX Congresso nacional da educação: III encontro sul brasileiro de psicopedagogia.
- Bartels, R. & Parsons, C. (2009). The Social Construction of a Serial Killer. *Feminism & Psychology* 19, 2.
- Benavente, R. (2001). Perturbação de comportamento na infância: Diagnóstico, etiologia, tratamento e propostas de investigação futura. *Análise Psicológica*, 2, XIX, 321-329.
- Berkowitz, L. (1993). *Agression: Its causes, consequences, and control*. McGraw-Hill Book Company: England.
- Bernardo, S.C. (2009). *Auto-percepções da capacidade de resiliência em jovens afro-portugueses residentes num bairro desfavorecido*. Braga: Instituto de estudos da criança da universidade do Minho.
- Bogdan & Biklen (1994). *Investigação qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora
- Brown, D.L. & Tylka, T.L. (2011). Racial Discrimination and Resilience in African American Young Adults: Examining Racial Socialization as a Moderator. *Journal of Black Psychology* 37, 3, 259-285. <http://jbp.sagepub.com/content/37/3/259>
- Burtea, V., Sangeorzan, L., Rogozea, L., Corneliu, M., Nedelcu, A. & Popescu, M. (2008). An empirical investigation of perceived violence in communication in six different university settings in Romania. *Proceedings of the 10th WSEAS International Conference on mathematical and computational methods in science and engineering*. Roménia: Transilvania University of Brasov.
- Caldeira, S.N., Veiga F.H., Pavlovic, Z., Misitu, G., Linares, J.J., Estevez, E., Jimenez, T., Jesuino, J.C., Santo, J.A., Freire, I. & Gaspar, J. (2011). *Intervir em situações de indisciplina, violência e conflito*. Lisboa: Fim de Século.
- Campbell, A., Muncer, S. & Gorman (1993). Sex and social representations of aggression: A communal-agentic analysis. *Aggressive Behavior*, v. 19, n.2, 125-135.

- Campbell J. (2002). Health consequences of intimate partner violence. *Lancet* 359(9314):1331-6.
- Canha, J. (2003). *Criança maltratada – o papel de uma pessoa de referência na sua recuperação, estudo prospectivo de 5 anos*. Coimbra, Quarteto Editora
- Caprichoso, D.R. (2010). *Percepção de crianças expostas à violência interparental*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Cardia, N. (2003). Homicídio e violação de direitos humanos em São Paulo. *Revista de Estudos Avançados, São Paulo, n.47*, 43-73.
- Caridade, S.M. (2008). *Violência nas relações de intimidade: Comportamentos e atitudes dos jovens*. Braga: Universidade do Minho.
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica, 4, XXIV*, 485-493.
- Carita, H. I. (2008). *Bullying em contexto escolar, participação como método preventivo numa comunidade com história quinta do Loureiro, Vale de Alcântara*. Lisboa: ISPA.
- Carmo & Ferreira (1998). *Metodologia da investigação – Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta
- Carneiro, D.F. (2006). Um olhar sobre os Açores e Ponta Delgada através de seus crimes e de sua justiça. *Topoi, v. 7, n. 12*, pp. 253-260.
- Carvalho, A., Rodrigues, V., Carvalho, G.S. & Gonçalves, A. (2007). Um olhar sobre os hábitos alimentares e de lazer de jovens adolescentes. “*Novas realidades, novas práticas : actas do Seminário International de Educação Física, Lazer e Saúde, 3, Braga, Portugal, 2007*”. Braga : Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2007.
- Carvalho, M.A.D. (2007). *Vinculação, Temperamento e Processamento da Informação: Implicações nas perturbações emocionais e comportamentais no início da adolescência*. Braga: Universidade do Minho.
- Carvalhosa, S., Moleiro, C. & Sales, C. (2009). A situação do *bullying* nas escolas portuguesas. *Inreacções, nº 13*, p 125-146.
- Castillo, J.A.G. & Cordeiro, A. (2009). Percepção do risco associado ao consumo de álcool, tabaco e drogas. *Health and Addictions / Salud y Drogas, V. 9, nº 1*, pp. 57-78.
- Cavalcante, F.G. & Goldson E. (2009). Análise da situação da pobreza e da violência entre crianças e jovens com deficiência nas Américas – uma proposta de agenda. *Ciência & Saúde Coletiva, 14, 1*, 7-20.

Cecconello, A.M. & Koller, S.H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, 5, 1, 71-93.

Costa, M., Carvalho, R., Santa, Santos, Gomes & Souza (2007). O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de conselhos tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. *Ciência Saúde Coletiva*, 12, 1129-41.

Cocco, M. Lopes, M.J.M. & Peretto, M. (2009). Violência e acidentes: concepções de jovens vítimas desses agravos. *Cienc e Cuid Saúde*, 8, 2, 228-235.

Coelho, P. (2006). *Maus tratos a crianças e adolescentes*. Centro de Estudos Multiculturais: Universidade Internacional.

Coie, D. & Dodge, K. (1998). *Handbook of child psychology*, 5th ed.: Vol 3. Social, emotional, and personality development, 779-862.

Conde, M.C.M. (2009). *Quando ver é tão penoso como sentir: Diferenças na percepção e nas estratégias de coping de testemunhas e vítimas de bullying no local de trabalho*. Instituto superior de ciências do trabalho e da empresa.

Costa, P. & Pereira, B. (2010). O bullying na escola: A prevalência e o sucesso escolar. In L. Almeida, B. Silva e S. Caires (Orgs.) *Actas do I Seminário Internacional «Contributos da Psicologia em Contexto Educativo»* (pp.1810-1821). CIED - Centro de Investigação em Educação. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho.

Couto, M.T., Schraiber, L.B., Oliveira, A.F.P.L. & Kiss, L.B. (2007). Concepções de gênero entre homens e mulheres de baixa renda e escolaridade acerca da violência contra a mulher, São Paulo, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1323-1332.

Cruzeiro, A.L., Souza, L.D., Silva, R.A., Pinheiro, R.T., Rocha, C.L. & Horta, B.L. (2010). Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15, 1, 1149-1158.

Debarbieux, E. & Blaya, C. (2002). *Violência nas Escolas e Políticas Públicas*. Brasília: UNESCO.

Dias, A.C. (2008). *Prevenção do consumo de álcool em jovens escolarizados de Cabeceiras de Basto: Um estudo efectuado com professores e com manuais escolares de Ciências Naturais*. Braga: Universidade do Minho.

Dias, M.J. (2009). Comportamentos, atitudes e valores dos alunos numa sociedade tolerante. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Diniz, N.M., Santos, M.F. & Lopes, R.L. (2007). Representações sociais da família e violência. *Rev Latino-am Enfermagem*, 15, 6.

Dowel, E.B., Burgess, A.W. & Cavanaugh, D.J. (2009). Clustering of internet risk behaviors in a middle school student population. *Journal of School Health*, V. 79, N. 11.

Downs, J.S., Murrayb, P.J., Bruina, W.B., Penrosec, J., Palmgrend, C. & Fischhoffa, B. (2004). Interactive video behavioral intervention to reduce adolescent females' STD risk: a randomized controlled trial. *Social Science & Medicine* 59, 1561–1572.

Doron, R.; Parot, F. (2001). Dicionário de psicologia. Tradução de Odilon Soares Leme. Lisboa: Climepsi Editores.

Drummond, H., Bolland, J.M. & Harris, W.A. (2011). Becoming Violent: Evaluating the Mediating Effect of Hopelessness on the Code of the Street Thesis. *Deviant Behavior*, 32, 3, 191-223.

Eiras, C.V.C. (2009). *Fenómeno bullying no contexto escolar*. WWW.Psicologia.pt.

Elliott, D.S. (1994). Youth Violence: An Overview. *Paper presented at The Aspen Institute's Children's Policy Forum "Children and Violence Conference" Queenstown, MD*. Institute of Behavioral Science, Regents of the University of Colorado, Center for the Study and Prevention of Violence, Institute of Behavioral Science, University of Colorado, Boulder.

Englander, E. (1997). *Understanding violence*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Estêvão, C.V. (2008). Educação, conflito e convivência democrática. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro*, v. 16, n. 61, p. 503-514.

Esteves, C.M. (2009). *Bullying: não há só uma vítima. Efeitos sobre vítima, testemunhas, stress, satisfação, desempenho e conciliação trabalho - família*. Instituto superior de ciências do trabalho e da empresa.

Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, SP: Verus.

Faria, E.O. & Braga, M.G.C. (1999). Propostas para minimizar os riscos de acidentes de trânsito envolvendo crianças e adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4, 1, 95-107.

Feijó, R.B. & Oliveira, E.A. (2001). Comportamento de risco na adolescência. *Jornal de Pediatria - V. 77, N.2*, 125-135.

Feldman, P. (1993). *The psychology of crime. A social science textbook*. Cambridge University press.

Fernández, I. (1998). *Prevención de la violencia y resolución de conflictos: el clima escolar como facto de calidad*. Madrid: Narcea s.a. de ediciones.

Fernández, A. (2011). Violencia y discriminación psico-social y lingüística "Qué hubiese sucedido si en vez de ser tres reyes magos hubiesen sido tres reinas magas?". *Espacio Abierto*, 409-426.

Ferreira, A.L., Gonçalves, H.S., Marques, M.J.V. & Moraes, S.R.S. (1999). A prevenção da violência contra a criança na experiência do Ambulatório de Atendimento à Família: entraves e possibilidades de atuação. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4, 1, 123-130.

Ferreira, E.M.S. (2006). *Bullying em contexto escolar: narrativas e significados em adolescentes e pré-adolescentes*. Porto.

Ferreira, J.M., Cysne, S.S., Pires, L.B., Medeiros, L.A., Valença, A.M. (2007). Maus-tratos infantis: estudo nos conselhos tutelares do município de João Pessoa no período de 2004 a 2005. *Revista de Odontologia da UNESP*, 36, 3, 237-241.

Filho, P.G., Santana, J.S., Pegoraro, O. & Rodrigues, B.M. (2009). Violência infanto-juvenil e seus aspectos éticos: novos desafios na contemporaneidade. *Revista Bioethikos-Centro Universitário São Camilo*, 3, 2, 256-264.

Fischer, D. & Guimarães, L.M. (2002). Percepção de risco e perigo: um estudo qualitativo. In: *Congresso Brasileiro de Ergonomia da Abergó: Recife*.

Flores, R.Z. (2002). A biologia na violência. *Ciências & saúde coletiva*, 7 (1), 197-202.

Fonseca, I. & Veiga, F.H. (2007). Violência escolar e bullying em países europeus. In A. Barca, M. Peralbo, A. Porto, B. Duarte da Silva & L. Almeida (Eds.), *Libro de Actas do IX Congresso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía* (pp. 107-118). A. Coruña, Universidad da Coruña: *Revista Galego Portuguesa de Psicología e Educación*.

Fonseca, A., Simões, T. & Formosinho, M. (2000). Retenção escolar precoce e comportamentos anti-sociais. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 323-340.

Fox, J., White, P.J., Macdonald, N., Weber, J., McClure, M., Fidler, S. & Ward, H. (2009). Reductions in HIV transmission risk behaviour following diagnosis of primary HIV infection: a cohort of high-risk men who have sex with men. *HIV Medicine*, 10, 432-438.

Furlani, D. D. & Bomfim, Z. A. C. (2010). Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. *Psicologia & Sociedade*, 22, 1, 50-59.

Garbarino, J. (2009). Por que os adolescentes são violentos?. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, 2, 533-538.

Garcia, I. (2001). Vulnerabilidade e resiliência. *Adolescência Latinoamericana* 1414-7130, 2, 128-130.

Giglione, R., & Matalon, B. (1993). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.

Gomes, R., Junqueira, M.F., Silva, C.O. & Junger, W.J. (2002). A abordagem dos maus-tratos contra a criança e o adolescente em uma unidade pública de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7, 2, 275-283.

Gonçalves, R.A. & Vieira, S. (2004). A avaliação do risco de violência sexual. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 2, 065-080.

Gonçalves, R.A. & Vieira, S. (2005). A avaliação do estilo de vida criminal em ofensores sexuais. *Psicologia: teoria, investigação e prática*, 2, 081-092.

Gouveia, S.J. (2011). *Bullying escolar: os observadores e o seu papel supremo no término deste fenómeno*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Guimarães, S.P. & Campos, P.H. (2007). Norma Social Violenta: Um Estudo da Representação Social da Violência em Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20, 2, 188-196.

Hishinuma, E.S., Chang, J.Y. & Soli, F.M. (2012). Community Perceptions of Safety in Relation to Perceived Youth Violence-Delinquency in a Primarily Native Hawaiian and Asian American Community in Hawai'i. *J Community Health*, 37, 123–136.

Hudghes, H. & Graham-Bermann (2001). Intervention for Children Exposed to Interparental Violence (IPV): Assessment of Needs and Research Priorities. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 6, 3, 189-204.

Hunt, G.P. & Laidler, K.J. (2001). Alcohol and Violence in the Lives of Gang Members. *Alcohol Research & Health*, V. 25, N. 1.

Hutz, C.S. & Silva, D.F.M. (2002). Avaliação Psicológica com Crianças e Adolescentes em Situação de Risco. *Avaliação Psicológica*, 1, pp. 73-79.

Izard, C.E. (2010). The many meanings/aspects of emotion: definitions, functions, activation, and regulation. *Emotion Review*, V. 2, N. 4, 363–370. <http://emr.sagepub.com/content/2/4/363>.

Júnior, E.F. (2008). Comportamentos de risco para a saúde na adolescência. *Caderno temático*.

Katz, C.M. & Fox, A.M. (2010). Risk and protective factors associated with gang-involved youth in Trinidad and Tobago. *Rev Panam Salud Publica*, 27(3):187–202.

Kruel, L.R. (2010). *Avaliar os efeitos da psicoterapia ultra-breve no transtorno d estresse agudo e no transtorno estresse pós-traumático*. Porto-Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Krug, E., Dahlberg, L., Mercy, J., Zwi. A., Lozano. R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: WHO.

Kumar, M. (2010). Poverty and Culture of Daily Life. *Psychology and Developing Societies* 22, 2, 331–359.

Laing, L. (2000). *Children, young people and domestic violence*. Australia: Australian Domestic & Family Violence: Clearinghouse.

Leão, L.G.R. (2010). O Fenômeno bullying no ambiente escolar. *Revista FACEVV, Vila Velha, N. 4*, p. 119-135.

Leymann, H. (1990). Mobbing and psychological terror at workplaces. *Violence and Victims*, v. 5, p. 119-26.

Leymann, H. and Gustafsson, A. (1996). Mobbing at work and the development of post-traumatic stress disorders. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, v. 5, p. 251-76.

Lima, L.A. (2006). *Os Maus-tratos infantis*. Lisboa: Centro de Estudos Multiculturais.

Lima, M.A.D.S., Ruckert, T.R., Santos, J.L.G., Calomé, I.C.S. & Acosta, A.M. (2009). Atendimento aos usuários em situação de violência: concepções de profissionais de unidades básicas de saúde. *Rev Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre RS, 30, 4, 625- 32.

Lima, R.W. (2010). Modernidades, marginalização e violência: estratégias de sobrevivência e afirmação dos jovens em Cabo Verde e Guiné-Bissau. Thugs: Vítimas e/ou Agentes da Violência?. *7.º Congresso Ibérico de Estudos Africanos CEPEA*, Lisboa, Universidade de Santiago.

Lobato. V.S. & Placco, V.M. (2007). Concepções de professores sobre questões relacionadas à violência na escola. *Psicologia da Educação*, 24, 1, 73-90. São Paulo.

Lopes, A. N. (2005). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81, 5, S164-S172.

Lopes Neto, A. & Saavedra, L. (2003). *Diga não para o bullying – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro: ABRAPIA.

Lorenzi, D.R., Pontalti, L. & Flech, R.M. (2001). Maus tratos na infância e adolescência: Análise de 100 casos. *Rev. Cient. AMECS*, 10, 1, 47 – 52.

Loureiro, A.C. & Queiroz, S.S. (2005). A Concepção de Violência Segundo Atores do Cotidiano de Uma Escola Particular – Uma Análise Psicológica. *Psicologia Ciência e Profissão*, 25, 4, 546-557.

Machado, C. & Gonçalves, R.A. (2008). *Violência e vítimas de crimes, volume 2: crianças*. Quarteto.

Machado, C., Gonçalves, M. & Matos, M. (2003). *E. C. P. F. - Escala de crenças sobre punição física*. In M. Gonçalves, M. Simões, L. Almeida & C. Machado (Coords.), *Avaliação psicológica. Instrumentos validados para a população portuguesa. Vol. I* (pp.81-98). Coimbra: Quarteto.

Machado, C., Gonçalves, M. & Vila-Lobos, A. (2002). Crianças expostas a múltiplas formas de violência. In Machado, C. & Gonçalves, R. A. (Coords.), *Violência e vítimas de crimes. Vol II: Crianças* (pp. 133-168). Coimbra: Quarteto.

Machado, C., Matos, M., & Gonçalves, M. (2004). Práticas educativas parentais e violência: Um estudo na região Norte. *Actas do V Congresso Português de Sociologia - Sociedades Contemporâneas - Reflexividade e Acção* (pp.37-43). Universidade do Minho: Braga.

Machado, C., Matos, M., & Gonçalves, M. (2007). *Manual da escala de crenças sobre punição física (E.C.P.F.) e do inventário de práticas educativas parentais (I.P.E.)*. Braga: Psiquilíbrios Edições.

Machado, C., Silva, M., Sousela, L., Gonçalves, M. & Matos, M. (2004). Factores de risco nos maus tratos à criança: A legitimação social da violência. In *Actas do I Encontro Nacional sobre Maus-Tratos, Negligência e Risco na Infância e na Adolescência*.

Magalhães, T. (2005). *Maus tratos em crianças e jovens*. Quarteto.

Maia, A. (2006). Trauma, PTSD e saúde. In P.J Costa, C.M. Lopes Pires, J. Veloso e CTL Pires (Orgs.) *Stresse Pós-Traumático – Modelos, Abordagens & Práticas*, pp. 21-33). Leiria: Editorial Diferença e ADFA.

Maia, A.C. (2007). *Factores predictores de PTSP e critérios de Selecção em Profissionais de Actuação na Crise*. In L. Sales, *Psiquiatria da Catástrofe*. Almedina. Coimbra. Pp 263-276.

Maia, A.C. (2008). *Saúde e Adolescência - Hábitos e Comportamentos dos adolescentes que frequentam clínica privada no concelho do Barreiro*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

Maia, A. & Fernandes, E. (2003). Epidemiologia da perturbação pós- stress traumático e avaliação da resposta ao trauma. In M.G. Pereira & M. Ferreira (Eds). *Stress Traumático*. Lisboa. Climepsi Editores.

Maia, A.C. & Seabra, A. (2007). Experiências adversas, comportamentos de risco, queixas de saúde e preocupações modernas de saúde em universitários: uma comparação entre diferentes licenciaturas. *Psicologia, saúde & doenças*, 8, 2, 167-180.

Maia, A., Guimarães, C., Magalhães, E., Capitão, L., Campos, M. & Capela, S. (2006). Experiências adversas e funcionamento actual: um estudo com jovens portugueses. *Actas do VI Congresso Nacional de Investigação em Psicologia Vol XII*. Associação Portuguesa de Psicologia, Portugal, p.54-73.

Maia, J. & Williams, L. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas Psicologia*, v.13, n.2.

Margolin, G. (2005). Children's Exposure to Violence: Exploring Developmental Pathways to Diverse Outcomes. *Journal of Interpersonal Violence*.

Marques, F.J.A. (2009). *Vinculação e bullying: estudo comparativo de crianças e adolescentes institucionalizadas e não institucionalizadas*. Porto

Martinelli, M. (1999). *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras.

Martins, D.D. (2009). *O impacto da violência familiar na saúde de crianças e jovens adolescentes*. Braga: Universidade do Minho.

Martins, M.J.D. (2005). Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empírico. *Análise Psicológica*, 4 (XXIII), 401-425.

Martins, P.C.M. (2004). Protecção de crianças e jovens em itinerário de risco representações sociais, modos e espaços. Braga: Instituto de estudos da criança da Universidade do Minho.

Matos, M.G. & Carvalhosa, S.F. (2001). Violência na escola: vítimas, provocadores e outros. *Faculdade de motricidade humana* 2, 1.

Matos, M.G., Simões, C., Gaspar, T. & Equipa do Projecto Aventura Social (2009). Violência entre pares no contexto escolar em Portugal, nos últimos 10 anos. *Interações*, N. 13, PP. 98-124. <http://www.eses.pt/interaccoes>.

Mello, M.F., Faria, A.A., Mello, A.F., Carpenter, L.L., Tyrka, A.R. & Price, L.H. (2009). Maus-tratos na infância e psicopatologia no adulto: caminhos para a disfunção do eixo hipotálamo-pituitária-adrenal. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31, S41-8.

Mendes, D. D., Mari, J.J., Singer, M., Barros, G.M. & Melo, A.F., (2009). Estudo de revisão dos factores biológicos, sociais, e ambientais associados ao comportamento agressivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31, 77-85.

Mendonça, L., Maia, A. & Ribeiro, F. (2007). Experiências de cuidado vividas na infância e comportamentos de risco para a saúde. In actas do congresso família, saúde e doença, 2, Universidade do Minho: Braga.

Minayo, M. (2005). Violência: um velho-novo desafio para a atenção à saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 29, 1, 55-63.

Ministério da Saúde. (2005). Norma técnica: Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes. Brasília.

Ministério da Saúde (2006). Detecção e Prevenção de maus-tratos na infância no marco da Atenção Integrada às Doenças Prevalentes da Infância, AIDPI. Brasil.

Montana Office of Public Instruction (2005). *Montana youth risk behavior survey report for Montana high schools statewide analysis of selected behavior risk factors*. Montana.

Monteiro, A. & Gomes, M.J. (2009). Comportamentos de risco na internet por parte de jovens portugueses: um estudo exploratório. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho.

Nascimento, A. (2009). *Intimidações na adolescência na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

Nascimento, E.F., Gomes, R. & Rebello, L.E. (2009). Violência é coisa de homem? A “naturalização” da violência nas falas de homens jovens. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, 4, 1151-1157.

Nunes, C.B., Sarti, C.A. & Ohara, C.V.S. (2008). Concepções de profissionais de saúde sobre a violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente. *Rev Latino-am Enfermagem*, 16, 1. www.eerp.usp.br/rlae.

Observatório segue violência nas escolas. *Açoriano Oriental*. 29 Abril, 2012. <http://m.acorianooriental.pt/mobile/noticia/225848>.

O'Leary, K. D. (2001). Psychological abuse: a variable deserving critical attention in domestic violence. In: K. D, O'Leary & R. D., Maiuro. *Psychological abuse in violent domestic relations* (pp. 03-28). New York: Springer Publishing Company.

Oliveira, D.C. & Souza, L. (2006). Gênero e violência conjugal: concepções de psicólogos. *Estudo e Pesquisas em Psicologia*, 6, 2.

Oliveira, J.B., Lima, M.C.P., Simão, M.O., Cavariani, M.B., Tucci, A.M. & Kerr-Corrêa, F. (2009). Violência entre parceiros íntimos e álcool: prevalência e fatores associados. *Revista Panamá Salud Publica*, 26(6), 494–501.

Olweus, D. (1978). *Agression in the school: Bullies and Whipping boys*. Washington, D.C: Hemisphere.

Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Oxford e Cambridge: Blackwell.

Olweus, D. (1994). Annotation: Bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. *Journal os Psychology and Psychiatry*, 43, 7, 1171-1190.

Olweus, D. (1998). *Conduitas de acoso y amenaza entre escolares*. 2ªedición. Ediciones Morata: Madrid.

O'Moore, A. (1995). Bullying Behaviour in Children and Adolescents in Ireland. *Children & Society*, 9, 2, 54-72.

Ortega, R. (1994). Violencia interpersonal em los centros educativos de enseñanza secundária. Um estúdio sobre el maltrato y la intimidación entre compañeros. *Revista de Educación*, n.304, 55-67.

Parker, A.M., Bruin, W.B. & Fischhoff, B. (2007). Maximizers versus satisficers: Decision-making styles, competence, and outcomes. *Judgment and Decision Making*, V. 2, N. 6, pp. 342-350.

Paiva, C. & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto de relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde e Doenças*, IV, 002, 165-184.

Paiva, C. & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, Vol. 5, n° 2 243-272.

Paiva, C. & Figueiredo, B. (2006). Factores de risco de abuso no relacionamento íntimo: estudo de validação da versão portuguesa do questionário "Personal and Relationships Profile". *Psychologica*, 42185-212.

Pascolat, G. & Colaboradores (2001). Abuso físico: o perfil do agressor e da criança vitimizada. *Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro*, v. 77, n. 1, p. 35-40.

Pasinato, M., Camarano, A. & Machado, L. (2006). *Idosos vítimas de maus-tratos domésticos: estudo exploratório das informações levantadas nos serviços de denúncia*. Governo Federal, Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão.

Pavarino, M., Del Prette, A. & Del Prette, Z. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, 36, 2, 127-134.

Peluso, E.T.P. & Blay, S.L. (2008). A percepção popular sobre a dependência alcoólica. *Revista Brasileira Psiquiátrica*, 30, 1, 19-24.

Pereira, B., Silva, M.I. & Nunes, B. (2009). Descrever o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Revista Diálogo e Educação, Curitiba*, v. 9, n. 28, p. 455-466.

Pereira, P.C. & Williams, L.C.A. (2008). A concepção de educadores sobre violência doméstica e desempenho escolar. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, V. 12, N. 1, 139-152.

Peres, E.L. (2001). Concepções e práticas dos conselheiros tutelares acerca da violência doméstica contra criança e adolescentes: um estudo sobre o caso de Curitiba. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.

Perkins, H.W., Craig, D.W., Perkins, J.M. (2011). Using social norms to reduce bullying: A research intervention among adolescents in five middle schools. *Group Processes & Intergroup Relations*, 14, 5, 703–722.

Pesce, R.P., Assis, S.G., Santos, N. & Oliveira, R.V.C. (2004). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia.: Teoria e Pesquisa* v.20, n.2.

Pimentão, C. (2008). Análise do comportamento de risco ao volante de jovens condutores com base na teoria do comportamento planejado de Ajzen. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa*, 5, 204 - 217.

Pinheiro, P.S. (1997). Violência, crime e sistemas policiais em países de novas democracias. *Tempo social: Rev de sociologia*, 9 (1), 43-52.

Pires, A.L. & Miyazaki, M.C. (2005). Maus-tratos contra crianças e adolescentes: revisão da literatura para profissionais da saúde. *Arq Ciênc Saúde*, 12, 1, 42-9.

Prinstein, M.J., Boergers, J. & Spirito, A. (2001). Adolescents and their friends health risk behavior: factors that alter or add to peer influence. *Journal of pediatric psychology*, v. 26, n. 5, 287-298.

Poncela, A.M. (2011). Violencia y discriminación psico-social y lingüística “¿Qué hubiese sucedido si en vez de ser tres reyes magos hubiesen sido tres reinas magas?”. *Espacio abierto*, v. 20, n. 3, 409 – 426.

Quental, C. & Veiga, F. (2010). Maltrato entre alunos do ensino básico: Análise em função do rendimento e da interrupção escolar. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Raimundo, R. & Seixas, S. (2009). Comportamentos de bullying no 1º ciclo: estudo de caso numa escola de Lisboa. *Revista Interações*, n.13, 164-186.

Ramírez, F.C. (2001). Variables de personalidad asociadas en la dinámica bullying (agresores versus víctimas) en niños y niñas de 10 a 15 años. *Anales de psicología*, v. 17, nº 1, 37-43.

Ramírez, M. (2007). Televisión y violencia. *Revista Latinoamericana de Psicología*, v. 39, n. 2, 327-349.

Ramírez, S. & Garcias, F. (2005). Violência en los dibujos animados de ayer y hoy. *Revistas Científicas de America Latina y el Caribe, España y Portugal*, nº025.

Ramos, F.P. & Novo, H.A. (2003). Mídia, violência e alteridade: um estudo de caso. *Estudos de Psicologia*, 8, 3, 491-497.

Rae-Grant, N., Thomas, B. H., Offord, D. R. & Boyle, M. H. (1989). Risk, protective factors, and the prevalence of behavioral and emotional disorders in children and adolescents. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 28(2), 262-268.

Ribeiro, A. (2007). O bullying em contexto escolar estudo de caso. Porto: Universidade Portucalense.

Ribeiro, J. C. A. & Chaveiro, E.F. (2007). Violência urbana, espaço urbano e subjetividade: uma leitura geográfica da violência urbana cotidiana. 3th ed. *Revista Mirante*, v. 1, n. 2, p. 1-17.

Ribeiro, M.C. & Sani, A.I. (2009a). Modelos explicativos da agressão: revisão teórica. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa*, 6, 96-104.

Ribeiro, M.C. & Sani, A.I. (2009b). Risco, protecção e resiliência em situações de violência. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*, 6, 400-407. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Ribeiro, M.C. & Sani, A.I. (2008). As crenças de adolescentes sobre a violência interpessoal. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 176-186. Porto.

Ripar, A.A., Evangelista, F.S.F.Q. & Paula, F.V. (2008). Resiliência e gênero. *Psicólogo inFormação ano 12, n. 12*.

Rodrigues, A.P. (2010). *Agressividade em crianças – um estudo em contexto pré-escolar*. Braga: Universidade do Minho.

Rodrigues, V., Carvalho, A., Gonçalves, A. e Carvalho, G.S. (2007). Situações de Risco para a Saúde de Jovens Adolescentes. Actas do encontro de investigação, 3, “Perspectivar a Investigação em Saúde”, p. 65-71. Vila Real: Escola Superior de Educação da UTAD.

- Romer, D. (2003). *Reducing Adolescent Risk: toward an integrated approach*. Sage Publication: London.
- Ruback, R. & Thompson, M. (2001). *Social and psychological consequences of violent victimization*. Sage publications: U.S.A.
- Ruiz, J.E., Neto, J.B., Schoedi, A.F. & Mello, M.F. (2007). Psiconeuroendocrinologia do transtorno de estresse pós-traumático. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 29, n. 1, S7-12.
- Saavedra, R.M.M. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis*. Braga: Universidade do Minho.
- Sá, D.G.F., Curto, B.M., Bordin, I.A.S. & Paula, C.S. (2009). Exposição à violência como risco para o surgimento ou a continuidade de comportamento antissocial em adolescentes da região metropolitana de São Paulo. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11, 1, 179-188.
- Sabotta, E. & Davis, R. (1992). Fatality after report to a child abuse registry in Washington State, 1973-1986. *Child Abuse and Neglect*, 16, 627 - 635 .
- Sanches, S.M. & Rubio, K. (2010). Reflexões sobre o conceito de resiliência: superando adversidades no contexto esportivo. *Polêm!ca*, v. 9, n. 2, p. 92 – 98.
- Sani, A.I.M. (2003). *As crenças, o discurso e a acção: as construções de crianças expostas à violência interparental*. Braga: Universidade do Minho.
- Sani, A.I. (2004). Abordagens teóricas da violência interparental: compreensão do ajustamento da criança ao conflito dos pais. *Psicologia, teoria, investigação e prática*, 2, 153-177.
- Sani, A.I. (2006). Vitimização indirecta de crianças em contexto familiar. *Análise social*, v. XII, 180, 849-864.
- Sant'anna, M.K. (2008). *Impacto do abuso sexual em crianças: desempenho cognitivo e níveis de BDNF*. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Santos, M. (2004). Violência(s) na escola. *Psychologica*, 36, 163-174.
- Santos, M.F., Aléssio, R.L. & Silva, J.M. (2009). Os Adolescentes e a Violência na Imprensa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, V. 25 n. 3, 447-452.
- Sapienza, G. & Pedromônico, M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, v. 10, n. 2, p. 209-216.
- Scherer1, Z. & Scherer, E. (2009). Concepções e vivências de mulheres encarceradas sobre a violência. *Cogitare Enferm*, 14, 3, 435-40.

Sebastião, J., Alves, M.G. & Campos, J. (2003). Violência na escola: das políticas aos quotidianos. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 41, pp. 37-62.

Seixas, S. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, v. 23, n.2, 97-110.

Sena, C.A. & Colares, V. (2008). Comportamentos de risco para a saúde entre adolescentes em conflito com a lei. *Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro*, 24, 10, 2314-2322.

Shaw, M. (2005). Youth and Gun Violence: The Outstanding Case for Prevention. International Centre for the Prevention of Crime.

Silva, M. & Pereira B. (2008). A violência como fator de vulnerabilidade da ótica de adolescentes escolares. *Educação para a Saúde no Século XXI: Teorias, Modelos e Práticas*. ISBN: 978-989-95539-3-4.

Silva, P.A. (2009 a). *Agressividade e representações sobre a violência em jovens institucionalizados*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Silva, S.C. (2009 b). *Famílias de risco, Crianças de risco? Representações das crianças acerca da família e do risco*. Braga: Universidade do Minho.

Simões, C., Matos, M.G., Ferreira, M. & Tomé, G. (2008). Risco e resiliência em adolescentes com necessidades educativas especiais: desenvolvimento de um programa de promoção da resiliência na adolescência. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11, 1, 101-119.

Souza ER (2001). Quando viver é o grande risco-aventura. *Cadernos de Saúde Pública* 17, 6, 1291-1292.

Souza, A., Florio, A. & Kawamoto, E. (2001). *O neonato a criança e o adolescente*. São Paulo: EPU.

Souza, L.V. & Ristum, M. (2005). Relatos de violência, concepções de violência e práticas escolares de professoras: em busca de relações. *Paidéia*, 15, 32, 377-385.

Souza, S.B. (2011). *Cyberbullying: Estudo exploratório sobre as perspectivas acerca do fenómeno e das estratégias de enfrentamento com jovens universitários portugueses*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Souza, E.R., Ribeiro, A.P., Penna, L.H., Ferreira, A.L., Santos, N.C. & Tavares, C.M. (2009). O tema violência intrafamiliar na concepção dos formadores dos profissionais de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, 5, 1709-1719.

Sposito, M.P. & Galvão, I. (2004). A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *PERSPECTIVA, Florianópolis*, v. 22, n. 02, p. 345-380.

Taliaferro, L., Rienzo, B.A. & Donovan, K.A. (2010). Relationships between youth sport participation and selected health risk behaviors from 1999 to 2007. *Journal of School Health*, V. 80, N. 8., 399-410.

Taquette, S.R., Ruzany, M.L., Meirelles, Z. & Ricardo, I. (2003). Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. *Cad. Saúde Pública*, 19(5), 1437-1444.

Tavares, B.F., Béria, J.H. & Lima, M.S. (2004). Fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes escolares. *Revista de saúde pública*, 38, 6, 787-796.

Tavares, M.P. (2010). *Adolescentes com comportamento violento: mito ou realidade?*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Teixeira, S.R. (2008). *Os maus tratos entre pares: um estudo das percepções sociais de alunos no 2.º e 3.º ciclos do ensino básico*. Braga: Universidade do Minho.

Unicef. Para todas as crianças: saúde, educação, igualdade, protecção. <http://www.unicef.icdc.org/presscentre/indexNewsroom.html>.

Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A.S. Silva & J.M.Pinto (Org.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.

Veiga, F. (2011). Avaliação do bullying e da disrupção escolar: escalas em estudos portugueses com adolescentes. *Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica, XV Conferencia Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, Universidade Lisboa, Portugal. <http://hdl.handle.net/10451/5329>.

Ventura, J.A. (2010). *Um contributo para o projecto de educação para a saúde: “com inteligência não há à violência”*: Um estudo de caso avaliativo. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Venturini, F.P., Bazon, M.R. & Biasoli-Alves, Z.M.M. (2004). Família e violência na ótica de crianças e adolescentes vitimizados. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, 4, 1.

Werner, E. E. (1998). Protective factors and individual resilience. In: S. J., Meisels, J., & P. Shonkoff (Orgs). *Handbook of Early Childhood Intervention*. Nova York: Cambridge University Press.

Yunes, M.A. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em estudo*, 8.

ANEXOS

Anexo I – Termo de Consentimento Informado

Designação do Estudo: O estudo a realizar é na área da Psicologia, o seu objectivo é conhecer as crenças ou concepções dos jovens acerca da violência. Para o efeito, será realizada uma entrevista e um questionário validado e aferido para a população portuguesa, como forma de melhor perceber o que eles pensam sobre o fenómeno. A investigação terá a duração de uma hora ou duas, no máximo, será realizada dentro do horário escolar, sem comprometimento das actividades lectivas. Não acarreta consequências ou efeitos negativos de qualquer ordem.

Declaração de Consentimento Informado

Eu, abaixo-assinado _____ (nome completo do representante legal do indivíduo Participante do estudo), na qualidade de representante legal de _____ (nome completo do indivíduo participante no estudo):

Fui informado de que o Estudo de Investigação acima mencionado se destina a **estudar as concepções dos adolescentes acerca da violência.**

Sei que neste estudo está prevista a realização de **pelo menos 2 entrevistas, cada uma com a duração de pelo menos uma hora**, tendo-me sido explicado em que consistem e quais os seus possíveis efeitos.

Foi-me garantido que todos os dados relativos à identificação dos Participantes neste estudo são confidenciais e que será mantido o anonimato.

Sei que posso recusar-me a autorizar a participação, ou interromper a qualquer momento a participação no estudo, sem nenhum tipo de penalização por este facto.

Compreendi a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e as minhas dúvidas foram esclarecidas.

Autorizo de livre vontade a participação daquele que legalmente represento no estudo acima mencionado.

Também autorizo a divulgação dos resultados obtidos no meio científico, garantindo o anonimato.

Maria Carolina de Oliveira Pacheco (Psicóloga Clínica e da Saúde)

Contacto telefónico:

Data

Assinatura

___/___/___

Anexo II – Questionário Sociodemográfico

Instruções: Primeiro, pedia-te que preenchesse o quadro com os teus dados pessoais, do qual não consta o nome, o que significa que estás a preencher um documento anónimo.

Nome:

Sexo:

Idade:

Ano de escolaridade:

Área de Residência:

Profissão do pai:

Profissão da Mãe:

Habilitações literárias do pai:

Habilitações literárias da mãe:

Vive com quem?

Fora das atividades escolares costumás ajudar os teus pais em alguma atividade?

O rendimento mensal dos meus pais é:

- 1) Baixo
- 2) Médio-baixo
- 3) Médio
- 4) Médio-alto
- 5) Alto

Anexo III – Escala de Crenças da Criança sobre a Violência

A seguir está uma lista de pensamentos que algumas crianças e jovens dizem ter sobre situações de violência, isto é, aquelas situações em que existe uma ou mais pessoas que tratam mal alguém ou magoam outras pessoas. Lê cada frase com atenção e faz um círculo à volta do número que na tua opinião melhor descreve aquilo em que acreditas. Não existem respostas certas ou erradas, porque cada pessoa pensa de maneira diferente das outras. Tenta responder a todas as questões, optando só por uma das hipóteses que te apresentamos.

(1) Não concordo; (2) Concordo pouco; (3) Concordo; (4) Concordo muito

1	Para uma pessoa magoar outra tem que haver um motivo.	1	2	3	4
2	Quando se bate em alguém é porque essa pessoa fez algo errado.	1	2	3	4
3	A violência tem a ver com o querer exercer controlo.	1	2	3	4
4	As pessoas da família (ex: pais) têm direito de bater ou tratar mal.	1	2	3	4
5	É porque se confia nas pessoas que estas abusam ou magoam outras.	1	2	3	4
6	A violência deve ser uma preocupação somente para quem é violento.	1	2	3	4
7	Só controla a violência quem a exerce, os outros nada podem fazer.	1	2	3	4
8	As pessoas violentas são doentes da cabeça e não sabem o que fazem.	1	2	3	4
9	O álcool é responsável pela violência das pessoas.	1	2	3	4
10	Quem se droga não tem culpa de ser violento	1	2	3	4
11	A violência entre dois adultos é normal e aceitável.	1	2	3	4
12	Um adulto (e x: pai, professor) tem direito a magoar uma criança para a educar.	1	2	3	4
13	A violência entre crianças não passa de brincadeira.	1	2	3	4
14	Só conseguimos lidar com a violência se formos violentos também.	1	2	3	4
15	A violência está ligada a relacionamentos pouco afetivos entre as pessoas.	1	2	3	4
16	A violência sobre as pessoas é sobretudo cometida por estranhos.	1	2	3	4
17	Um pai ou uma mãe têm direito a tratar mal o seu filho, porque eles é que mandam em casa.	1	2	3	4
18	Quem cuida (ex: pais) têm todo o direito de bater.	1	2	3	4
19	Quando a violência ocorre em casa é dentro de casa que tem que ser resolvida. Ninguém deve meter-se.	1	2	3	4
20	Só quando a violência ocorre na rua ou noutros sítios públicos devemos metermo-nos para acabar com a situação.	1	2	3	4
21	A violência não pode ser controlada.	1	2	3	4
22	As pessoas que são maltratadas e não pedem ajuda é porque não se importam de apanhar.	1	2	3	4
23	É mais grave uma mulher bater num homem do que um homem bater numa mulher.	1	2	3	4
24	É mais grave uma criança bater num adulto do que um adulto bater numa criança.	1	2	3	4
25	As mulheres têm direitos diferentes dos homens e por isso mais vale aguentar a violência.	1	2	3	4
26	As crianças têm direitos diferentes dos adultos e por isso mais vale não contar que são maltratadas.	1	2	3	4

27	A violência é algo que se aprende.	1	2	3	4
28	A violência é um método para tentar resolver um problema.	1	2	3	4
29	Os homens têm mais direito de bater nos outros do que as mulheres.	1	2	3	4
30	Quando os pais batem nos filhos é para eles se corrigirem.	1	2	3	4
31	As pessoas merecem apanhar para aprenderem.	1	2	3	4
32	A violência tem a ver com poder ou desigualdade.	1	2	3	4

Anexo IV – Guião da Entrevista

Vamos falar sobre violência, estou a fazer uma tese de mestrado e o meu objetivo é compreender quais são as conceções dos adolescentes acerca da violência, o que eles pensam acerca disto. Sabes o que significa, violência?

Então, vou fazer-te umas perguntas para saber o que pensas sobre isto, está bem? É importante perceberes que aqui não há respostas certas nem erradas. Só tens de ser o máximo possível sincero e responder da forma mais completa que souberes.

Estás preparado?

Para começar, quero que me digas o que é para ti a violência. Podes dar exemplos de situações de violência, todos os que te lembrares.

Consegues pensar em mais algum?

O que achas que contribui para o surgimento dessas situações, ou, o que faz com que elas aconteçam?

Quando essas situações acontecem, o que achas que acontece a seguir?

(Se tiver dificuldades em responder, pedir que se foque nos exemplos dados por ele)

Escolhe uma das situações exemplo, e diz o que sentem estas pessoas.

O que achas que ajuda a evitar/prevenir estas situações?

ANEXO V - Sistema de Categorias

Dimensão – Concepções de Adolescentes relativas à Violência

Categorias	Subcategorias	Subsubcategorias	Unidades de Texto
1. Definição de Violência	1.1 Terminologia Geral	1.1.1 Definição	P1 “a violência não é só bater (...) a verbal é pior” P2 “há diferentes tipos de violência” “são atos inapropriados” P3 “um ato físico ou psicológico” “há algo que influencia (...) a pessoa a cometer erros graves” P4 “atos não próprios” “desentendimentos” “uma complicação” P5 “agredir” P6 “é um problema atual” “há a física, há a verbal, a psicológica” P7 “a violência pode não ser apenas física, mas também quando estamos a insultar” P8 “a violência é física ou mental”
		1.1.2 Atribuições de Valor	P1 “não é justo” P4 “não deviam acontecer” P5 “isso não está certo, ninguém tem direito de fazer isso” P6 “é uma coisa que não devia acontecer” P7 “não sou a favor da violência (...) não resolve nada, antes falar” “é perigoso”
		1.1.3 Direção	P1 “as pessoas são violentas mesmo com o seu próprio corpo” P2 “com alguém (...) contra animais” P3 “a alguém” P4 “entre duas pessoas” P5 “alguém” P6 “um dar no outro” P7 Contra uma pessoa “andam com facas (...) armas” P8 “uma pessoa chega ao pé da outra e diz eu vou-te bater”
	1.2 Tipologia da violência	1.2.1 Violência Física	P1 “Bater, dar pontapés” “atirar coisas” “bolachas” “chapadas” “com martelo” P2 “espancam-se” “porrada é porrada” P3 “bofetadas” “empurrões” “agarrar no colega” “agredir seja com o que for” “atirar uma esferográfica” “uma agressão” “bate” P4 “actos no corpo (...) murros, pontapé, usar por exemplo um objeto (...) qualquer coisa”

				<p>P5 “bater” “atirar a mesa” “dar pontapés” “socos” “matar” “puxões de cabelo”</p> <p>P6 “pancadaria” “socos” “bofetadas” “roubam”</p> <p>P7 “Bater uns nos outros” “pontapés” “cabeçadas”</p> <p>P8 “é agredir” “chega lá e dá logo um soco”</p>
		1.2.2 Violência Psicológica		<p>P1 “chamarem nomes” “discriminar (...) por causa da cor da pele (...) do aspeto físico (...) atrasos mentais” “gozarem” “discutir” “garrear”</p> <p>“ameaças” “humilhar”</p> <p>P2 “linguagem inapropriada” “magoar psicologicamente” “ofendendo” “dar ordens, mandar”</p> <p>“ameaçam” “pressão” “controlar”</p> <p>P3 “chamar nomes” “ofender” “insultar” “dzer palavrões”</p> <p>P4 “é mais com palavras (...) rebaixar a pessoa, trata-la mal, humilhá-la”</p> <p>P5 “chamar nomes” “o que as pessoas dizem como palavrões que ofendem” “ameaças” “deixar a pessoa em baixo (...) sinta sem importância, excluindo”</p> <p>“discriminação” “mandar em tudo” “ameaçam” “inventam histórias”</p> <p>P6 “palavrões” “se não me deres aquilo dou-te pancadaria” (ameaça) “tentar por os outros em baixo, dizendo que ele é feio, fraquinho”</p> <p>“afetar o outro psicologicamente”</p> <p>P7 “ameaçam” “intimidam” “são palavras (...) podem difamar a pessoa (...) baixar o Q.I. (...) deixar a pessoa em baixo, sem forças, tristes” “chantagem”</p> <p>P8 “chega ao pé de outra e diz eu vou-te bater” “ameaçando”; “dizer (...) que nós fizemos uma certa coisa que não fizemos, para que os outros fiquem mal com agente”; “dizer mentiras, chamar nomes, dizer palavrões para ofender”; “troça” “gozar com ele”</p>
		1.2.3 Violência Sexual		<p>P3 “entre um maior de idade (...) andar com uma menor” “ele força ela a ter uma relação” “através de tecnologia, da televisão, computadores com pornografia, programas de televisão impróprios”</p>
		1.2.4 Negligência		<p>P3 “se os pais estão ou não a tomar conta dos seus filhos, se estão a vigiar o que estão a fazer”</p> <p>P4 “a falta dos pais, quando não estão presentes”</p>
		1.3.1 Vítima	Passiva	<p>Todos identificaram “a vítima”</p>
	1.3 Protagonistas da violência		Provocadora/ Agressora	<p>P1 “e começam depois a chamar nomes também à outra pessoa” “começam a ficar piores do que aquele que lhes fez mal”</p> <p>P4 “a pessoa que é agredida pode-se revoltar e (...) fazer o que lhe fizeram”</p> <p>P5 “querer se vingar”</p> <p>P6 “podem querer fazer vingança e serem agressores”</p>
		1.3.2 Agressor	Passivo	<p>P1 “fazer aquilo que os outros mandam (...) as vezes são mandados (...)”</p>

			Atípico	P1 “e há aqueles que fazem por opinião, vontade própria” “aquele que manda fazer é pior do que aquele que faz” P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8 “o agressor”
		1.3.3 Observador	Não participativo Participativo	P4 “outras pessoas vêm” P5 “os filhos vêm” P6 “as testemunhas” P8 “ um amigo meu que estava a ver foi a correr pela estrada, atravessou e tudo e foi para aguentar a outra que queria dar”
1.4 Exposição à violência	1.4.1 Direta			Todos identificaram
	1.4.2 Indireta			P1 “agente vê alguém a chamar nomes a uma pessoa, depois (...) vai ficando igual ou pior” P4 “E pode haver outras pessoas que vêm e percebem que o outro é a vítima e aproveitam-se para continuar” P5 “podem levar” P6 “aqueles programas, tipo o wrestling, ainda por cima em crianças elas dizem há deixa-me fazer igual quando eu for para a escola”
1.5 Contextos	1.5.1 Familiar			P1 “a violência está às vezes entre os casais” P2 “pode ser violência doméstica” “entre os familiares” “pessoas espancam-se (...) dão pancadaria (...) magoar psicologicamente (...) linguagem inapropriada, ofendendo (...) mandar no outro” P3 “os pais serem violentos com os filhos, ou brigarem entre si” P4 “com os filhos as vezes é o pai e a mãe” P5 “o pai pode bater na mãe” “os filhos vêm (...) podem levar dos pais” P6 “o pai e a mãe dão na pessoa” P7 “violência doméstica”
	1.5.2 Escolar			P1 “há violência dos alunos para os professores” “alunos (...) chamar nomes aos auxiliares” “dos professores para os alunos” P2 “o bullying” “acontece na escola” “entre os rufias e (...) os nerds, os coitadinhos, mais fracos” “magoam física e psicologicamente (...) e os nerds não dizem nada porque estão sendo ameaçados e têm medo” P3 “Na escola há algumas situações de violência” P4 “o bullying (...) é na escola entre alunos” P5 “bullying (...) medo de voltar à escola” P6 “na escola” “entre duas crianças ou mais” “o bullying” P7 o bullying “acontece mais dentro das escolas” “agressão física e verbal” “sucede-se a partir das ameaças (...) gozar com o modo como ela se veste, como consegue viver o seu dia-a-dia” P8 “o bullying é quando há pessoas sempre atrás de outra, a pressionar a perseguir” (ideia de que é

				sistematicamente “sempre; todos os dias”
		1.5.3 Pares		P2 “violência no namoro” “por causa de algum deles” P5 “namorava com um rapaz e ele era muito agressivo para ela” P6 “no namoro” P7 “eu namorei (...) ele agredia-me, batia-me”
		1.5.4 Comunitário		P1 “os jovens tratam muito mal os idosos” “no supermercado” P6 “No futebol” “entre os jogadores” “na rua (...) entre dois condutores (...) no trânsito” P8 “no futebol”
2. Hipóteses Explicativas	2.1 Ser agressor	2.1.1 Familiares		P1 “o marido não tem tempo para a família (...) faz uma coisa mal feita” “o filho tem uma nota má(...) as mães (...) tentam encubrir, e o pai descobre” “o pai e a mãe começam a discutir (...) a garrear (...) a brigar (...) depois disso vem (...) chapadas” “por causa da droga” “filhos que vêem os pais a baterem (...) depois vão para a escola vão fazer o mesmo” “pensam que também têm de fazer igual” “chamar nomes (...) porque ouviu o outro a chamar” “falta de educação” P2 “não querer acabar o namoro” P3 “as causas podem estar na educação em casa” “na relação entre pais e filhos” “os pais serem violentos com os filhos, ou (...) entre si” P4 “o pai ou a mãe (...) querem que ele, o filho, seja melhor em alguma coisa” “conflitos em casa, não conseguem resolvê-los” P5 “os pais muitas vezes batem neles” “famílias (...) lidam (...) é a pancadaria” (com as dificuldades) “os filhos podem querer fazer igual ao pai” “o machismo” P6 “pelo que eles vêm em casa, por verem o pai a bater na mãe” “tanto é o hábito de verem isso em casa, que eles repetem na escola e em vários sítios” “a mãe e o pai dão na pessoa” ele fica triste ruim desmotivado e depois também dá noutros. P7 “o homem ter problemas no trabalho, beber, consumir drogas e chegar a casa e descarregar nos filhos e na mulher” “partir logo para a violência”; Agredir fisicamente a mulher porque “por ele ela não ficava grávida (...) obrigar a mulher a fazer um aborto ou a abandonar a criança” P8 “quando as coisas não correm bem na família”
		2.1.2 Escolares		P1 “por causa dos testes, para fazer cópias ou poderem copiar” P3 “na escola (...) querer pertencer aquele grupo” P4 “o pai pode achar que o filho tem de ter notas muito boas” P5 “eles têm más notas” P6 “más notas, um mau desempenho escolar” P7 “querem mostrar-se superiores (...) bem sucedidos na escola (...) no ver deles ser os que fazem as piores coisas, que vai para o C.E., faz frente aos professores (...) pode ser (...) a pessoa mais conhecida” “como se fosse uma fama boa” P8 “quando as coisas não correm bem (...) na escola, eles têm de descarregar aquela agressão que têm

				dentro de si em alguém”
		2.1.3 Individuais		P1 “por questões de vingança, porque aquele é melhor do que ele nas notas, (...) dinheiro (...) porque fez queixa dele” “por sentir que é uma pessoa mais fragil, menos esperta, (...) que precisa cuidados” P2 “dificuldades financeiras” P5 “não aceitam certas coisas” P6 “vingança (...) por parte da vítima dos roubos” “inveja” P7 “muito emotivas e não conseguem estar sossegadas sem arranjar confusão, partem logo para a violência, é bater uns nos outros” P8 “já sabe que é mais forte e consegue intimidar as outras”
		2.1.4 Comunitárias		P1 “no supermercado, as pessoas não querem dar tanto por um x de compras e começam a atirar as coisas” P3 “a juventude hoje em dia é mais difícil de aturar” P6 dois condutores (...) estão quase a bater de carro ou bateram, aí um saí e diz palavrões (...) e quase que dá pancadaria” P7 “rapazes do bairro social” P8 “estavam sempre a gozar com ele (..) ele desistiu do futebol”
	2.2 Ser vítima	2.2.1 Familiares		P5 “as mulheres protegem muito os filhos depois quando os maridos descobrem sobra para elas e as vezes para os filhos” P7 “não tem coragem” de ir à policia e fazer denuncia porque “não têm como sustentar os filhos (...) elas próprias”
		2.2.2 Escolares		P4 “o pai pode achar que o filho tem de ter notas muito boas” P6 “más notas, um mau desempenho escolar”
		2.2.3 Individuais		P1 “ mais frágil, menos esperta, (...) que precisa cuidados” “Normalmente cedem à ameaça” “ameaçam porque ele é mais gordo” P2 “a vítima não quer obedecer” P5 Ser visto como “coitadinho” “muitas vezes é muito caladinho não se sabe defender” “cada vez mais os outros têm medo dele e acabam por fazer o que o outro quer” P6 “elas como acham que aquele é o namorado perfeito (...) continua a serem vítimas” Ter “estatuto social e económico” superior ao do agressor
		2.2.4 Comunitárias		
3. Consequências da Violência	3.1 Agressor	3.1.1 Individual		P2 “pode ir para a cadeia” P5 “ir preso” P6 “guerra entre grupos de amigos (...) ameaça que vai chamar o seu grupo” “penas (...) instituição de menores (...) prisão” P7 “consumo de droga e bebida”

			P8 “sentir mais forte” “mais facilmente querer começar uma briga”
		3.1.2 Familiar	
		3.1.3 Escolar	P5 “ir para casa uma semana” P6 “piores notas” “faltam à escola” “tomam drogas” “fumam” “tem mau comportamento na escola” “não obedecem aos professores e funcionários”
	3.2 Vítima	3.2.1 Individual	P1 “morte” “ficar tímida (...) encostar-se no seu canto (...) já não vai ser tão ativa” P2 “pode se suicidar” “pode ficar traumatizada” “não querer conviver mais com as pessoas” P3 “não querer falar com ninguém” “refugiar-se” “esconder ou exprimir-se” “entrar em stress ou sentir angustia” “isola-se” “deixa de querer (...) estar com os amigos, falar com eles” P4 P5 “querer se vingar” “chamar amigos para bater no outro” “ferida” “procurar ajuda com a polícia” “ficar com a vida estragada” “deprimida” “querer se esconder” P6 “parar ao hospital (...) ficam com feridas, em sangue, com nódoas negras” “apresentar queixa” “querer fazer vingança” P7 “difamar (..) baixar o Q.I. da pessoa, deixar a pessoa em baixo, sem forças, triste (...) pode não conseguir regenerar” “leva à loucura (...) provoca problemas psicológicos” P8 “se for uma briga mesmo forte já não tem (...) ou sente à vontade para fazer as coisas”
		3.2.2 Familiar	P2 “acabar com o relacionamento entre a família” “os filhos sofrem e a vítima” P3 “mudança na relação familiar” “deixa de querer falar com os pais” “teme a reação dos pais” P6 “chamam os pais, os irmãos, os amigos” P7 “maus bocados com os meus pais” “ameças após divorcios eu mato-te (...) muitas mulheres chegam a morrer” P8 “se não contar aos pais (...) eles não vão poder ajudar o filho e o filho não os vai conhecer e assim vão se separando” “o filho afasta-se (...) isola-se” “ficam dois desconhecidos”
		3.2.3 Escolar	P1 “as notas vão começar a baixar” P3 “interfere com os estudos” “deixar de querer ir à escola” “prejudica os estudos, prejudica tudo” P5 “medo de voltar à escola” “notas baixem” “desmotivado” “pouca vontade de estudar” “ falta às aulas” “difícil voltar a ser bom aluno” “ficar calado” P6 Interfere com as “notas” “desempenho escolar” “faltar à escola com medo de sofrer de bullying” P7 “problemas na escola” “notas pioram” P8 “as notas baixam (...) não sente vontade de ir para a escola (...) não estuda (...) não tem vontade nem concentração para estudar”

	3.3 Observador			<p>P1 “agente vê alguém a chamar nomes a uma pessoa, depois (...) vai ficando igual ou pior”</p> <p>P5 “podem levar” “em perigo de lhe acontecer alguma coisa” “não vão dizer nada (...) ninguém se quer meter”</p> <p>P6 “as testemunhas não dizem nada, ficam caladas” “não faz o depoimento”</p> <p>P7 “muitas vezes as pessoas tentam intervir e acabam por se magoar (...) professores, contínuos (...) acabam (...) com danos”</p>
4. Emoções	4.1 Vítima			<p>P1 “Raiva”, “ódio”, “rancor”, “detestar”, “egoístas”, “tímidas”</p> <p>P2 “medo” “raiva” “ameaçadas”</p> <p>P3 “sente-se excluída (..) que não é ninguém, não sou bem vista” “gorda” “feia” “medo” “solidão”</p> <p>P4</p> <p>P5 “medo (...) de ser maltratada outra vez” “sozinha” “muito triste” “ninguém gosta dela”</p> <p>P6 “querer (...) vingança” “medo de represálias” “muito triste” “ruim” “desmotivada” “muito medo” “complexo de inferioridade”</p> <p>P7 “sós” “tristes” “nojo da outra pessoa” “medo de levarem mais” “dor”</p> <p>P8 “normalmente sente-se insegura” “fica mesmo com medo” “aquelas que se sabem defender não devem sentir nada” “adrenalina” “nervos” “medo” “infelicidade”</p>
	4.2 Agressor			<p>P1 Grandes, maiores, “que ele é que manda”, “sente-se o maior”, domina, “sente talvez prazer de bater”, vingança.</p> <p>P2 “não sente nada” “o maior” “o mais forte” “melhor do que o outro”</p> <p>P3 “não sente nada”</p> <p>P4</p> <p>P5 “muito grande, o maior” “se castigo (...) pedem desculpa e sentem que magoaram alguém”</p> <p>P6 “medo de sofrer consequências” “contente” “feliz”</p> <p>P7 Sentem-se bem; “raiva” “temperamento descontrolado” “pode tudo” “forte” “prazer e felicidade”; “culpado” quando perde, “menos importante, forte”</p> <p>P8 “raiva” “inveja” “superiores” “mais fortes”, sensação de controlo</p>
	4.3 Observador			<p>P5 “não gostam” “ficam tristes”</p> <p>P6 “medo de represálias” “assustadas porque viram”</p> <p>P8</p>
5. Prevenção	5.1 Vítima			<p>P1 “sessões para as pessoas terem a noção do que é a violência” “pedir ajuda a um amigo (...) professores, às auxiliares”</p> <p>P2 “a vítima não se deve isolar” “não deve cumprir as ordens do agressor” “falar com alguém, mais velho, com a polícia”</p> <p>P7 “apresentar queixa”</p> <p>P8 “não se deve provocar, mas sim ignorar”</p>
	5.2 Agressor			<p>P1 “não se (...) acompanhar de outros que aprenderam aquilo” “pedir desculpa e tentar que aquilo não</p>

				<p>se repita” “o professor (...) avós (...) devem orientar, e dizer a ele não faça isso assim (...)”</p> <p>P3 “maior atenção dos auxiliares, dos professores com os seus alunos”</p> <p>P4</p> <p>P5 “se falassem com alguém mais velho, (...), diretor de turma ou com os pais, (...) talvez alguém o pudesse ajudar” “falar na escola (...) com professores, auxiliares” “fazer queixa aos pais (..) à polícia”</p> <p>P6 “os pais devem ter controlo sobre os filhos” aplicar “castigos (...) privar as pessoas (...) daquilo que gostam (...) internet, telemóvel”</p>	
6. Visibilidade do Fenómeno	6.1 Frequência			<p>P1 “Agente assiste bastantas vezes”</p> <p>P3 “quando alguém me diz algo e eu não gosto, tento sempre refugiar-me”</p> <p>P5 “é uma coisa que está a acontecer cada vez mais”</p> <p>P6 “cada vez existe mais violência quer no namoro, quer na escola, em vários sítios”</p> <p>P7 “fui chantageada, chantageada, chantageada até ao ponto de me massacrar a mim própria”</p> <p>P8 “as pessoas já não se sentem seguras na escola porque estão sempre as ameaçando”</p>	
	6.2 Proximidade	6.2.1 Pessoal		<p>P1 “na minha turma já aconteceu (...) chamarem nomes”</p> <p>P3 “até eu já levei uma bofetada”</p> <p>P4 “eu não me sentia à vontade porque, estava sempre com aquele pensamento, he o que é que vai acontecer lá fora”</p> <p>P6 “eu já fui e já vi outras vítimas”</p> <p>P7 “eu era chantageada”</p>	
			6.2.2 Familiar		<p>P1 “acontece com o meu primo”</p>
			6.2.3 Pares		<p>P4 “com dois amigos meus, os dois são agressores”</p> <p>P5 “sei de alguém que foi agredido”</p> <p>P8 “na equipa onde eu jogo (...) estavam sempre a gozar com ele” “por exemplo, hoje de manhã teve aí uma rapariga que (...)”</p>
			6.2.3 Televisão		<p>P5 “vejo na televisão”</p> <p>P6 “programas, tipo wrestling”</p>

Participante 1 (P1)

Vamos falar sobre violência, como já sabes, estou a fazer uma tese de mestrado e o meu objetivo é tentar compreender quais são as conceções dos adolescentes acerca da violência, o que eles pensam acerca disto. Sabes o que significa, violência?

Então, vou fazer-te umas perguntas para saber o que pensas sobre isto, está bem? É importante perceberes que aqui não há respostas certas nem erradas. Só tens de ser o máximo possível sincero e responder da forma mais completa que souberes.

Estás preparada?

Sim.

Muito bem. Então podes começar por dizer-me o que é para ti a violência?

Para mim a violência não é só bater nas pessoas. Para mim a violência verbal é pior do que bater nas pessoas. Porque normalmente, na minha turma já aconteceu em turmas passadas chamarem nomes aos outros, e eu acho que é pior do que bater.

A violência física pode ser bater, dar pontapés. Discriminar talvez é mais para a psicológica. A psicológica pode ser discriminar, chamar nomes, as vezes por causa da cor da pele, as vezes por causa do aspeto físico da pessoa, por ter atrasos mentais, normalmente acontece muitas vezes, chamarem nomes, gozarem, etc.

A violência está as vezes entre os casais.

Os jovens costumam tratar muito mal os idosos e assim. Normalmente eu acho que a violência verbal é pior do que a física. Há muitos casos de morte por causa da violência.

As vezes o marido não tem tempo para a família, e o pai e a mãe começam a discutir, porque não têm tempo. As vezes pelo marido fazer uma coisa mal feita, eles começam a discutir. As mães tentam sempre, se o filho tem uma nota má, elas tentam encobrir e depois o pai descobre, eles começam a garrear. As vezes por causa da droga, no Cabouco já aconteceu, um miúdo, ele bate no pai e na mãe, porque ele é drogado.

Também há violência dos alunos para os professores.

As vezes no supermercado as pessoas não querem dar tanto por um “x” de compras e começam a atirar as coisas.

As vezes acontece dos professores para os alunos. Com os auxiliares, os alunos começam a chamar nomes aos auxiliares.

Agente assiste bastantes vezes a isso, as vezes é pelas ameaças, se não fizeres vou-te bater, normalmente há aqueles alunos que são mais fortes e dizem dá-me o dinheiro senão vou-te bater. As vezes por causa dos testes, para fazerem cabulas ou poderem copiar. Normalmente eles cedem à ameaça. Isso acontece, acontece com o meu primo que eu já reparei, ele dá dinheiro, aos rapazes que o ameaçam porque ele é assim mais gordo.

Lembras-te de mais?

Não.

Porque é que achas que a violência acontece?

O que faz com que a violência aconteça, talvez a falta de educação. Há aqueles filhos que vêm os pais a baterem uns nos outros e quando vão para a escola vão fazer o mesmo. Eles seguem os exemplos dos pais. Eles vêm aquelas discussões em casa, e depois com aquele aspeto físico e pensam que também têm de fazer igual. Talvez isso.

As vezes as pessoas são violentas mesmo com o seu próprio corpo.

As vezes o filho vê o pai a bater na avó e depois ele vai querer bater na mãe e acontece muitas vezes chamar nomes a outra pessoa porque ouviu o outro a chamar.

Lembras-te de outras causas, que levam à violência?

Não estou a ver agora.

Se te lembrares de mais alguma coisa, podes dizer a qualquer momento, está certo?

Diz-me então, o que achas que acontece depois da violência? Ou que consequências resultam da violência?

Normalmente, depois as pessoas começam a repetir, todos os dias, todos os meses, depois começam sucessivamente mais, mais, mais e mais e depois chega a violência mesmo para bater, já não é só a violência verbal, mas começam a bater uns nos outros. Acho que começa com a violência verbal, depois vai aumentando e começam a bater uns nos outros.

Normalmente a pessoa que vai receber as violências vai começar a ficar mais tímida, vai começar a encostar-se no seu canto, já não vai ser tão ativa como era. As notas vão começar a baixar, isso no caso da escola.

Entre o marido e a mulher, as vezes os maridos começam a bater nas esposas, depois há aqueles casos em que se matam um ao outro. Eu conheço um senhor que ele matou a mulher à pancada, no Cabouco com um martelo, no dia do Senhor Stº Cristo. As vezes os filhos é que interferem na violência entre marido e mulher. Normalmente um diz do tipo, meu irmão bateu-me, vai fazer queixinhas ao papá, e ele começa a brigar com a mãe que esta defendendo o outro e depois disso vem bolachas, as chapadas.

Também há aquela violência que leva para o mau caminho, como a droga e isso assim. Acontece muitas vezes serem influenciados, do género, aquelas pessoas que dizem faz como eu, e as pessoas vão seguindo aqueles exemplos e vão ficando iguais. Agente vê alguém a chamar nomes a uma pessoa, depois o outro que está a ver vai ficando igual ou pior.

Na tua opinião o que achas que as pessoas envolvidas nessas situações sentem?

Na cor por exemplo, eu sou de outra cor e tu estas me a chamar nomes por eu ser de outra cor, não é justo porque tu também não és da mesma cor de que eu, então eu também posso estar te a chamar nomes. Não é justo estar a discriminar outra pessoa por ser de outra cor.

Talvez sintam raiva. E comecem depois a chamar nomes também à outra pessoa. Sente ódio, depois também começa a não gostar das pessoas da outra cor. Sentem rancor aquele ódio mais forte, o detestar, o terrorismo começam a atacar os outros, depois não podem ver um branco à sua frente, começam logo a bater. Talvez comecem a ficar egoístas, a pensar só em si e não nos outros. Ficam tímidas, não querem pedir ajuda, começam a pensar que são os maiores. As vítimas começam a ficar piores do que aquele que lhes fez mal.

Os agressores, talvez por estarem a seguir os exemplos dos outros, também passam a se sentirem que são os grandes, que são maiores do que os outros. Que ele é que manda aqui. Por exemplo quando chega um preto a um grupo de brancos ele chega lá e o branco começa a humilhar o preto, sente-se o maior, porque ele é daquela zona, domina alí. Sente talvez prazer de bater, e fazer aquilo que os outros mandam. As vezes são mandados, e há aqueles que fazem por opinião, vontade própria. Aquele que manda fazer é pior do que aquele que faz. Talvez também sinta por questões de vingança, porque aquele é melhor do que ele nas notas, ou tem mais dinheiro, então também quer-se vingar, ou porque outro fez uma queixa dele, ele vai começar a bater e assim. As vezes pela pessoa precisar de cuidados específicos ele começa a humilha-la. Ou por ele sentir que é uma pessoa mais frágil, menos esperta, ele começa logo a maltratá-la. E é isso.

O que achas que se pode fazer para prevenir a ocorrência da violência?

Talvez haver mais sessões para as pessoas terem a noção do que é a violência, mesmo sobre aquele conceito do que é a violência. Porque as vezes as pessoas pensam que a violência física é pior do que a psicológica mas não é.

Não há um motivo direto para haver violência porque a pessoa já tem informação sobre isso, mas acho que as sessões podiam ajudar.

A pessoa por ver vai querer fazer igual e isso. Se os nossos pais forem violentos um com o outro, nos podemos pedir ajuda a um amigo mais próximo, aos professores às auxiliares.

Deve-se pedir desculpa, e tentar sempre que aquilo não se repita.

Talvez se as pessoas não se fizerem acompanhar tanto, com os outros com que aprenderam isso.

Quando alguém faz algo errado desse tipo, um professor ou tipo os avós fazem muito isso, devem orientar, e dizer a ele não faças isso assim, faz de outra maneira, dizem para não chamar a pessoa de burro, dizer olha da próxima vez já sabes que não é assim que se faz e sim da outra maneira. Agente tem respeito porque eles são seres humanos também.

Participante 2 (P2)

Vamos falar sobre violência, como já sabes, estou a fazer uma tese de mestrado e o meu objetivo é tentar compreender quais são as conceções dos adolescentes acerca da violência, o que eles pensam acerca disto. Sabes o que significa, violência?

Então, vou fazer-te umas perguntas para saber o que pensas sobre isto, está bem? É importante perceberes que aqui não há respostas certas nem erradas. Só tens de ser o máximo possível sincero e responder da forma mais completa que souberes.

Estás preparado? Podemos começar?

Sim.

Muito bem. Então podes começar por dizer-me o que é para ti a violência?

São atos inapropriados para com alguém e também contra os animais. Há diferentes tipos de violência, pode ser a violência doméstica, a violência no namoro, o bullying, que eu me lembre são só esses.

A violência doméstica, acho que é a violência entre os familiares.

O bullying é a violência que acontece na escola.

E a violência no namoro são entre os dois namorados.

As pessoas espancam-se uma a outra, dão pancadaria. Podem magoar psicologicamente, usando linguagem inapropriada, ofendendo o outro. Dar ordens, mandar no outro, e é só.

Podes explicar melhor, como isso acontece?

Dar porrada, é dar porrada, é dar porrada.

O bullying acontece normalmente entre os rufias e os que são mais tipo, os “nerds”, os coitadinhos, mais fracos. Os rufias é que normalmente magoam física e psicologicamente, e os nerds muitas das vezes não dizem nada porque estão sendo ameaçados e têm medo.

No namoro, pode ser por causa de algum deles, normalmente são as mulheres que sofrem mais. Por causa de um querer acabar com o namoro e o outro não quer acabar, e então ameaçam.

Que causas podem levar à violência?

As dificuldades financeiras.

A pressão que uma pessoa faz sobre a outra. Estar sempre em cima dela, a mandar, dizendo nas vés para ali, não fazes aquilo. A controlar. Se a vítima não quer obedecer, dá-se a violência. Acontece muitas vezes a vítima farta-se, falta-me as palavras, e o agressor dá porrada na vítima.

O que achas que acontece depois da violência? Que consequências da violência identificas para estas pessoas que reconheces-te como envolvidos na situação?

A violência doméstica, pode acabar com o relacionamento entre a família, os filhos sofrem e a vítima também.

No bullying a vítima pode-se suicidar. No caso da vítima fazer queixa o agressor pode ir para a cadeia. A vítima pode ficar traumatizada, pode não querer mais conviver com as pessoas.

Muito bem. E lembras-te de mais?

Mais nada.

O que achas que as pessoas envolvidas nessas situações sentem?

Devem sentir medo, raiva do agressor, sentem-se ameaçadas. Têm receio de fazer certas coisas, e é isso.

E o agressor, não sente nada. Pode sentir-se o maior, o mais forte, melhor do que o outro.

Como achas que se pode prevenir essas situações de violência?

A vítima não se deve isolar. Não se deve deixar levar, não deve cumprir as ordens do agressor. Se o caso for grave deve falar com algum, com alguém, mais velho, com a polícia. Vai dizer a situação que se está passando.

Não sei mais.

Lembras-te de mais alguma coisa que queiras referir, sobre o que falamos?

Não consigo dizer mais nada.

Participante 3 (P3)

Vamos falar sobre violência, como já sabes, estou a fazer uma tese de mestrado e o meu objetivo é tentar compreender quais são as conceções dos adolescentes acerca da violência, o que eles pensam acerca disto. Sabes o que significa, violência?

Então, vou fazer-te umas perguntas para saber o que pensas sobre isto, está bem? É importante perceberes que aqui não há respostas certas nem erradas. Só tens de ser o máximo possível sincero e responder da forma mais completa que souberes.

Estás preparado? Podemos começar?

O que é para ti a violência?

A violência pode ser um acto físico ou psicológico, como hei-de explicar, há algo que influencia talvez a pessoa a cometer alguns erros graves.

Explica-me melhor como é a violência física e a psicológica?

A violência física vê-se através de bofetadas, empurrões. Outros exemplos são: agarrar no colega, agredir, seja com o que for, atirar uma esferográfica a uma pessoa, acaba também por ser violência, acaba por ser uma agressão.

A agressão psicológica, pode ser chamar nomes para ofender uma pessoa, insultar, dizer palavrões a alguém.

Outro tipo de violência é o abuso sexual, entre um maior de idade, por exemplo um rapaz maior de 18 anos andar com uma menor. Em que ele força ela a ter uma relação com ele. Também pode ser violência através de tecnologia, da televisão, computadores, com pornografia, programas de televisão impróprios.

Vai depender de se os pais estão ou não a tomar conta dos seus filhos, se estão a vigiar o que estão a fazer. Isso será importante para ajudar.

Porque é que achas que a violência acontece? Que causas podem existir?

As causas podem estar na educação e em casa. Pode estar na relação entre pais e filhos, e entre pais, os pais serem violentos com os filhos, ou brigarem entre si.

Na escola, há algumas situações de violência. Por o querer ser do grupo tal da escola, influencia um bocado isso. Porque o meu amigo acha-se superior e então bate no meu colega, fala mal, etc. então para pertencer aquele grupo vou fazer a mesma coisa.

Lembras-te de mais alguma?

Agora não.

Que consequência achas que podem ocorrer derivadas da violência?

As consequências dependem de cada situação. Se for abuso sexual, isso depende da pessoa, pode se refugiar num sitio e não querer falar com ninguém, não quer falar do assunto e pronto.

A nível de física ou psicológica, também depende da pessoa, se vai querer se exprimir, se vai querer dizer aos pais. Pode se esconder ou exprimir-se e contar a situação para não entrar em stress ou sentir angustia.

Interfere com os estudos. A pessoa deixa de querer ir a escola, estar com os amigos, falar com eles, o tal refugiar-se deles.

Pode dar-se uma mudança na relação familiar, deixa de querer falar com os pais, não quer falar naquele assunto, porque é delicado, e também teme pela reacção dos pais, pensa tipo o que é que vai acontecer depois de eu contar?

E mais?

É isso que eu acabei de dizer.

O que achas que as pessoas envolvidas na situação, sentem?

A pessoa sente-se excluída, sente que não é ninguém, não sou bem vista, que é gorda, é feia, e vai ter medo de ir para a escola, prejudica os estudos, prejudica tudo. Sente solidão. Se os verdadeiros amigos estiverem com essa pessoa é diferente. Mas eu falo pelo meu caso, quando alguém me diz algo que eu não gosto tento sempre refugiar-me, os meus amigos não me ajudam. Se eu não recorrer aos meus pais, não posso recorrer a mais ninguém.

O agressor acho que não sente nada.

O que achas que poderia ajudar a evitar a violência?

O que poderia ajudar a evitar? talvez a maior atenção dos auxiliares dos professores com os seus alunos. Porque alguns professores pensam que aquele aluno nas aulas tem muita atenção, mas no recreio ele é completamente diferente. Eles podem não ver bem o que aquele aluno faz ou é capaz de fazer.

Evitar é difícil, a juventude hoje em dia é mais difícil de aturar. Desconfio que se consiga evitar, pelo que eu vejo é difícil. Toda agente faz o que pode, falam com eles, põem castigos e eles continuam sempre, até eu já levei uma bofetada e apresentei queixa na escola.

Lembras-te de mais alguma coisa que queiras dizer?

Não.

Participante 4 (P4)

Vamos falar sobre violência, como já sabes, estou a fazer uma tese de mestrado e o meu objetivo é tentar compreender quais são as conceções dos adolescentes acerca da violência, o que eles pensam acerca disto. Sabes o que significa, violência?

Então, vou fazer-te umas perguntas para saber o que pensas sobre isto, está bem? É importante perceberes que aqui não há respostas certas nem erradas. Só tens de ser o máximo possível sincero e responder da forma mais completa que souberes.

Estás preparado? Podemos começar?

Sim

O que é violência para ti?

Hmm.. Deixa ver. Uma complicação entre duas pessoas, que é resumida no fim a atos não próprios, que não deviam acontecer.

Como é essa complicação?

É formada por exemplo, do tipo, dizerem uma coisa e o outro não perceber isso gera uma confusão entre eles. Uma confusão é uma coisa mal contada, o facto de dizerem uma coisa sobre uma pessoa e afinal não foi a pessoa que disse aquilo, depois esses desentendimentos geram violência. E violência é violência.

E que mais é para ti a violência?

Ela é física, psicológica e emocional.

Física é através de atos no corpo. Psicológica é mais com palavras, verbal também é a mesma coisa que a psicológica, pode ser também rebaixar a pessoa, trata-la mal, humilhá-la em frente de outras pessoas, esse tipo de coisas.

E que mais?

Admitir que uma pessoa seja uma coisa que não é.

Admitir? Podes explicar melhor?

Por exemplo uma pessoa dizer tu és isso, e a pessoa é obrigada a dizer que é. É forçada a acreditar ou a dizer que é uma coisa que sabe que não é. Muitas vezes são coisas más sobre a pessoa.

A violência emocional é a que eu conheço menos, não sei bem qual é a diferença. Não sei explicar. Essas violências são todas sobre o mesmo assunto mas são feitas de diferentes

formas, a física é por exemplo murros, a verbal é chamar nomes ou psicológica fazer com que a pessoa fique num ponto que já não aguenta.

A física é um murro, chapadas, um pontapé, usar por exemplo um objeto.

Que tipo de objeto?

Qualquer coisa, uma pedra ou qualquer coisa que esteja à mão, uma faca, etc...

Mais alguma coisa?

Não.

Que mais exemplos de violência tu te lembras?

Há violência doméstica também.

Como achas que ocorre?

A violência doméstica pode ser por exemplo entre marido e mulher, por algum desentendimento entre eles, ao longo do tempo vai sempre progredindo e a pessoa já não consegue parar, vai sempre aumentando. E por fim pode ter situações que tipo já não dá para voltar atrás. E depois torna-se um vício acontecer sempre aquilo. E deles para os filhos.

E como é?

Com os filhos as vezes é o pai ou a mãe estarem sempre em cima de uma situação. Por exemplo querem que ele, o filho, seja melhor em alguma coisa e ele não consegue ser devido à pressão que é exercida sobre ele. E depois começam a usar a violência julgando que vai ser isso que vai conseguir fazer com que o filho consiga ser aquela coisa que eles querem que seja.

Um pai pode achar que o filho tem de ter noas muito boas e eu não consigo ser, e eu não consigo, simplesmente não consigo. E o filho não consegue. Depois quando ele vê que o filho não consegue ele arranja outras formas para que ele consiga, usando violência, batendo e muitas mais coisas.

Muito bem. Já falas te de diversas formas de violência lembras-te de mais?

O bullying também. É na escola entre alunos, pode ser uma violência física, psicológica, um aluno ou um grupo de alunos contra outro aluno. E assim...

Há mais pessoas envolvidas?

Há a pessoa que é agredida que é a vítima, depois tem o grupo, ou uma pessoa ou duas que são os agressores. E pode haver outras pessoas que vêm e percebem que o outro é a vítima e aproveitam-se para continuar, como sabem que podem fazer isso eles também começam a fazer, a maltratar o outro. E esta mal.

Lembras te de mais?

Não

E que causas achas que explicam a violência?

Às vezes pode ser conflitos em casa, não conseguem resolvê-los em casa e depois começam a descontrolar-se. Pode ser a falta dos pais, quando não estão presentes.

Como é isso?

Não fazem o que todos os outros pais normais fazem, perguntam todos os dias o que é que fizeram o que não fizeram, se fizeram isto errado se não, se podiam fazer melhor, o que vão fazer amanhã. Isso é seguir a vida de um filho, a vida escolar, ou em casa.

E o que contribui para o problema de violência? Queres dizer exemplos que te lembres?

Por exemplo com dois amigos meus, os dois são agressores. E eles batem porque eles acham que o outro tinha dito qualquer coisas que ele não gostou, para justificar que tinha razão, bateu-lhe. Para se defender.

Quando essas situações acontecem o que achas que acontece a seguir? Que consequências?

Podem ser varias depende da situação.

Podes começar por uma que te lembres.

Por exemplo entre pai e filho se continuar sempre, pode chegar a um ponto que ele já não aguente e pode já se faltar e começar-se a desligar de tudo, pode não se importar e depois já se começa a habituar aquele ambiente de vida que tem e depois para ele já tudo normal, mas na realidade e na sociedade não é. O ambiente de violência que ele está sempre lá, já passa a ser para ele normal. Muitos dos casos nem sequer chegam a ser conhecidos porque escondem, sentem vergonha.

Que mais pode acontecer?

Pode acontecer que alguns comecem a pensar de outra maneira começam a pensar não vale a pena então, porque é que vou continuar assim e então vão entrar por outros caminhos, tipo drogas...

No caso do agressor, muitos são presos, dos casos que são conhecidos, outros demoram anos e anos e nunca acontece nada.

Depois no futuro a pessoa que é agredida pode-se revoltar e pronto fazer o que lhe fizeram, a vítima pode-se vingar da pessoa que é que lhe fez tudo.

Eu acho que os que são agressores também já passaram por isso. E porque já passaram julgam que é correto fazer isso aos outros. As vítimas depois também se tornam assim, dessa forma, também passar a pensar que é correto.

O que achas que as pessoas sentem?

Um pouco de tudo.

Frustração.

Quem?

A vítima sente frustração, por não conseguir parar com esta situação, depois começa a ficar com raiva, como esta sempre com aquilo já está habituado a levar mas pensa epá aquela coisa “isso nunca mais para”? Qualquer coisa do tipo.

E que mais?

Sente-se depois intimidada por todos. Não consegue por exemplo dizer uma coisa e ela dizer que não. A pessoa já faz mesmo aquilo que não quer.

Que mais achas que sente?

Um pouco disso.

E o agressor o que achas que sente?

Não sei.

Tenta imaginar...O que pode ele sentir?

Para muitos pode ser essa situação pode agradar. Exercer força contra uma pessoa que não consegue, podem sentir que conseguem fazer tudo, que são intocáveis.

E mais?

É por aí...

Os familiares, também sentem.

O que sentem?

É mais de conhecerem essas situações tarde e não terem feito nada antes. É mais frustração que sentem penso.

O que pode ajudar a evitar a violência?

Não sei.

O que pode fazer com que não aconteça ou deixe de acontecer?

Não sei mesmo.

Já disseste à pouco por exemplo os pais estarem mais presentes. Que outras formas te lembrás?

Só me lembro dessa.

É por exemplo os contínuos estarem sempre a ver o que se esta passando. Os diretores de turma qualquer coisa que se passasse ajudasse logo, falando orientado, comunicando aos pais.

As consequências na escola muitas vezes é serem suspensos ou expulsos, mas muitos não chega a acontecer nada.

A vítima fica cm medo de ir para a escola, com receio pensa será que amanhã vai-lhe acontecer a mesma coisa. Depois fica envergonhado em frente aos outros alunos, tipo “hê aquele levou ontem”.

Interfere porque depois dentro da escola, nas aulas e tudo a pessoa, eu não me sentia à vontade, porque estava sempre com aquele pensamento “hê o que é que vai acontecer quando eu chegar lá fora”. Não estão pensando nem prestando atenção dentro da sala, depois quando chegam às alturas de fazer os testes e essas coisas assim, não aprenderam nada e chumbam.

Na violência, algum dia, algum pode até morrer.

Como?

A vítima.

Se não é conhecido, se não é seguido, se ninguém sabe. Algum dia pode acontecer alguma coisa. Porque sabendo as pessoas vão conversando, e um dia vai chegar a uma pessoa que vai ter alguma que consiga, ou porque é da comissão de menores. E as vezes, mesmo as vítimas vão ter com as pessoas indicadas. E as pessoas começam a combater esse tipo de situações.

Participante 5 (P5)

Vamos falar sobre violência, como já sabes, estou a fazer uma tese de mestrado e o meu objetivo é tentar compreender quais são as conceções dos adolescentes acerca da violência, o que eles pensam acerca disto. Sabes o que significa, violência?

Então, vou fazer-te umas perguntas para saber o que pensas sobre isto, está bem? É importante perceberes que aqui não há respostas certas nem erradas. Só tens de ser o máximo possível sincero e responder da forma mais completa que souberes.

Estás preparado? Podemos começar?

Gostava que me disseses o que significa para ti a violência? Podes-me dar todos os exemplos que te lembrares.

Para mim, a violência é uma coisa que está a acontecer cada vez mais, porque quase todos os dias eu vejo na televisão ou eu sei de alguém que foi agredido, e isso preocupa-me muito. Mas eu acho que a violência tem haver com o agredir alguém, o bater em alguém ou o chamar nomes à outra pessoa, eu acho que isso tudo é violência. E na televisão aparece muito isso, nas escolas por exemplo, houve aqueles incidentes do tipo um aluno a chamar nomes à professora, ou a professora a agarrar o aluno, pode ser também o contrário.

O contrário como?

Tipo o aluno agredir a professora, eu já vi isso, ou a chamar nomes, com palavras daqueles bem grandes, ou a atirar a mesa para o chão. Isso ouve-se muitas histórias dessas aqui na escola.

Que mais a violência pode ser?

Sei lá, pode ser mais física como o alguém dar pontapés noutra pessoa, ou chapadas, socos. Mas acho que também pode ser mais pelo que as pessoas dizem, como palavras que ofendem a pessoa, ou ameaças do tipo se não derem o que o outro quer então vão levar, ou deixar a pessoa em baixo, fazendo com que se sinta sem importância, excluindo dos grupos, acho que isso é chantagem psicológica.

E que mais achas que é violência?

Eu as vezes vejo histórias na televisão, há duas novela que estão a dar na sic que falam nisso, eu acho que é assim, a violência pode existir na casa das pessoas, do tipo o pai pode bater na mãe, e os filhos vêm e não gostam, ficam tristes, para além disso também pode levar dos pais, toda a família pode ficar sei lá, em perigo de lhe acontecer alguma coisa.

Mas também há violência por discriminação, na outra novela aparece isso tipo rapazes que batem em gays, maricas. Só porque eles são diferentes ou porque gostam de pessoas do mesmo sexo, os outros agressivos acham que lhes podem bater e até matar. Isso não esta certo, ninguém tem direito de fazer isso. Cada um é o que é. E as coisas não se podem resolver com violência.

Eu às vezes tenho medo, porque há certos rapazes que não aceitam certas coisas. Eu tipo tenho uma amiga que namorava com um rapaz e ele era muito agressivo com ela, a maneira de falar, e queria mandar em tudo, no que ela vestia, no que ela dizia ou gostava, isso é demais, ela depois começou a pensar que já tinha medo dele, porque ela já não sabia o que dizer ou fazer ela tipo esperava que ele desse autorização. Isso acontece com outras pessoas também. Acho eu.

Já falaste por exemplo, na violência física, verbal ou psicológica, na violência entre familiares, na escola, entre namorados, por discriminação (sexual), lembraste de mais?

É sempre mais ou menos isso que eu vejo por aí, que eu ouço dizerem. Nós as vezes falamos dessas coisas em DPS, e é mais ou menos isso que disseram.

O que achas poder contribuir para o surgimento destas situações?

Acho que há muito machismo, os homens acho que são mais violentos do que as mulheres. E isso assim, o eles quererem mandar nas mulheres também leva a muita violência. Depois as mulheres protegem muito os filhos e depois quando os maridos descobrem, sobra para elas e as vezes para os filhos. Depois também vejo ao pé da minha casa, a minha mãe diz sempre para eu não ir ao café sozinha, porque são sempre muitos homens a beber, tem sempre homens a porta com cervejas e depois as vezes chegam a casa e batem nas mulheres não percebo porquê. É porque lhes apetece. Eu vejo os rapazes aqui da escola, os que são do bairro, têm menos dinheiro e querem ter as

coisas que os outros têm, e por isso roubam os telemóveis no balneário ou obrigam os outros a dar-lhes os telemóveis, coisas assim.

As mulheres são, também mas é diferente, acho que não é tanto o bater, acho que é mais o chamar nomes, ameaçar que vão falar mal de outras pessoas, para ficarem com os namorados, e depois inventam histórias para eles ficarem chateados. Mas também às vezes acaba com puxões de cabelos umas às outras que eu também já vi disso.

Que outras coisas podem levar à violência?

Na escola, acho que muitas vezes é querer ter o que o outro tem, e custe o que custar a pessoa tem de ter. E depois acho que a pessoa se vê como se fosse grande ou maior do que os outros, e acha que pode tudo e o outro é um coitadinho e muitas vezes a vítima é muito caladinho não se sabe defender e é como eles depois dizem “come e cala, livra-te se disseres a alguém, tu levas uma...”. E depois o agressor vai ficando com fama de que é mais forte e cada vez mais os outros têm medo dele e acabam por fazer o que o outro quer. É mais ou menos isso.

Quando essas situações que referiste atrás sobre violência acontecem, o que achas que sucede a seguir?

Hmm... Tanta coisa.

Diz-me algumas consequências que te lembres referentes às situações de violência que referiste.

Pois, eu acho que quando há bullying por exemplo, a vítima fica muito magoada e triste talvez também como medo de voltar à escola, e de ser agredida novamente pelo bully. Mas isso também pode fazer com que as suas notas baixem, pode ficar mais desmotivado e com pouca vontade de estudar, e também se ele falta às aulas, vai ficando mais atrasado nas matérias e depois vai ficando cada vez mais difícil ele voltar a ser um bom aluno. Mas o problema muitas vezes é eles não falarem, se falassem com alguém mais velho, tipo com o diretor de turma ou com os pais e explicasse que lhe querem fazer mal na escola, talvez alguém o pudesse ajudar. Mas se ele ficar calado ninguém vai saber, mesmo as pessoas e amigos que sabem ou que viram as coisas a acontecer eles não vão dizer nada, porque ninguém se quer meter.

Quando acontecem coisas dessas comigo eu prefiro dizer aos meus pais, para eles me ajudarem, e me acalmarem. Mas há pessoas que não têm confiança com os pais e por isso não dizem nada a ninguém.

Que mais consequências te lembras? Para a vítima.

Também pode querer se vingar. E pode chamar amigos para bater no outro.

E mais?

Mais nada.

O agressor pode ir para casa uma semana, pode ser suspenso, mas ele quando voltar vai fazer o mesmo. Parece que eles não aprendem. E também as famílias deles parece que também lidam com essas coisas é a pancadaria. Tipo eles se têm más notas ou se fazem essas maldades vão para casa e os pais muitas vezes batem neles. E por isso eles também só sabem é fazer isso.

Nos outros contextos que referiste, o que achas que pode acontecer a seguir aos atos de violência?

Nas famílias, se for um adulto ele pode ir preso, pode ter de ficar um tempo preso. A família pode ficar perdida, os filhos podem querer fazer igual ao pai, e aprender a bater nos outros. Podem também entrar na droga, porque podem ficar desorientados com aquela situação, também se calhar vão estudar menos, porque não têm cabeça.

A vítima fica ferida, pode procurar ajuda com a polícia, pode ficar com a sua vida estragada. Pode não querer gostar de mais nenhum homem. Se ela procurar ajuda, as coisas podem melhorar, mas senão acho que pode ficar deprimida, pode querer se esconder com medo de ser maltratada outra vez. Há muitos casos assim.

E que mais? Lembras te de mais?

Não sei agora.

Escolhe uma das situações exemplo. O que achas que sentem estas pessoas, que estão envolvidas, nesta situação de violência?

Acho que a vítima sente muito medo, pode sentir-se também sozinha, triste, muito triste, e sentir que ninguém gosta dela.

Quem dá, acho que se deve sentir muito grande, o maior, mas se for de castigo pode ser, e as vezes acontecem que pedem desculpa e sentem que magoaram alguém e que isso não é bom. Pode acontecer.

O que achas que pode prevenir estas situações?

Falar na escola sobre isso, com os professores, com os auxiliares. Fazer queixa aos pais, e ou também à policia, senão ninguém sabe de nada.

E acho que os castigos deveriam ser maiores, eles deviam ficar sem as coisas que gostam para aprenderem. Só assim, sofrendo ficar sem as coisas é que eles podem perceber que também magoaram os outros.

E que mais? Lembras te de mais alguma coisa?

Os grandes deveriam ir presos, sempre que fazem isso.

Lembras te de mais alguma coisa?

Agora não.

Participante 6 (P6)

Vamos falar sobre violência, como já sabes, estou a fazer uma tese de mestrado e o meu objetivo é tentar compreender quais são as conceções dos adolescentes acerca da violência, o que eles pensam acerca disto. Sabes o que significa, violência?

Então, vou fazer-te umas perguntas para saber o que pensas sobre isto, está bem? É importante perceberes que aqui não há respostas certas nem erradas. Só tens de ser o máximo possível sincero e responder da forma mais completa que souberes.

Estás preparado? Podemos começar?

Sim.

Para ti o que significa violência?

Sei, já aconteceu varias vezes lá na escola, eu já fui e já vi outras vítimas de violência lá na escola.

Então podes me explicar melhor?

Eu acho que a violência é uma coisa que não devia acontecer. É um problema atual, cada vez existe mais violência, quer no namoro, quer na escola, em todos, em vários sítios, em vários espaços.

Existe no namoro, no futebol, e é mais ou menos isso, eu já vi casos de violência nesses sítios.

Na escola, as vezes acontece é entre duas crianças, o bullying. É violência entre duas crianças ou mais. E depois, mas isso não deve acontecer, as vítimas devem fazer queixa ao conselho executivo da escola e para se defenderem, também. Também devia haver mais controlo por parte da escola, pelos diretores de turma.

Deviam aplicar penas mais pesadas, suspensões por exemplo. Acho que isso podia reduzir a violência.

Como é que tu reconheces uma situação como sendo violência?

É por exemplo ver darem mesmo pancadaria na escola, um a dar no outro mesmo socos, bofetadas, palavrões e coisas dessas.

E mais?

Roubam também as coisas às pessoas. Dizem se não me deres aquilo eu dou-te pancadaria, é essas coisas assim. Já me aconteceu isso. E eu fiz queixa aos meus pais e eles resolveram a situação, ligaram para a escola e falaram com a minha diretora de turma que depois falou com a diretora de turma do outro rapaz e é assim que deve ser tratada a situação.

Há a violência física e a verbal, com os palavrões. A psicológica como tentar por os outros em baixo, dizendo que ele é feio, fraquinho, coisas dessas afetar o outro psicologicamente.

E que mais?

Eu penso que são só essas.

E a violência no namoro, como tu referiste, como achas que ocorre?

É porque as vezes as raparigas querem ficar com aquele rapaz, mas os rapazes as vezes para ficarem com elas fazem coisas erradas que não devem fazer. Dão, batem nelas, e depois elas como acham que aquele é o namorado perfeito, o melhor do mundo, elas continuam sempre a levar e a serem vitimas.

Consegues pensar em mais alguma?

Não.

E no futebol?

No futebol há muita violência entre os jogadores, mas isso é normal no futebol. Não devia ser mas é o eu vejo que acontece. Em todos os jogos há sempre picardias entre jogadores, e às vezes leva a situações mais agressivas, e quem intervêm é o arbitro, como na escola também que deia de intervir era o diretor de turma.

Consegues te lembrar de mais alguma forma de manifestação da violência? Já falaste na violência física, verbal, psicológica, no bullying, que ocorre na escola, no namoro, no futebol, lembras te de mais algum?

Eu até já vi na rua, violência entre dois condutores. Por exemplo estão quase a bater de carro ou bateram, aí um saí e diz palavrões ao outro e quase que dá pancadaria o outro. Acontece muita vez no trânsito.

E mais?

Também há aqueles programas, tipo o wrestling, ainda por cima em crianças elas dizem há deixa-me fazer igual quando eu for para a escola. As pessoas vão tentar imitar aquilo, e aquilo nem devia existir. Isso também piora a situação, acho que pode levar a que eles fiquem violentos.

Um por exemplo chama ladrão ao outro e o outro defende-se dando porrada nos outros. Também acontece isso. Há outras coisas mas agora não sei mais.

Quando essas situações de violência acontecem, o que achas que acontece a seguir? Que consequências podem existir por assim dizer?

Depois há umas crianças que chamam os pais, os irmãos, os amigos, depois há aquela guerra entre grupos de amigos. Cada um ameaça que vai chamar o seu grupo de amigos, que as vezes são violentos. Fazem muito isso.

Há o agressor, as testemunhas. Nesses casos já aconteceu comigo, as testemunhas não dizem nada ficam caladas, têm medo que o outro também lhes faça alguma coisa, e então dizem que não viram nada, enquanto na verdade viram. Acho que fazem isso porque têm medo de represálias também.

O que achas que leva ao surgimento de atos de violência?

Pode ser roubos, pode ser vingança também, por parte das vítimas dos roubos que acabam por ser depois agressores a fazer a violência contra as pessoas que roubaram. Acontece isso. Pode ser o simples desentendimento no trânsito. Pode ser chamar palavrões a outra pessoa e a outra pessoa defende-se com mais violência. E...

Na escola como estavas a falar há pouco vês um colega a agredir outro, porque é que achas que isso acontece?

Pode se sentir irritado com a outra pessoa, pode se lembrar de alguma coisa que o outro tenha feito e depois ele dá. São tantas coisas, mas para mim essas são as principais.

Para se ser vítima é preciso que haja um agressor é preciso que seja vítima de agressão, de violência, é isso que acontece.

Lembras te de mais alguma coisa que possa despoletar a agressão?

Pode ser também por inveja. A pessoa pode agredir a outra pessoa vendo que ela tem outro estatuto social e económico, tem outras possibilidades e como a outra pessoa é menos forte economicamente dá no outro, ou seja por inveja. Mas a inveja não é só em relação ao dinheiro há outras coisas.

Mas muito da violência existe por causa do dinheiro. Entre pessoas de mais posses não tanto esse problema. Mas nos bairros sociais, com pessoas de estatutos inferiores e daqui da Lagoa acontece mais violência.

Também pode ser pelo que eles vêm em casa, por verem o pai a bater na mãe. E tanto é o habito de eles verem isso em casa que eles repetem na escola. E em vários sítios. Vêm em casa pensam que é normal e depois fazem fora de casa.

Pode ser também, as vezes por terem até más notas, um mau desempenho escolar, a pessoa está irritada, chega a casa e se tem uma má relação com os pais isso também é muito mau, puxa a violência. Eles começam a brigar entre si.

Podes explicar melhor?

A mãe e o pai dão na pessoa porque teve más notas e a pessoa fica muito triste, ruim, fica desmotivada também e depois dá pancadaria nos outros. E ele vai tendo sempre

piores notas. Ele dá uma vez depois repete mais vezes se não lhe acontecer nada, tipo sanções na escola e coisas dessas, ele depois volta a repetir a pancadaria várias vezes e isso reflete-se nas suas notas. Depois faltam à escola, tomam drogas, fumam, em mau comportamento na escola, não obedecem aos professores e funcionários.

Lembras te de mais alguma coisa?

As vezes existe violência nos jogos porque a equipa que eles estavam a apoiar perdeu, e eles lutam contra os adeptos da equipa que ganhou. Isso acontece mesmo entre crianças. Isso é mau perder, é preciso saber perder e saber ganhar, quem não faz isso recorre depois à violência, porque não está satisfeito com o que aconteceu, tem de ir buscar a violência para ver se ganha alguma coisa ali naquele dia. Acho que eles sentem que ganham qualquer coisa e dizem tipo eles ganharam no campo mas também levaram pancadaria cá fora.

Se não houver punição eles dizem há eu fiz aquilo mas não me aconteceu nada, até fiquei com outro estatuto com os meus amigos. Quem deu fica com fama de ser forte. E ele volta a repetir. Por isso deve haver mais controlo.

Que consequências, achas que poderão advir a violência?

Pode ser ir parar ao hospital. As vezes a violência é tanta que as pessoas ficam com feridas, em sangue, com nódoas negras e tudo.

Estás-te a referir a quem?

À vítima.

O agressor pode ter penas, pode ir parar a uma instituição de menores. Se for maior vai mesmo para uma prisão, se for mesmo violência forte, se houver testemunhas e se a vítima quiser apresentar queixa, porque as vezes não querem e isso também não devia acontecer. Acho que por medo de represálias. Se calhar há vezes que não diz nada porque a seguir vão fazer o mesmo ao outro. As vítimas também podem querer fazer uma vingança e serem agressores.

E mais?

As testemunhas, também podem sofrer consequências. O agressor pode dizer há foste dizer ao diretor de turma que fui eu que deu no outro, pode acontecer isso, e ameaçam, e por isso o testemunha não faz o depoimento.

Lembras te de mais consequência?

Pode haver roubos.

Explica-me melhor...

Há vezes que um dá porrada no outro, porque sabem que foram aqueles que roubaram a sua casa.

E mais?

Pode também haver exclusão social. As pessoas que levam pancadaria ficam excluídas do grupo de amigos por que podem ser considerados como fracos, e não se conseguem proteger. Mas isso as vezes não pode ser assim. Depende da idade do agressor e da idade da vítima, se a diferença for muito grande é pior.

Escolhe uma situação e diz o que achas que as pessoas que estão ali envolvidas sentem?

As testemunhas podem sentir medo, por testemunhar contra a pessoa. Podem ficar assustadas porque viram aquela violência.

O agressor, deve sentir medo também, medo de sofrer consequências, que pode ser castigos ou suspensões.

É isso.

O que achas que o agressor sente quando é violento?

Depende do agressor. Pode ser pode ficar contente, pode ficar feliz por ter dado, pode ficar com medo, depende.

E a vítima sente muito medo também, um complexo de inferioridade por ter sido maltratado. Acho que é isso.

E mais?

O agressor pode se sentir mal com aquilo que fez e pode pedir desculpas à pessoa, se for um caso isolado pode acontecer. Há desculpa eu queria fazer aquilo estava de cabeça quente. Se pedir desculpa tudo bem acho bem. Se ele achar que foi correto então o problema pode voltar a repetir-se outras vezes.

E mais?

Não vejo mais.

E a vítima?

É tudo dentro disso é tristeza, sentem-se muito tristes e isso pode também revelar-se nas notas, no desempenho escolar e é isso. Depois o aluno fica sem motivação, fica desmotivado. Também pode faltar a escola com medo de sofrer de bullying outra vez.

E isso só se resolve passando pelos responsáveis da escola e pelos pais. Se os pais sabem que têm um filho mais problemático, eles deviam ir mais às reuniões e deviam dar mais atenção.

E não estou a ver mais nada.

O que pode ajudar a prevenir a violência?

O controlo das escolas, também deve haver uma intervenção sobre a violência, há aquele programa escola segura. Mas não, aquele programa devia ser mais frequente aquelas prevenções da escola segura e das prevenções. Não há muito, só se vê aquilo quando há porrada, mas não pode ser só isso, devia haver sessões de prevenção e coisas dessas, a prevenção é muito importante principalmente nas escolas, com os jovens que estão a aprender.

O que se pode fazer nessa prevenção?

Pode se aumentar também as sanções. Assim a pessoa sabe que se fizer alguma coisa tem uma maior punição. Também devia haver mais funcionários presentes em vários sítios.

E mais?

Os pais também devem ter controlo sobre os filhos. Podem fazer castigos, violência não porque há muitos pais que recorrem a violência para controlar os filhos. O castigo é muito melhor. Mas o castigo depende da situação, se for uma situação má o castigo deve ser maior. Acho que é assim que se deve controlar.

E castigar é privar as pessoas, as crianças, daquilo que gostam. Por exemplo tirar internet, telemóvel, varias coisas, assim a criança já sabe se fizer aquilo fica sem as coisas que gosta e prefere.

Participante 7 (P7)

Vamos falar sobre violência, como já sabes, estou a fazer uma tese de mestrado e o meu objetivo é tentar compreender quais são as conceções dos adolescentes acerca da violência, o que eles pensam acerca disto. Sabes o que significa, violência?

Então, vou fazer-te umas perguntas para saber o que pensas sobre isto, está bem? É importante perceberes que aqui não há respostas certas nem erradas. Só tens de ser o máximo possível sincero e responder da forma mais completa que souberes.

Estás preparado? Podemos começar?

O que é para ti a violência?

A violência pode não ser apenas violência física, mas também quando estamos a insultar uma pessoa isso também é violência. Podemos ser violentos com palavras, e há pessoas que se sentem mais ofendidas que outras. Acho que temos de ter cuidado com aquilo que dizemos. Mas eu não sou a favor da violência muito menos fisicamente. Acho que não resolve nada, antes falar e por vezes, dizermos o que não queremos do que resolver fisicamente, porque não leva a nada.

O que é para ti a diferença entra a violência física e a verbal?

A violência física são pessoas que são muito emotivas e não conseguem estar sossegadas sem arranjar confusão e partem logo para a violência, é bater uns nos outros, depois ameaçam e por vezes cumprem as ameaças que dizem, há rapazes por vezes muito jovens que são capazes de andar com facas até com armas e ameaçam e eu não estou nada de acordo com isso. Rapazes do bairro social principalmente, andam muito com facas e a polícia não consegue fazer nada lá, ninguém consegue fazer nada. Eles andam com as facas para todo o lado, até para a escola, e isso pode ser perigoso, para além de que ameaçam as pessoas com aquilo, intimidam, e nem a policia os detém.

Já a violência verbal por assim dito, já não é igual, são palavras, que de certa maneira podem difamar a pessoa perante os outros, podem baixar o Q.I. da pessoa, pode deixar a pessoa mais em baixo, sem forças, triste e essa pessoa pode se calhar não ter forças ou não conseguir regenerar e ficar a pensar muitas vezes no que lhe disseram pela vida, não é? Porque há coisas que nos custa ouvir. Devemos ter cuidado com o que dizemos, e não só, porque há certos nomes que podem envolver família e nós não gostamos que envolvam a nossa família em confusões, e por isso deve-se evitar.

Falas-te na violência física e na verbal, recordas-te de mais algum tipo de violência?

A violência psicológica, talvez. Que é quando uma pessoa faz chantagem com a outra, acho que é das piores violências que podem existir porque leva à loucura de uma pessoa, provoca problemas psicológicos nas pessoas. É assim já se sucedeu comigo, graças a deus consegui cortar o mal pela raiz, custou-me um bocado mas, passei uma amizade por assim dita que não é fácil e que eu era chantageada, e para manter essa amizade eu tinha de fazer o que a pessoa queria, e fui chantageada, chantageada, chantageada ao ponto de me massacrar a mim própria e deixar de ter as coisas que eu gostava e a minha própria vida, para que essa pessoa tivesse o que queria. E para mim foi muito mau, passei maus bocados com os meus pais, tive problemas na escola, ao não estar bem mentalmente vai afetar-me em tudo o resto, não vou conseguir ter uma conversa decentemente uma com uma pessoa sem sentir que me estão a provocar. Se passou assim comigo, então também acho que funciona assim para os outros, da mesma maneira, acho que é assim que as coisas se podem passar.

A mental é a pior, a pessoa isola-se mais, qualquer pessoa que tente saber alguma coisa dela para ajudar, essa pessoa vai sentir que se estão a meter na sua vida e vai atacar os outros para se proteger. Acho que sem dúvida é das piores.

Que outros tipos de violência conheces?

O bullying, a violência doméstica.

Podes me explicar em que consistem?

Acontece mais dentro das escolas, consiste na agressão física e verbal de uma pessoa. Porque é assim o bullying sucede-se muito facilmente aqui na escola, porque nos aqui estamos na nossa fase da adolescência, sucede-se a partir das ameaças. Se estamos a falar de um modo verbal, começa por gozar com uma pessoa, gozar com o modo como ela se veste, como ela consegue viver o seu dia-a-dia, porque há pessoas que não têm a mesma capacidade, há pessoas que têm problemas de saúde, ou deficiências e não conseguem. Podem não ter dinheiro para se vestir corretamente, as pessoas são capazes de gozar com o modo como a pessoa se veste, acho que não está correto, porque não somos todos iguais. Ou então se ela se veste daquele jeito, pode não ser por falta de dinheiro, mas por gosta, sente-se à vontade assim, nos temos de andar como gostamos.

E hoje em dia na sociedade em que vivemos e na nossa geração isso não é sequer respeitado.

Já no bullying mais físico partem logo para a violência depois da agressão verbal. A violência física muitas vezes é feita com pontapés, cabeçadas, muitas vezes as pessoas tentam intervir e acabam por se magoar, os próprios contínuos e professores tentam intervir e acabam sempre por sair até com danos dessas historias, porque não sabem resolver as coisas a falar, partem para a violência, porque muitas das vezes querem mostrar-se superiores ou num grupo, ou querem ser bem sucedidos na escola, ser bem vistos, no ver deles ser os que fazem as piores coisas que vai para o Conselho Executivo mais vezes, o que faz frente aos professores mais vezes, pode ser que seja aqui na escola para eles, a pessoa que mais é conhecida. Há tu conheces aquele que fez aquilo... ? Há conheço, toda agente vai conhecer, porquê? Porque ele fez mal e toda agente vai saber. Mas para eles isso é bom, isso é como se fosse uma fama boa. E na verdade não vai trazer sucesso nenhum, não vai, porque ele assim não vai chegar a ser nada e no entanto acaba por prejudicar muita gente e a fazer mal a muita gente, tanto intelectualmente como fisicamente, muitas coisas.

E a violência doméstica?

A violência doméstica normalmente consiste no fato de muitas vezes as famílias darem-se bem mas o homem poder ter problemas no trabalho, beber, consumir drogas e chegar a casa e descarregar nos filhos e na mulher, o que é muito grave. A mulher até pode-se tentar defender verbalmente e não conseguir, e ele vai partir logo para a violência, para cima dela, e ela a senhora não se conseguir defender. Apesar de serem problemas com drogas, bebidas ou o que seja, devia de existir respeito e o pior é que muitas das vezes as pessoas se calhar o que existia antigamente e se calhar ainda continua a acontecer as senhoras muitas das vezes estão em casa a criar os filhos e os maridos que sustentam a casa apesar de tudo, mesmo que elas queiram fazer frente, ir a policia e fazer denuncia não conseguem porque não têm coragem, porque se um dia saírem porta fora, não têm como sustentar os filhos, não têm como se manter a elas próprias. É muito complicado e isso parte tudo do verbal, meche com a cabeça da própria mulher. O agressor pode ter essa personalidade a partir ate de uma doença, porque existe pessoas até com dupla personalidade, é aquilo que se chama. Pode ser pessoas que podem ter tido, que sofreram o bater no passado e que hoje em dia aplicam a mesma regra. E pode ser pessoas que nunca tenham sofrido nada e que simplesmente

para se manifestarem quanto às drogas quanto à bebida, quanto aos seus problemas, e descarregam em cima dos outros. É o que acontece mais hoje em dia.

Que causas podem existir, para explicar como acontece a violência?

Muitas das vezes os conflitos. Os interesses das pessoas serem diferentes, a disputa entre interesses. Muitas das vezes o querer manifestar, manifesta-se mais do que a outras pessoas, sair bem sucedidos. Acho que a maioria das coisas é isso, o querer pisar as pessoas para sair superior, eu quero ser melhor, então eu vou pisar, vou fazer o que for preciso para isso.

E é isso. Eu acho que é assim...

Que consequências achas que derivam da violência?

As pessoas acabam por viver uma vida mais isolada, acabam por se fechar. Fisicamente as coisas curam-se mas cerebralmente as pessoas nunca esquecem o que aconteceu no passado, e acaba sempre por afetá-los de algum jeito. Se calhar se algum dia mesmo que a mulher se consiga livrar do homem que lhe fez mal, que lhe fez passar um mau bocado, um dia para ter outro relacionamento vai ser mais complicado, vai sempre pensar duas vezes, se a pessoa com quem ela está será de confiança ou não. Por um lado é bom é mesmo assim que devemos viver cada dia estarmos atentos aqueles em que podemos confiar, por outro lado é mau porque a confiança nunca vai ser igual vai sempre estar à espera que lhe façam mal, vai estar com medo, nunca vai superar e muitas das vezes causa danos cerebrais, baixa o Q.I. das pessoas, as pessoas ficam muito em baixo as pessoas começam a viver uma vida completamente fechados.

O que queres dizer com o baixar o Q.I.?

Baixa o Q.I. porque normal eu falo por mim, eu tenho muita força para estar aqui, mas se tenho uma nota má eu digo, eu fico mais em baixo e a inteligência também piora. Com as pessoas é o mesmo. Se eu tivesse problemas em casa, se a minha mãe me batessem constantemente eu ia chegar à escola e eu não ia confiar em mim, eu ia baixar a minha atitude, a minha atitude de força, não ia ter força sequer, as notas na escola iam piorar e acontece o mesmo com qualquer outra pessoa. Se nós tivermos uma pessoa que nós até gostamos, pode ser o nosso pai, a nossa mãe o nosso irmão se nos faz esse mal, se nos consegue agredir, chamar nomes e nos afetar de certa maneira a pessoa vai acabar por ficar assim, em baixo...

Que outras consequências te lembram?

Acredito que muitas das vezes a agressão física dá também origem à emigração de pessoas, para fugirem. Muitas das vezes dá origem ao abandono de crianças, que há casais que têm filhos, a mulher sofre agressão física porque por ele, ela não poderia ficar grávida. E o homem obriga a mulher ou a fazer aborto ou a abandonar a criança. Dá origem também a isso. Pode dar origem também ao consumo de droga e bebida, e nisso o homem apanha alguma doença como hepatite ou sida e transmite para a mulher e a criança nasce com o mesmo problema. E não ter futuro nenhum pela frente porque os pais não querem saber. Acho que são os maiores problemas que podem haver, são esses.

O que achas que as pessoas envolvidas nessas situações sentem?

Por experiência própria, eu namorei durante muitos anos, eu tive um ano passado que gostava de se impor ele agredia-me, batia-me, com murros na cabeça. Eu chorava porque gostava dele e porque não sabia se podia falar, se alguém acreditaria em mim. Sentia-me sozinha, nojo dele e ele a seguir dava-me um beijo como se nada fosse. Isto tupo porque eu estava a falar por mensagem de telemóvel com um amigo meu desde pequeno. As coisas resolveram-se porque eu falei com a minha mãe, que depois falou com o rapaz e com a sua mãe. A minha mãe depois levou-me à perícia legal para eu fazer o exame, e para verem os mamelões que eu tinha na cabeça, e ficou provado que eu tinha sido agredida.

Por isso eu acho que as vítimas podem se sentir sós, tristes, nojo da outra pessoa, e medo de levarem mais.

O agressor vai-se sentir culpado principalmente quando perde, mesmo perante a justiça ele abre os olhos e vê que não teve razão. Sente raiva, temperamento descontrolado, sente que pode tudo, mas depois pode ver que não teve razão e que afinal não pode fazer o que quer. Então aí pode sentir-se menos importante, menos forte em relação aos outros.

Podem ser amizades pouco corretas porque as pessoas são influenciáveis, tipo estão no café e um diz eu faço assim e o outro também vai e faz igual, da mesma maneira. A pessoa pode ter momentos de prazer e felicidade enquanto pratica o ato de agressão.

A vítima vai sentir medo, dor e não apenas física mas mentalmente vai ficar muito afetada, muito em baixo, deprimida, acreditando que não é capaz de superar aquilo na sua vida.

Como achas que se pode evitar?

Nós, na sociedade não daria para fazer nada.

Quanto à violência doméstica não faço ideia, depende do casal. Evitar que haja consumos, havendo droga na história.

Quanto ao bullying deve haver castigos para os alunos. Não limpar, porque isso é obrigação, pois eles é que sujam. Mas sim, fiquem fora da escola e perderem o ano. Ou pelas agressões verbais, arranjam uma maneira de os expor para que não se sentissem tao bem com o mal que fizeram.

As coisas sucedem mas é muito complicado de as parar. É difícil porque não dependem da escola, da polícia, depende das pessoas, e que relação vão criar entre um e outro, tem de haver respeito. E eles muitas vezes no falam com respeito. Não dá para existir intervenção de outro meio porque tem de depender da própria pessoa.

Na violência domestica se a pessoa não apresenta queixa a policia não sabe. Primeiro porque quando a pessoa também o faz, sofre ameaças, sobre o filho ou outros familiares, as ameaças estendem-se.

Como assim?

Estendem-se às pessoas de quem gostam, e as ameaças após os divórcios são muitas vezes mais graves como “eu mato-te”. Muitas mulheres chegam a morrer, apos terminarem a relação com os maridos, ou mesmo durante o tempo que vivem juntos.

Lembras-te de mais alguma coisa?

Não. Acho que é isso.

Participante 8 (P8)

Vamos falar sobre violência, como já sabes, estou a fazer uma tese de mestrado e o meu objetivo é tentar compreender quais são as conceções dos adolescentes acerca da violência, o que eles pensam acerca disto. Sabes o que significa, violência?

Então, vou fazer-te umas perguntas para saber o que pensas sobre isto, está bem? É importante perceberes que aqui não há respostas certas nem erradas. Só tens de ser o máximo possível sincero e responder da forma mais completa que souberes.

Estás preparado? Podemos começar?

Gostava que me disseses, o que significa para ti a violência?

A violência é Física ou mental. A física é agredir as pessoas. Há também o bullying que é quando há pessoas sempre atrás de outra, a pressionar a perseguir.

Explicas-me melhor?

O agredir é quando uma pessoa chega ao pé da outra e diz eu vou-te bater, ou chega lá e dá logo um soco.

Também há o falar mal pelas costas das pessoa, de forma a fazer inimigos. Por exemplo dizer as outras pessoas que nós fizemos uma certa coisa que não fizemos, para que os outros fiquem mal com agente. Ao fim de contas pode ser dizer mentiras, chamar nomes, dizer palavrões, para ofender a pessoa.

Há também hoje em dia o *cyberbullying* na internet as pessoas começam sempre todos os dias a agredir verbalmente, escrevendo, sobre as pessoas coisas más. Que fazem com que as pessoas não tenho depois vontade de ir para a escola, e assim.

E mais?

É isso, fica sem vontade de fazer as coisas. Não tenho jeito para essas coisas.

Que coisas?

Tipo essas entrevistas, as avaliações, os trabalhos de grupo, ou sequer os testes.

Está a correr bem. Aqui não há respostas certas nem erradas como eu já te disse. É sim, importante perceber o que tu pensas acerca da violência. Então, gostava de

continuar a perceber o que é para ti a violência? Se calhar há alguma situação ou exemplo que te estejas a lembrar e que te possa ajudar, podes falar-me nela se quiseres...

Por exemplo hoje de manha teve ai uma rapariga que veio a correr atrás de outra que estava a sair da camioneta, para lhe dar. Queria-lhe dar um soco. Mas depois um amigo meu que estava a ver foi a correr pela estrada, atravessou e tudo e foi para aguentar a outra que queria dar. E acabou alí. Mas para mim isso assim dá para ver que é uma situação de violência.

E o que é para ti esse “falar mal por trás das pessoas” que referiste à pouco?

É tipo as pessoas já não se sentem seguras na escola porque estão sempre as ameaçando. É sempre diferente, muitas das vezes fazem essas coisas com um grupo de amigos quando as pessoas estão isoladas. Vão ter com ela e começam a chamar nomes, fazem com que a pessoa que está sozinha se sinta sozinha e que não tem ninguém para ajudar. E eles aproveitam-se disso para maltratar mais ainda.

Falaste em violência física, psicológica, bullying, cyberbullying, conheces mais algum tipo ou forma de violência que queiras partilhar?

Sim. Não me lembro de mais nada.

O que achas que contribui para essas situações de violência?

Às vezes a inveja, muitas vezes as relações os namorados, as namoradas, coisas assim.

Porquê?

Quando por exemplo um trai o outro. A namorada trai o namorado, o namorado fica chateado e normalmente descarrega é no outro rapaz que teve com a rapariga. Vai bater nele.

Explica-me melhor a ideia de inveja.

A inveja é assim, normalmente são os que são mais privilegiados socialmente com um estatuto acima da média, que trazem aquelas coisas caras para a escola, e depois os outros não gostam e acham que essa pessoa está-se a gabar, e pronto, e depois começam a brigar com ele, a praticar bullying em cima dele.

Por exemplo, quando uma pessoa tem uma coisa importante, ou de marca ou assim, e normalmente querem tirar essa coisa à pessoa, e depois o outro não quer e começam uma briga para roubar, é praticamente isso.

E que outras situações que tu conheces levam à violência?

Muitas vezes quando as coisas não correm bem na família e na escola, eles têm de descarregar aquela agressão que têm dentro de si em alguém, então vão ter com alguém e deixam aquelas energias negativas nas pessoas.

Achas que essas situações de violência de que me falaste têm consequências?

Sim.

Que consequências são essas para ti?

Para todos os envolvidos.

Isso depende, o agressor pode se sentir mais forte, e mais facilmente querer começar uma briga, porque já sabe que é mais forte e consegue intimidar as outras pessoas. Mas se a vítima lhe fizer frente, se calhar ele vai deixar de fazer isso tantas vezes. A vítima normalmente sente-se mais insegura, já não tem... tipo se for uma briga mesmo forte já não tem... quando passa pela pessoa fica mesmo com medo, já não tem ou sente à vontade para fazer as coisas.

Interfere, com certeza, com a escola e com a família.

O que achas que acontece em cada uma delas?

A vítima... Na escola as notas baixam, já não sente a vontade de ir para a escola, se calhar antes já não sentia. Mas agora já não quer ir para a escola por causa daquelas pessoas que lhe fizeram mal. Já não estuda e as notas vão para baixo, estraga tudo. Não têm vontade nem concentração para estudar, deixam de conseguir fazer as coisas que faziam.

Se não contar aos pais, os pais vão notar que tem alguma coisa mal, mas nunca vão saber, eles não vão poder ajudar o filho e o filho não os vai conhecer e assim vão-se separando. Acho eu.

O filho afasta-se mais dos pais, isola-se mais. Ficam dois desconhecidos.

Que outras consequências podem existir?

As consequências físicas, ficar com um braço partido ou assim, nódoas negras, coisas assim, a mais grave é a morte.

Já falas-te em diversas possibilidades. Lembras-te de mais alguma coisa?

hmmm

Lembras te de mais algum exemplo?

Na equipa onde eu jogo, havia lá um rapaz que tinha um apelido mais estranho, e estavam sempre a gozar com ele, a fazer troça, e dali a uma semana depois ele desistiu do futebol, o pai ainda foi ao clube tentar resolver as coisas, mas ele já não quis voltar. O rapaz não se soube defender, e é assim para quem não se defende, eles vão sempre em cima ele fica tipo o elo mais fraco e eles aproveitam-se.

A vítima, pode se defender não fazendo caso, ou dizendo coisas para trás. Se agente sabe que o outro é mais forte, e que vai fazer o que diz, não se deve provocar, mas sim ignorar.

Lembras te de mais alguma consequência?

Sei de um rapaz que partiu o dedo. Mas ele era o agressor, deu um soco noutra e partiu o dedo.

O que achas que eles sentem?

O agressor sente raiva, acho que é a principal causa. O que eu já disse também, a inveja, depois, normalmente os femininos eu não sei mas os masculinos querem ter aquela sensação de que são superiores a eles, que são mais fortes do que os outros, querem controlar aquela pessoa e julgo que é isso, simplesmente quer dar dando. Querem danificar, a outra pessoa.

A vítima sente adrenalina, nervos, medo, algumas, algumas não devem sentir nada, tipo aquelas que se sabem defender não devem sentir nada, ficam na boa, as outras que não sabem ficam com medo, sem saber o que fazer.

Durante e depois, sentem infelicidade, também vai sendo mais complicado para eles começar relações novas com outras pessoas. Vão ter medo de aparecer novamente

peças erradas. Por exemplo no cyberbullying são peças desconhecidas, que começam a falar com uma pessoa. Assim vão ter medo de falar com peças novas, vão pensar que lhes vão fazer também mal.

O que achas que ajuda a prevenir situações de violência como essas?

Por exemplo aqui na escola, os funcionários teriam de estar mais alerta, estão todos aqui dentro do edifício, e deviam estar também alguns lá fora. E as vítimas deviam dizer a alguém o que se passa, não evitava aquela vez, mas podia evitar dali para a frente, no futuro, porque alguém lhes podia ajudar e dizer o que deviam fazer. Tipo os pais, os professores, os psicólogos da escola.

O agressor simplesmente tinha de deixar de fazer isso, não sei.

O que achas que podia ajudá-lo?

Também falar a alguém sobre isso, porque é que faz isso, etc.

A ideia é ter sempre alguém perto de nós que nos possa ajudar quando for preciso.

Mais alguma coisa que gostasses de referir ou completar?

Não.